

RYOKI INOUE

A BRUXA



**Título original:** A Bruxa, de Ryoki Inoue

© **Copyright 2000** — edição eletrônica — by Ryoki Inoue

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra, com fins comerciais, por qualquer meio, em seu todo ou em partes, sem a autorização expressa do Autor e da Editora.

**Editoração eletrônica e diagramação**

*Georges Kirsteller*

**Arte da capa:**

*Nicole K.*

CDD — 869.935

CDU — 92-2075

ISBN — 85-86345-223-8

**“Os fenômenos sobrenaturais devem ser interpretados como manifestações de uma naturalidade de ordem mais elevada, à qual os sentidos físicos somente respondem de modo limitado, e a comunicação com esse mundo superior pode ser estabelecida por meio de uma gama de sentidos paranormais que operam junto aos sentidos convencionais, mas que na prática são muito pouco usados.”**

**LOIS BOURNE**

# CAPÍTULO I

Primavera em Paris...

O sol, ao se levantar por trás de Notre Dame, fazia com que seus raios, percorrendo a Rue de la Huchette ao comprido, fosse iluminar diretamente a Place St.Michel. Um pouco adiante, quase paralelo ao sentido da pequena rua, o braço meridional do Sena margeava a Ile de la Cité, carregando barcaças cheias de mercadorias que se dirigiam para o Havre. Do outro lado do rio, podia-se ver a Conciergerie e o Hospital Municipal enquanto a leste, estava o Quartier Latin e o Musée de Cluny.

O chafariz com golfinhos de pedra da Place St.Michel ficava bem em frente ao Café de la Gare, o primeiro estabelecimento a se abrir na manhã para servir os trabalhadores que chegavam pelo subterrâneo e os que, das vizinhanças, engoliam apressados um café com croissants, antes de descerem para o Metrô. Eles passavam diante da banca de jornais à entrada da estação, sem a menor vontade de gastar quatro sous para adquirir um matutino. Afinal de contas, o que estava acontecendo não era tão importante assim que os forçasse a ficar sem o café da tarde apenas para tomarem conhecimento das decisões do governo...

Decisões que nunca levavam em consideração a opinião do povo e que todos sabiam muito bem estarem visando apenas o bolso dos que as tomavam.

Do outro lado da praça, diametralmente oposto ao Café de la Gare, ficava o famoso restaurante Rouzier, sofisticado para levantar suas portas de aço antes de onze horas da manhã.

Desembocando na Place St.Michel, a Rue de la Huchette não tinha mais do que trezentos metros de comprimento e suas casas, antigas, mal conservadas, mostravam bem que seus habitantes eram pobres, pessoas que lutavam com as mais diversas dificuldades

para sobreviver. Ali, naquele pedaço de Paris, o dinheiro curto era uma constante e é até difícil explicar como conseguiam se manter os estabelecimentos comerciais do lugar, uma vez que ninguém dispunha de muito para gastar.

A parte média da rua era cortada, porém sem ser atravessada, por duas outras, ainda menores que ela, a Rue Zacharie e a Rue du Chat qui

Pêche, nome este devido à história de um gato que, antes da Primeira Guerra, ali andava perambulando e roubando de tudo quanto se pudesse comer, especialmente quando o Sena enchia e a água transbordava invadindo as adegas. Dizia a história que o gato era tão esperto que, numa época em que nem mesmo os ratos conseguiam escapar da fome dos humanos, esse bichano conseguiu ficar gordo e... Não ir parar no fundo de uma panela.

Era bem na esquina da Rue Zacharie com a Rue de la Huchette, que ficava o bordel Le Panier Fleuri, cuja proprietária, Madame Mariette, era uma das poucas pessoas com algum dinheiro naquele bairro. É verdade que mme. Mariette sofria muito com a desleal concorrência que lhe fazia Mme. Lanier, a dona da lavanderia em frente, na esquina da Rue du Chat Qui Pêche, um estabelecimento que contava sempre com meia dúzia de robustas moças, muito acessíveis e alegres, que não se incomodavam de maneira nenhuma com o fato de alguns fregueses preferirem esperar que suas roupas fossem passadas enquanto eles se distraíam em atividades que a imensa maioria das mães e esposas costumam reprovar...

Mas essa concorrência, no que pudesse pesar as lamúrias e lamentações de Mariette, não fazia sombra ao movimento de sua casa, sempre bem sortida de moças bonitas e atraentes, sempre com a adega cheia de vinhos de boa procedência e, além de tudo isso, contando com a proteção dos policiais do lugar, permanentemente bem-vindos ao seu salão para um copo de vinho ou de conhaque e bem tolerados entre os lençóis das moças no andar superior...

Mesmo sem gastarem um só tostão. Madame era esperta e sabia que mais valia o apoio, a proteção e a conivência dos policiais do que qualquer dinheiro que eles pudessem querer gastar numa noitada em seu estabelecimento. Madame sabia que a polícia era mal paga e que, de qualquer maneira, não poderiam se dar a grandes luxos...

Isso era justamente o que não acontecia com Madame Lantier, excessivamente antipática para o gosto dos “flics”, por demais sovina para lhes oferecer mesmo que fosse um modesto “pourboire” e sem a sensibilidade de permitir que um deles, numa noite fria de inverno, fosse aquecer os pés na cama de uma de suas empregadas.

Por isso, sempre que podiam, os policiais arrumavam uma maneira de implicar com Madame Lantier e de, no mínimo, deixá-la com raiva e com medo, obrigando-a a fechar a casa por uma ou duas noites.

Prejuízo para a proprietária e alegria para Mariette que, muito agradecida, franqueava sua adega para os policiais e determinava que suas meninas os distraíssem e satisfizessem seus mínimos desejos.



Difícil dizer se essa atitude acabava por significar lucro ou prejuízo pois, via de regra, os homens que costumavam ir à lavanderia de Madame Lantier, nem sequer eram aceitos no bordel de Mariette, exigente demais para deixar que trabalhadores suados e mal-asseados frequentassem seu estabelecimento.

Mariette chegava a ser rude e grosseira com os que insistiam e seus dois homens de segurança, Pierre e Claude, não vacilavam em pôr para fora da casa, aos pontapés, aqueles que tentavam entrar contra a vontade de sua patroa.

— Faça isso para a segurança dos que aqui vêm — dizia Mariette — Meus clientes são pessoas de bem. Não posso permitir que haja uma mistura de classes, não posso deixar que um mendigo queira compartilhar a mesa de um fidalgo!

E, com expressão horrorizada, acrescentava:

— Mesmo porque, em pouquíssimo tempo, eles estariam querendo compartilhar outras coisas, não é verdade? E sabe-se lá que doenças eles podem estar carregando!

Assim dizendo, Mariette voltava a sorrir, contando:

— Como o caso desse maldito Berthelot! É tão sujo que pode estar até com sífilis... Já imaginou se ele resolve aparecer por aqui? Não posso correr o risco! Meneando a cabeça, fazendo balançar os cabelos muito louros, finalizava:

— Por aí você vê como eu tenho razão... Como o asseio e o aspecto físico têm importância... Eu jamais deixei que esse miserável entrasse em minha casa!

Erguendo o nariz, Mariette encerrava o assunto lançando um olhar irado para o outro lado da rua, para a pequena casa encravada entre a lavanderia e a mercearia de Jean-Marie Gounot, a casa onde Berthelot Hoche vivia com a mulher e a filha.

\*\*\*\*\*

Berthelot sabia que Mariette não se cansava de dizer coisas horríveis a seu respeito.

No fundo, ele nada podia fazer, não lhe era dado o direito de contestar suas palavras pois, além de serem verdadeiras, havia os dois gorilas a soldo da cafetina que não lhe deixariam um só osso inteiro no corpo se ele ousasse sequer replicar.



Berthelot era obrigado a calar, a suportar tudo aquilo e ainda por cima, aguentar as admoestações de sua mulher:

— Você não presta para nada, mesmo! Ainda se tivesse dinheiro, nós poderíamos mudar daqui, poderíamos ir para um outro lugar onde fôssemos respeitados!

Judith Hoche tinha toda a razão de reclamar. Com o marido sem ganhar um tostão furado, ela era o esteio da família, vendendo seu corpo para poder comprar comida.

Sim...

Judith Hoche também fazia concorrência a Mariette.

Era uma concorrência ainda mais débil do que a das meninas de Madame Lantier mas... Era uma concorrência e os homens que a procuravam, não iam ao bordel Panier Fleuri...

Com isso, com a autoridade que lhe era conferida pelo fato de ser quem sustentava o lar, a mulher se dava o direito de xingar Berthelot e, às vezes, até mesmo de bater nele.

E Berthelot ficava calado.

Engolia sua revolta, humilhava-se, pedia entre lágrimas que ela parasse de lhe bater e...

No dia seguinte, voltava a pedir dinheiro para um copo de absinto, para o jogo ou qualquer outra coisa que nada tinha a ver com as responsabilidades de um pai de família.

— Você não tem a menor vergonha! — urrava a mulher — Nem mesmo se incomoda com a maneira como faço para que esse dinheiro chegue às suas mãos!

Atirando algumas moedas no chão, acrescentava:

— Tome! Vá beber! Vá jogar até o raiar do dia! Mas, pelo menos, não me incomode, não venha perturbar o meu trabalho!

Berthelot apanhava o dinheiro com um sorriso triste e cheio de revolta...

— Um dia — pensava ele — as coisas vão mudar... E eu terei dinheiro para beber um tonel de conhaque, se tiver vontade, sem ter que lhe dar qualquer satisfação!

Berthelot dizia isso olhando para a filha, então com dezesseis anos de idade e mostrando que herdara da mãe as curvas sensuais, a maneira sedutora de andar e de olhar, e a voz quente, insinuante e tentadora.

Era isso mesmo...

Ali estava a sua esperança, a última coisa com que poderia contar: sua filha!

Ela haveria de lhe render alguma coisa, haveria de ser diferente da mãe... Berthelot haveria de lhe arranjar um casamento, haveria de lhe arrumar um homem que a sustentasse e que lhe fosse pelo menos grato por ter tido participação na existência de uma tão bela mulher...

Ajuntando as moedas, Berthelot ganhava a rua sabendo que não deveria voltar, mesmo que o desejasse, antes da manhã à sua casa, para não atrapalhar o trabalho de Judith.

Um trabalho que no fundo de seu coração ele abominava mas que, ao mesmo tempo, sabia muito bem ser a única maneira de ter o que comer e o que vestir... Ele, Judith e a filha. Mas... Berthelot tinha suas manias... Suas esquisitices.

Berthelot deixava sua casa e, ao contrário do que se poderia esperar, não ia beber nos bares da vizinhança. Ia, isso sim, para os lados do Boulevard St. Germain onde, caminhando por entre os plátanos, chegava a parecer uma outra pessoa, as costas eretas, a cabeça erguida, o olhar altivo e dominador.

Entrava, então num café da Place Saint André e, pouco depois, estava conversando animadamente com algum importante senhor, um desses homens do mundo dos negócios, desses que trazem os bolsos cheios de francos e o coração vazio de amores, a existência completamente sem sal, incapazes que são de pensar em qualquer outra coisa que não o enriquecimento.

Era desses homens que Berthelot gostava.

Achava-os fascinantes, sempre falando em grandes cifras, sempre dando a impressão de que seriam capazes de ter o poder nas mãos um poder tão grande que conseguiriam mudar o rumo da política, mudar o curso dos acontecimentos da nação e, quem sabe, até mesmo do mundo inteiro...

Para o pobre Berthelot, esses indivíduos representavam quase que um papel de deuses e era com um deles que ele queria ver sua filha casada.

Só que...

Nenhum desses homens que Berthelot conhecia era solteiro...

Não que isso incomodasse muito o pobre homem. Ele não via mal no divórcio, muito pelo contrário... Se tivesse dinheiro, já teria mandado Judith para o inferno muitos anos atrás...

Porém, o fato de aqueles indivíduos serem casados atrapalhava um bocado. Se ele quisesse tentar alguma coisa com referência à sua filha, teria de aguardar que o escolhido se divorciasse e, naqueles anos finais da década de 30, o que quer que dependesse da Justiça ou de qualquer



serviço público, seria terrivelmente demorado e complicado, os passos do processo entravados por uma burocracia irracional e por uma manifesta má vontade de todos os funcionários do governo francês.

Berthelot já estava começando a ficar desanimado quanto a arrumar um marido para a filha que lhe desse algum dinheiro sem que tivesse que trabalhar ou que aguentar as palavras duras de Judith, quando conheceu Jacob Fleitcher.

\*\*\*\*\*

Jacob Fleitcher tinha um inconveniente: era judeu...

Naquela época, ser judeu na França não era das melhores coisas do mundo uma vez que havia uma certa tendência germanófila entre muitos franceses e, conseqüentemente, um visível apoio às idéias de Adolf Hitler. Essa tendência fazia com que os descendentes de Abraão fossem discriminados em muitos lugares e em muitas atividades e fazia com que eles sofressem humilhações as mais variadas e, por vezes, privações da pior espécie.

E Jacob Fleitcher, por ser judeu, estava sendo humilhado, perseguido, discriminado...

Era um homem baixo, troncudo, com o pescoço curto e taurino, a pele muito vermelha e os olhos de um verde acinzentado que deixavam ver a tristeza que lhe ia pela alma sem, no entanto, esconder a força de sua determinação e a intensidade de sua revolta.

Quando Berthelot o conheceu, Jacob estava meio embriagado, tentando afogar no fundo de um grande copo de conhaque, os sofrimentos daquele dia e de muitos outros...

— São todos uns desgraçados! — exclamou ele com a voz já um pouco pastosa, a língua grossa e desobediente, parecendo maior que a boca — Se eles soubessem tudo o que tenho, tudo o que sou, jamais me tratariam dessa maneira!

Berthelot estava sentado ao seu lado, no balcão de um café, na Place St. André e, ao ouvi-lo dizer tal frase, interessou-se.

— Você não parece de muito bom humor... — comentou.

O judeu olhou para ele com desprezo e, incapaz de controlar suas palavras devido ao excesso de álcool, falou:

— Não sei porque está interessado... Não vê a cor de meus cabelos? Não vê o formato de meu nariz?

Antes que Berthelot pudesse se refazer do espanto, Jacob completou:

— Será possível que não tenha percebido que eu sou judeu?!  
Berthelot Hoche riu alto.

Batendo nas costas de Jacob, disse:

— Ora, meu amigo! Não seria isso que me faria deixar de trocar algumas palavras com você!

Ficando subitamente sério, acrescentou:

— Principalmente porque estou percebendo que o amigo precisa de ajuda... Eu não seria capaz de deixar de estender a mão a alguém simplesmente por professar uma religião diferente da minha!

Jacob olhou para seu interlocutor com desconfiança.

Ele já tivera diversas experiências e das mais desagradáveis com pessoas que se aproximavam parecendo cheias de boa vontade e que, no fundo queriam apenas arrumar uma maneira de explorá-lo e de persegui-lo ainda mais.

Percebendo o que ia pela mente do judeu, Berthelot voltou a sorrir e sugeriu:

— Vamos tomar mais um copo? Talvez lhe faça bem e ajude a me contar o que está acontecendo...

Pousando amistosamente a mão sobre o ombro esquerdo de Jacob, finalizou:

— Se eu souber de que está precisando, talvez possa ajudá-lo... E desinteressadamente, pode estar certo! Ficarei satisfeito se apenas me convidar a beber consigo...

Jacob suspirou.

Na realidade, o que ele mais estava precisando naquele momento, era de alguém que ouvisse suas lamúrias...

Não poderia contar com os outros judeus pois estes — todos os outros judeus de Paris — o conheciam muito bem e dele não gostavam pois, além de jamais freqüentar a sinagoga, desprezara a mão de Sarah Steiner dizendo abertamente que os pais da moça quiseram forçar o casamento unicamente por estarem falidos e por terem tomado conhecimento do quanto ele possuía... Não poderia encontrar qualquer receptividade entre os não-judeus por razões óbvias: havia o nazismo, havia o colaboracionismo, havia a discriminação com pessoas espalhando boatos dando conta de que os judeus ricos como ele, estavam deixando a França e levando em suas bagagens verdadeiras fortunas em ouro, platina e diamantes.



Fortunas que estariam fazendo muita falta para a França no que dizia respeito aos preparativos para a guerra, um mal que naquela ocasião já dava mostras de ser inevitável.

Jacob ergueu os olhos do fundo de seu copo e fitou longamente o homem que estava ali, ao seu lado, insistindo num relacionamento, em uma troca de palavras e de confidências.

Pareceu-lhe que Berthelot era digno de confiança.

Pelo menos, era um total desconhecido e depois, após aquele dia, as possibilidades de voltar a encontrá-lo seriam mínimas.

Assim, não havia nada de mal em abrir a alma com ele.

Com um menear desalentado da cabeça, Jacob falou:

— Talvez tenha razão... Lavar a alma pode ser que sirva como um bom remédio para mim...

Sorriu, estendeu a mão direita para Berthelot e se apresentou:

— Sou Jacob... Jacob Fleitcher. E acho que vou gostar muito de lhe oferecer uma bebida...

Berthelot sorriu, por sua vez e, depois de sacudir vigorosamente a mão de Jacob, murmurou:

— Está certo... Mas você precisa me contar o que está acontecendo... Sem saber das coisas, não me será possível nem mesmo tentar ajudá-lo!

O judeu fez um sinal afirmativo com a cabeça e, chamando o garçom, mandou-o trazer mais um copo de conhaque, enquanto dizia:

— Acho que hoje tive muitos motivos para ficar aborrecido...

O garçom trouxe as bebidas e Jacob, depois que ele se afastou, prosseguiu:

— Não creio que meu dinheiro seja diferente do dinheiro que os outros trazem nos bolsos...

Voltando a encarar Berthelot, perguntou:

— Ou será que é diferente pelo fato de eu ser judeu?

Berthelot deu de ombros e respondeu, em voz baixa:

— O dinheiro é igual... E isso, no mundo inteiro! As pessoas é que são diferentes...

\*\*\*\*\*

Jacob olhou com raiva para Berthelot e este, com um sorriso apaziguador, apressou-se em dizer:

— Mas eu, por exemplo, não sou ninguém para julgar as pessoas. Não vejo porque tratar um homem de maneira diferente só por causa de sua religião, de sua nacionalidade ou cor...



Muito sério, Jacob murmurou:

— Espero que esteja falando a verdade... Não sou bem exatamente o tipo de indivíduo que aceita brincadeiras, sabia?

Assim dizendo, Jacob olhou para Berthelot e este chegou a sentir um frio na espinha tal era a intensidade daquele olhar.

Com um sorriso sem graça, Berthelot indagou:

— Mas o que aconteceu para deixá-lo assim tão revoltado e tão amargo? Foi mandado embora do emprego só porque é judeu?

Antes que Jacob pudesse responder, Berthelot explicou:

— Têm feito isso, ultimamente... Nós, franceses, parecemos não perceber que os judeus que aqui estão são tão franceses quanto qualquer um que tenha nascido à sombra da Notre Dame!

Jacob riu alto, um riso típico daqueles que já estão começando a se deixar dominar pelo álcool e, depois de tossir um pouco, engasgado com a própria risada, falou:

— Não tenho esse problema, meu amigo... Não tenho patrão para me despedir. Sou dono de meu próprio nariz, tenho uma joalheria perto do Quai des Offèvres...

— Então — disse Berthelot — você não tem muito do que se queixar... Os joalheiros ainda estão ganhando muito com as pessoas querendo transformar jóias em dinheiro antes que a guerra estoure! Você poderão fazer bons negócios e enriquecer ainda mais!

— Não estou me queixando — admitiu Jacob — Pelo menos não estou dizendo nada a respeito de dinheiro...

Sem deixar que Berthelot o interrompesse, o judeu continuou:

— Minha revolta é por causa dessa discriminação...

Baixando um pouco a voz, Jacob completou:

— Hoje fui expulso de um bordel... Imagine uma coisa dessas! Ser expulso de um bordel unicamente pelo fato de ser judeu!

Berthelot olhou surpreso para o outro e, depois de alguns instantes, enquanto Jacob tomava mais um gole de conhaque, ele disse, com ar de reprovação:

— Mas também... A troco de quê você teve que dizer que é um judeu?

Com um sorriso, arrematou:

— Na realidade, você não tem aspecto de judeu... Poderia passar perfeitamente por um irlandês...

Jacob balançou a cabeça negativamente e murmurou:

— Os irlandeses não são circuncidados, meu amigo... Fui

descoberto pela mulher que deveria ir para a cama comigo... E no instante em que tirei as calças!

Berthelot teve que se esforçar para não rir e Jacob prosseguiu:

— Foi uma humilhação... Eu não poderia adivinhar que aquela maldita era germanófila! E ela saiu pelo corredor gritando que não se deitaria comigo pois não queria se contaminar!

Apertando muito os olhos, ele finalizou:

— Tive vontade de matá-la... De apertar seu pescoço com as mãos até ver seus olhos saltarem para fora das órbitas!

Os dois homens ficaram em silêncio por alguns instantes e Jacob, já bastante embriagado, serviu mais conhaque em ambos os copos, dizendo:

— Eu seria capaz de dar uma mala de dinheiro por uma mulher... Mas por uma mulher que se decidisse a ficar comigo, que fosse só minha...

— Você está querendo dizer por uma esposa? — indagou Berthelot, mal acreditando no que ouvia, achando que estava sonhando pois o que aquele judeu estava querendo era justamente o que ele estava querendo arrumar para sua filha — Se é assim, porque não se casa com alguém de sua religião?

Jacob olhou torvamente para seu interlocutor e respondeu:

— Não quero uma judia... Na realidade, eu não me considero muito judeu, não sou um homem religioso e não conseguiria suportar um casamento em que tudo é feito com base em fundamentos bíblicos, em ordens e determinações dos rabinos... Quero uma mulher comum, que não esteja interessada em papéis, em normas litúrgicas, em coisas desse gênero. Quero alguém que não sinta a necessidade de se fundamentar num deus para sentir a felicidade.

Soltou uma gargalhada e encerrou:

— O meu deus é o dinheiro, amigo... Preciso de uma mulher que também pense assim e que saiba prestar a esse deus a sua merecida devoção... Que saiba amá-lo ao invés de gastá-lo!

Berthelot ficou calado, pensativo...

Talvez as coisas começassem a melhorar...

Aquele judeu era simpático, parecia ser saudável e, o que era melhor, parecia estar nadando em dinheiro...

E havia sua filha...

Uma moça bonita e que, se continuasse ali, naquela casa e com aquela mãe, muito provavelmente acabaria indo parar no bordel de Mariette...

Não... Ele não queria isso para a filha. Afinal, aquela menina tinha crescido ao seu lado e, no início, enquanto ela ainda era bem



pequena, tinha sido ele quem trocara suas fraldas enquanto Judith perambulava pelas ruas à caça de... *clientes*. Berthelot não gostaria que ela viesse a sofrer ainda mais e, além disso, se a filha se ajeitasse na vida, com certeza, haveria de ter uma ou outra sobra que ele poderia abocanhar...

Fitando Jacob com intensidade, ele murmurou:

— Acho que tenho a mulher adequada para você, Jacob... E, se é verdade o que me falou a respeito do dinheiro...

Jacob ergueu do copo os olhos baços e, com a voz já bastante embotada pelo álcool, disse:

— É verdade... Poderei lhe dar o dinheiro necessário para você comprar uma casa...

Com um sorriso canalha, acrescentou:

— Mas, é claro que eu precisarei gostar da mulher...

Berthelot olhou o relógio e, vendo que ainda não era meia-noite, falou:

— Se nós nos apressarmos, poderei levar-lhe uma pessoa que, aposto, você jamais trocará por outra enquanto for vivo...

Jacob balançou pesadamente a cabeça e resmungou:

— Está certo... Vou lhe dar meu endereço... Esteja lá antes de duas horas da madrugada... Estarei com o dinheiro à sua espera.

\*\*\*\*\*

Berthelot nem sequer se deu o trabalho de verificar se o endereço fornecido por Jacob era verdadeiro ou não. Segundo o que já conhecia de homens embriagados, a possibilidade de um deles dizer uma mentira quando sob os efeitos do álcool eram muito pequenas. Os bêbados podem até tentar mentir mas dificilmente o conseguem fazer de maneira convincente... Talvez seja nessa assertiva que tenha origem o dito popular de que não se deve confiar em quem não bebe.

Com essas idéias na cabeça e já pensando na soma que haveria de receber, Berthelot voltou para casa.

O mais difícil, imaginava ele, seria convencer a filha...

Ela ainda era bastante infantil e, até onde Berthelot sabia, não tinha qualquer experiência com essa faceta da vida.

Era mais do que claro que não era uma inocente ingênuu...

Bastava ver como era sua mãe para se chegar à “conclusão de



que a moça já ouvira falar — pelo menos ouvira falar — de tudo quanto se deve fazer para atrair um homem...

— Ora! — exclamou, em voz alta, quando chegou à esquina da Rue de la Huchette — Estou me preocupando à toa! Ela é suficientemente inteligente para saber que esse homem poderá lhe dar uma vida bem melhor do que esta que está levando aqui... Basta que saiba como fazer as coisas!

Respirou fundo e, apressando o passo, murmurou:

— Talvez não seja muito bonito tudo isso... Mas é a melhor maneira de conseguir a minha liberdade! Com dinheiro na mão e sem ter que me preocupar com minha filha, poderei ir embora, poderei deixar Judith em definitivo e nunca mais terei que tolerar seus desaforos e suas humilhações!

Chegou à porta de sua casa e, cauteloso, procurou espreitar em seu interior colando o ouvido ao buraco da fechadura, para tentar escutar se sua mulher não estaria, por acaso, na sala, bebendo com um de seus *clientes*.

Não ouviu qualquer ruído e, criando coragem, girou a maçaneta. A sala estava deserta.

Berthelot caminhou nas pontas dos pés pelo pequeno cômodo e foi abrir a porta do quarto da filha.

Esta, dona de um sono muito leve desde pequena, acordou sobressaltada e fixou seus grandes olhos azuis no pai.

— Levante-se — disse este — Arrumei uma vida bem melhor para você.

Tomou fôlego e arrematou:

— Há um homem desesperado atrás de uma esposa. Um homem rico... Você poderá ser feliz e não precisará mais viver num antro como este.

Com um sorriso sem jeito, acrescentou:

— E eu, de minha parte, também poderei encontrar a minha felicidade...

A moça ficou imóvel por um instante, a boca entreaberta, olhando para Berthelot.

Depois, num salto, saiu da cama e vestiu-se, enquanto dizia:

— Acho que alguém ouviu minhas orações, papai... Eu ia fugir amanhã de manhã...

Berthelot franziu as sobrancelhas.

— Por que diz isso, minha filha? — indagou.

— Amanhã à noite, eu deveria começar a trabalhar para Mariette...

— respondeu ela — E deveria entregar todo o dinheiro para mamãe...

Berthelot fez uma careta de desagrado e murmurou:



Você tem sorte... E sua mãe é mesmo uma desgraçada...

Vendo que a filha já estava arrumada, disse:

— Vamos! Não podemos correr o risco de sua mãe chegar e nos encontrar aqui...

— Ela não vai chegar — respondeu a moça — Ela está aí dentro, no quarto, com dois carregadores do mercado...

Berthelot respirou fundo e, pousando a mão no ombro da filha, falou:

— Bem, querida... Isso acabou... Não pense mais nessas coisas, esqueça que um dia teve essa vida, esqueça que teve essa mulher como mãe...Faça tudo bem direito e bem corretamente que você terá todas as chances de ser feliz!

\*\*\*\*\*

Quando Judith abriu a porta do quarto para que seus dois fregueses saíssem, teve a surpresa de encontrar Berthelot sentado na sala, acordado e sóbrio, olhando fixamente para ela.

Os dois homens, um bocado sem jeito e bastante assustados, imaginando que Berthelot pudesse ter um acesso de fúria e cometer um desatino, trataram de dar o fora dali o mais depressa possível.

Tentando ser zombeteira, Judith indagou:

— Mas o que está fazendo aqui? Será possível que nem sequer me deixa trabalhar em paz?

E, sentindo crescer a raiva dentro do peito, acrescentou:

— Não percebe que isso faz com que eu perca clientes? Será que não vê que pode espantá-los?

Berthelot sorriu e, pondo-se de pé, disse:

— Não quero brigar com você, Judith... Vim aqui apenas para buscar minhas roupas... E, para não atrapalhar, esperei que seus... *clientes...* saíssem.

Separando bem as sílabas, completou:

— Não precisarei mais suportar sua cara, seu mau gênio e, o que é mais importante, as suas humilhações.

Judith deu uma risada.

— Não me diga! — exclamou — Você não poderia estar me dando uma notícia melhor!

Apertando um pouco os olhos, ela perguntou:

— E como é que pretende se sustentar? Estou enganada ou

encontrou uma outra idiota que se venda para lhe por comida no prato?

— Não encontrei idiota nenhuma — respondeu friamente Berthelot — Não encontrei nenhuma idiota que se venda por mim ou que venda a própria filha!

Judith fez desaparecer o sorriso de seu rosto e, depois de encarar o marido por um bom momento, rosnou:

— Quando o homem que se tem em casa é um ordinário como você, não restam muitos caminhos...

Antes que Berthelot pudesse contestar, ela falou:

— Mas pode estar certo de que sua filha está muito satisfeita... Ela sabe bem que qualquer coisa é melhor do que...

— Ela não precisará mais seguir os passos de sua mãe — cortou Berthelot — E isso, graças a mim!

Judith olhou atônita para o marido e, só então, percebeu que a porta do quarto da moça estava aberta e que ela não mais se encontrava ali.

— Jeanne! — exclamou ela — Onde está Jeanne?! O que é que você fez para ela, miserável?!

— Não fiz mais do que a minha obrigação de pai... Arrumei-lhe um marido.

Com uma risada, arrematou:

— Fui um pouco diferente de você, rameira... Você apenas arrumou para nossa filha um lugar no prostíbulo! O lugar que você não pode ter pois está velha e acabada demais para isso!

Da garganta de Judith saiu um som que se assemelhava ao rugido de uma fera...

Com as unhas em riste, ela atacou.

— Maldito! — gritou — Mil vezes maldito!

Berthelot sabia-se bem mais frágil que a esposa. Estava perfeitamente consciente que jamais conseguiria segurá-la, que jamais conseguiria impedi-la de feri-lo no rosto com aquelas unhas afiadas que mais pareciam as garras de uma coruja.

Assim, não teve outra alternativa senão enfiar um soco no meio do rosto da mulher...

Colhida no nariz, mais pela surpresa do que pela potência do golpe, Judith jogou a cabeça para trás.

Teve azar...

Perdeu o equilíbrio, escorregou nos farrapos de um tapete que estava no chão e caiu.



Bem que Berthelot ainda tentou impedir, ainda tentou segurá-la, pelo menos puxá-la um pouco para a frente.

Porém, sua força física deixava muito a desejar...

Ele não conseguiu nada a não ser cair por cima dela e, justamente por isso, por estar com a cabeça quase colada à de Judith, ele pode escutar com nitidez o som macabro de ossos quebrando, um som que parecia o de um pote ao se rachar, quando a mulher bateu com a parte de trás da cabeça na maçaneta da porta.

Judith escorregou para o chão, os olhos revirando nas órbitas, o sangue escorrendo de seus ouvidos.

Ela ainda respirou uma ou duas vezes com muita dificuldade e ficou imóvel.

Berthelot não precisou fazer nada para saber que ela estava morta. Bastava ver o aspecto vítreo de seus olhos, o peito paralisado, o busto imóvel, sem o subir e descer da respiração.

— Meu Deus! — exclamou o homem — Eu a matei!

No mesmo instante, passou por sua mente a possibilidade de ir para a cadeia, de não poder aproveitar o dinheiro que Jacob lhe tinha dado com um imenso sorriso de satisfação ao ver Jeanne à sua frente.

— Não serei preso! — gemeu Berthelot, desesperado — Não posso ser preso!

Saiu correndo de casa e, por azar, esbarrou num policial que voltava naquele preciso instante de algumas horas divertidas no Panier Fleuri.

— Ei! — exclamou ele — Onde vai com tanta pressa, Berthelot?

Berthelot não respondeu.

Em pânico, correu rua abaixo, entrou na Rue du Chat qui Pêche e, tentando olhar para trás ao mesmo tempo em que corria, viu que o policial, estranhando sua atitude, tratava de persegui-lo.

Apressou-se.

Viu chegar a margem do Sena, viu a pequena mureta do cais e, achando que seria essa salvação, saltou.

Sabia que atrás da mureta havia uma estreita faixa de areia e era por ali, longe da vista do policial, que ele tencionava fugir.

Porém, Berthelot não podia imaginar que ali, bem no lugar onde caíra, alguém deixara um resto de grade de ferro, em pé e com as aguçadas lanças apontadas para cima.

Berthelot sentiu os ferros varando-lhe as carnes...

Sentiu, de repente um ardor em suas entranhas e, logo em seguida uma intensa falta de ar.

Quis tossir, quis se debater, quis gritar...

Porém nada conseguiu fazer.

O sangue, esvaindo-se rapidamente por quatro grandes ferimentos na barriga e no peito, formou uma poça junto à grade e esta foi a última imagem que Berthelot teve deste mundo que tão cruelmente o havia tratado.

Quando o policial que perseguia Berthelot, mais para saber o que o havia assustado tanto do que para prendê-lo, se aproximou, ele já não mais pertencia ao rol dos seres vivos...

Com asco — afinal não estava acostumado àquelas cenas de violência e sangue — o policial olhou para o cadáver.

— Meu Deus! — murmurou, vendo todas as cédulas que apareciam no bolso do paletó de Berthelot — Onde é que ele conseguiu esta fortuna?!

Olhou para os lados. Não havia ninguém na rua àquela hora.

Ninguém jamais perceberia o que ele estava para fazer...

Rapidamente, o policial apanhou o bolo de dinheiro, meteu-o dentro da túnica e, só depois de tornar a abotoá-la é que pegou seu apito e começou a soprar, chamando a atenção dos moradores da pacata e tranqüila Rue de la Huchette.

Viu que pessoas se aproximavam, algumas ainda em trajes de dormir, avistou o seu colega de plantão no posto policial e, cambaleando como se estivesse sentindo tonturas por causa da visão do sangue, ele se afastou dali, dizendo:

— Preciso tomar alguma coisa... Detesto sangue! Detesto esse tipo de coisa!



## CAPÍTULO II

A cabeça lhe doía ao menor movimento e, quando Jacob tentou mudar de posição na cama, sentiu tonturas, parecendo que o mundo inteiro estava se mexendo.

Aos poucos, as imagens do que acontecera na véspera foram se formando em sua mente e, mais uma vez, sentiu uma raiva surda invadir sua alma.

Lembrou-se dos dois gorilas pondo-o para fora do bordel, pareceu-lhe ouvir, ainda, os gritos da mulher dizendo que ele era mais um dos muitos judeus nojentos que estavam fazendo a França ir à falência...

E, então, ele sentiu o aroma de pão torrado, escutou o barulho de panelas na cozinha.

Franziu as sobrancelhas, intrigado, murmurando:

— Mas... Que diabo...? Estou sozinho em casa! Quem será que está fazendo torradas?

Tentou erguer a cabeça do travesseiro mas a dor voltou, implacável e avassaladora, fazendo-o desistir da idéia com um gemido cheio de sofrimento.

Nesse instante, ele viu surgir, à porta do quarto, aquela moça.

Era muito bonita, não teria mais que dezesseis ou dezessete anos de idade e estava sorrindo para ele, trazendo nas mãos uma bandeja com o desjejum.

— Bom dia! — exclamou ela, alegre — Está melhor?

E, com uma expressão maliciosa, acrescentou:

— Acho que você se excedeu um pouco na bebida, não é mesmo?

Jacob não respondeu.

Limitou-se a olhar espantado para ela, tentando encontrar uma explicação para a sua presença ali.

Sim...

Ela era lindíssima... Possuía olhos muito azuis, os cabelos bem ruivos emoldurando um sorriso que mostrava alguma coisa de misterioso, de terrivelmente encantador. Seu corpo, que ele podia adivinhar sob uma de suas camisas, era bem feito, cheio e generoso e as pernas nuas, muito bem torneadas, a pele lisa e, já aos olhos, macia e quente.

O fato de a moça estar usando à guisa de robe-de-chambre, uma de suas camisas, era mais do que significativo...

Com sacrifício, pois mover a cabeça era algo muito doloroso, Jacob olhou para o lado direito de sua cama.

Não teve qualquer dificuldade em constatar que ela dormira ali, ao seu lado.

O problema estava em Jacob não conseguir lembrar de nada, em não conseguir localizar em seu cérebro ainda embotado pelas muitas doses de conhaque, os acontecimentos da noite anterior.

Não conseguia recordar, por exemplo, de onde ele trouxera aquela moça, de que maneira ela surgira em sua vida.

Era mais do que evidente que não tinha sido de um bordel... Jacob podia não ser dos homens mais experientes em matéria de mulheres, de bordéis e de prostituição, mas tinha conhecimento bastante sobre esse assunto para saber que aquela moça não era uma qualquer... Pelo menos, não tinha o aspecto vulgar das meretrizes que deixavam as casas de tolerância no final da noite para passar algumas horas na cama de algum freguês.

— De onde surgiu você? — perguntou, por fim.

Jeanne sorriu e, sentando-se ao seu lado, na cama, colocou a bandeja sobre os joelhos.

Inclinou-se um pouco para poder servir o chá e esse movimento permitiu a Jacob ver pela abertura da camisa, os seios da moça, jovens, firmes, fartos, os mamilos rosados pontudos, quase que forçando o tecido, parecendo ansiar por liberdade.

— Não se lembra? — perguntou ela aceitou uma torrada em que ela passara manteiga e geléia e murmurou:

— Não... Não consigo me lembrar de nada, a não ser daquela cena deprimente...

Mordeu a torrada e, com a boca cheia, completou:

— Quando me expulsaram do bordel...

Jeanne balançou afirmativamente a cabeça e disse, enquanto acariciava os cabelos de Jacob:

— Eu soube... Papai me contou o que lhe aconteceu.

Com um sorriso carinhoso, falou:

— Mas não deve se preocupar... Você não terá mais necessidade de procurar esse tipo de mulher. Estarei aqui, ao seu lado, a partir de hoje...

Então, Jacob lembrou.

Aquele homem tinha cumprido sua promessa! Tinha trazido a moça!



Abriu a gaveta do criado-mudo e constatou que o dinheiro que ali tinha guardado, desaparecera. \_ \_

— Você o deu para papai — falou Jeanne com um timbre de preocupação em sua voz — Ninguém o roubou, posso garantir!

Jacob pegou outra torrada, tomou um gole de chá e sorriu.

— Tenho certeza disso, moça — disse ele.

Olhando intensamente para ela, acrescentou:

— E algo me diz que eu não vou me arrepender desse investimento.

Mais aliviada, Jeanne murmurou:

— Do que depender de mim, fique tranqüilo... Hei de fazer tudo para satisfazê-lo...

Assim dizendo, ela se inclinou um pouco mais e pousou os lábios sobre a testa de Jacob.

Os dois ficaram calados por alguns instantes e, depois de mais um gole de chá, o homem perguntou:

— Já estive com outros...?

Jeanne sacudiu negativamente a cabeça e respondeu:

— Não... Ainda não estive com homem nenhum.

Maliciosa, completou:

— Nem mesmo com você... Depois que papai foi embora, você dormiu de imediato, parecia até que tinha desmaiado!

Jacob tirou a bandeja do colo de Jeanne e, puxando-a para si, falou:

— Acho que esta madrugada eu poderia ter sido assassinado que nem sequer perceberia a morte chegar...

Acariciou os cabelos muito vermelhos da moça e disse:

— Mas hoje, as coisas serão diferentes, querida... Muito diferentes!

Percebendo que Jeanne ficava subitamente rija em seus braços, Jacob sorriu, sussurrando em seu ouvido:

— Mas não se preocupe... Sei que esta será a sua primeira vez e sei que é preciso ir devagar... Saberei ser paciente e delicado, querida...

Beijou-a e arrematou:

— No mínimo, preciso tomar cuidado com o meu investimento, não é verdade?

Jeanne fechou os olhos enquanto as mãos de Jacob percorriam seu corpo provocando-lhe um delicioso arrepio.

Sim...

Tudo indicava que ela tivera sorte. Muita sorte, na realidade... Já ouvira muitas histórias de outras moças que tinham esbarrado, na sua



primeira noite de amor, com homens rudes, verdadeiras cavalgadas, egoístas a ponto de não pensarem um só instante que aquilo, o amor carnal, é um ato para ser praticado a dois e que a satisfação só existe quando ambos os parceiros conseguem sentir prazer...

Viu Jacob se levantar, avaliando-o com frieza.

Não poderia dizer que ele era um homem bonito. Aliás, bem ao contrário, Jacob estava muito longe de ser ao menos parecido com os príncipes encantados que povoavam seus sonhos de adolescente.

De mais a mais, ele era judeu...

Não que Jeanne tivesse alguma coisa contra os judeus. Isso, de maneira nenhuma! Jeanne não via qualquer diferença numa pessoa simplesmente por causa de sua religião, cor ou raça. Ela apenas sabia que os judeus não eram queridos, sabia que eles estavam sendo vítimas de perseguições e isso sim, a incomodava

Mas...

Jacob era um homem.

Um homem com os bolsos cheios de dinheiro e que poderia muito bem protegê-la, pelo menos evitar que ela tivesse de ir para um bordel onde, com certeza, não teria a menor possibilidade de ser feliz. Jacob a sustentaria, faria com que ela não tivesse de levar o mesmo tipo de vida de sua mãe, obrigada a se deitar cada noite com um homem diferente e isso, quando não era com vários, para poder ter o dinheiro para a sobrevivência.

Sim...

Ela faria de tudo para conservar aquele homem. Faria de tudo para aprender até mesmo a amá-lo e a desejá-lo...

— Você não terá queixas de mim, Jacob — disse ela, ajudando-o a se vestir — Verá que sou perfeitamente capaz de ser a esposa ideal, aquela companheira com quem você sempre sonhou, mesmo sem o saber...

\*\*\*\*\*

Jacob saiu de casa perto de dez horas da manhã, preocupado com o fato de estar tão atrasado e, por isso, mal teve tempo de conversar com Jeanne.

Não me espere para o almoço — disse ele ao se despedir — Mas em compensação, teremos muito tempo à noite...

Jeanne beijou-o delicadamente, desejou-lhe um bom dia de trabalho e ficou vendo o homem, o seu homem, se afastar em passos apressados rumo a St. Germain.

Uma vez sozinha, ela resolveu assumir, em definitivo a posição de dona-de-casa, atividade em que ela estava bem treinada já que Judith, sua mãe, dificilmente acordava antes de meio-dia e seu pai jamais se propusera a ajudar em alguma coisa no serviço doméstico.

Olhou ao redor de si.

A casa de Jacob era grande, até mesmo grande demais para uma pessoa sozinha. Confortável, possuía uma sala ampla, com móveis de gosto duvidoso e que mostravam terem sido comprados em lojas de segunda mão. Porém, por mais feios e anti-estéticos que fossem aquelas poltronas, mesinhas e mais um milhão de pequenos objetos que se encontravam espalhados pelo ambiente, eram muito melhores do que os cacos com que fora obrigada a conviver na casa de seus pais.

Assim, com cuidado e carinho, ela começou a limpar o pó dos móveis, a varrer o chão e a limpar as vidraças das janelas.

Contrariamente ao que sentia em sua casa quando tinha de fazer esse mesmo tipo de serviço, ela estava feliz, cheia de boa vontade e de animação.

Sorriu consigo mesma, constatando que estava assim pura e simplesmente por já considerar aquela casa como sendo sua e aquele homem que saía para o trabalho, como sendo o seu marido... O que era muito diferente de ser obrigada a realizar o trabalho doméstico para seus pais que, no fundo, não estavam nem um pouco preocupados com a sua felicidade.

Por um momento, Jeanne pensou que estava sendo injusta para com o pai. Afinal de contas, tinha sido ele quem arranjava as coisas de maneira a ela poder ter um horizonte novo, a esperança de uma vida melhor. Porém, raciocinando mais friamente, chegou à conclusão que seu pai só tivera aquela atitude por causa do dinheiro que Jacob lhe dera... Em seu íntimo, Jeanne sabia muito bem que, se não fosse por isso, ele jamais teria movido uma só

palha para defendê-la e até acharia muito bom que ela estivesse trabalhando com Mariette pois assim, haveria mais francos para gastar com bebidas, outras mulheres e com o jogo...

Suspirou, pensando:

— Mas isso acabou! Agora, se eu quiser ser feliz, se eu quiser ter uma vida calma e confortável, não precisarei depender de mais ninguém, apenas de mim mesma!

Seu estômago se contraiu quando lembrou que à noite, teria de enfrentar a realidade decorrente do fato de ser mulher e de estar ao lado de um homem...



De um estranho...

Com uma ponta de medo, Jeanne murmurou:

— Sim... Jacob pode estar sendo carinhoso e delicado... Mas será que ele vai ser assim o tempo todo? Será que ele não vai acabar se transformando em uma pessoa egoísta e que queira apenas uma mulher para satisfazer seus desejos e realizar os trabalhos de casa?

\*\*\*\*\*

Enquanto Jeanne se desincumbia da limpeza e começava a tomar consciência de que aquela casa seria a partir daquela data o seu reinado e ao mesmo tempo se deixava corroer pelo medo do que iria acontecer logo mais à noite, Jacob também tinha suas preocupações.

Em primeiro lugar, na verdade, ele não tinha planejado nada daquilo.

Tinha ido, na véspera, a um bordel, tinha sido maltratado e humilhado... Por causa disso, bebera demais e, em sua bebedeira, dissera coisas a um estranho.

Coisas que, de repente, tiveram o dom de modificar radicalmente sua vida, tiveram a faculdade de transformar o seu cotidiano de celibatário, no de um homem casado.

E era justamente isso que o estava pondo nervoso e apavorado. Se, com quase quarenta anos de idade ele ainda não havia se decidido a casar, como poderia se acostumar com o convívio, com a partilha de seu dia-a-dia, de sua vida, com uma mulher que nem sequer conhecia? E, o que era mais grave, com uma mulher que teria idade para ser, no máximo, sua filha?!

Jacob estava cansado de ouvir histórias de seus amigos, de outros homens que tinham passado pela experiência de desposar uma mulher muito mais jovem. Todas as histórias tinham acabado mal, com a mulher traindo o homem, com o homem se desesperando por não conseguir acompanhar o ritmo cheio de energia e de desejo da jovem companheira...

— Isso não vai acontecer comigo — murmurou Jacob — Pelo menos nessa parte, sei que sou perfeitamente capaz de satisfazer qualquer mulher!

Mas...

Jacob não pode deixar de pensar que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde... A impotência aconteceria, a idade chegaria, tão implacável para ele quanto para qualquer outro homem e, então, Jeanne, ainda cheia de vida, cheia de energia e ardor, teria de procurar a satisfação nos braços de outro, mais jovem, ainda capaz de lhe proporcionar aquilo que ele não mais estaria conseguindo.

Sacudiu a cabeça procurando afastar de si tais idéias e, com o pensamento longe, rebelde, tentou se dedicar mais uma vez às contas que estava fazendo.

Logo percebeu que seria impossível. Não conseguia se concentrar no trabalho, chegando mesmo a ver diante de si a imagem de Jeanne vestida com sua camisa, os seios aparecendo, as pernas muito brancas e bem modeladas ali, ao alcance de suas mãos...

Novamente, procurou pensar em outras coisas, procurou desesperadamente empurrar Jeanne para fora de sua mente, buscando uma desculpa para voltar atrás, para retornar ao seu estado de solteiro.

— Nem vou me incomodar com o dinheiro que dei para seu pai — murmurou — Acho que cometi um erro e devo pagar por ele... Mas o erro será muitas vezes maior se eu insistir!

Apertou os lábios, tomando uma decisão.

Ainda não acontecera nada com a moça, ele não a deflorara... Seria até natural que a devolvesse, dizendo para seu pai que não raciocinara direito na véspera, que estava embriagado e que, por isso...

Lembrou-se que Berthelot, no momento em que saíra para ir buscar a filha, dissera que residia na Rue de la Huchette.

Não é longe daqui — pensou — Irei até lá, agora mesmo!

Fechou a loja e, em passos apressados, rumou para a Rue de la Huchette, já ensaiando o que diria para Berthelot, disposto até mesmo a desembolsar mais algum dinheiro só para readquirir a liberdade que estava em vias de perder.

Levou um susto quando chegou ao endereço que procurava. Havia uma verdadeira multidão à porta da casa e vários policiais se acotovelavam com as pessoas, esforçando-se para deixar livre a passagem.

— O que aconteceu? — perguntou a alguém, muito embora já desconfiasse que uma desgraça tinha ocorrido — Por que esse alvoroço todo?

— Foi um crime — respondeu o inquirido — Marido e mulher brigaram, ele a matou e, depois, atirou-se do cais, espetando-se numa grade...

Com medo, não querendo acreditar que estava vivendo aquele momento, Jacob indagou:

— E quem eram, esses infelizes?

— O casal Hoche — responderam-lhe — Berthelot e Judith Hoche... E o interessante é que ninguém encontra a filha deles!

Jacob sentiu uma pontada no estômago.

Uma pontada que se transformou rapidamente em angústia quando alguém disse:



— Pobre moça! Deve ter fugido, desesperada, quando viu o que aconteceu! E agora, ela está absolutamente sozinha, sem ninguém no mundo que a ampare!

Procurando disfarçar da melhor maneira possível o que lhe ia pela alma, Jacob se misturou com as outras pessoas e voltou para casa.

Teria de dar a notícia para Jeanne e teria de procurar resolver com ela aquela situação. — Não vai ser fácil — murmurou — E Jeanne vai se sentir a mais desgraçada de todas as pessoas do mundo quando eu lhe disser que não a quero em casa...

\*\*\*\*\*

Jeanne estava com um pano amarrado à cabeça, uma vassoura nas mãos e um sorriso feliz ao ver Jacob voltar tão cedo para casa.

— O que aconteceu, querido? — indagou ela, esforçando-se para dar à sua voz uma entonação de naturalidade, como se já estivessem juntos havia vários anos e, naquele dia, o marido tivesse resolvido voltar do trabalho muito antes da hora habitual.

Jacob não sorriu.

Olhou intensamente para a moça, seus pensamentos num intenso conflito, sua alma num terrível dilema.

Não estava esperando encontrá-la vestida daquela maneira, como se não fosse mais do que uma faxineira, não imaginava que ela fosse capaz de assumir tão rapidamente o papel de dona-de-casa e isso estava fazendo com que suas idéias se desencontrassem, estava fazendo com que ele inteiro se debatesse em busca de uma resposta sobre o que deveria fazer.

A jovem, percebendo pelo olhar de Jacob que alguma coisa não estava indo bem, cheia de preocupação, repetiu a pergunta:

— O que aconteceu? Porque está com essa cara?

Jacob respirou fundo e, deixando-se cair em uma das poltronas da sala, respondeu:

— Tenho uma péssima notícia para lhe dar, Jeanne... É melhor você se sentar para ouvi-la.

Jeanne estava trêmula quando, desprezando a poltrona ao lado de Jacob, foi se aninhar sobre seus joelhos, dizendo, com voz insegura:

— Só há uma notícia ruim que você pode me dar, querido... E é você não me querer mais aqui...

Jacob sacudiu negativamente a cabeça e, vendo que os olhos de Jeanne se enchiam de lágrimas, murmurou:

— Não se trata disso, mocinha... Creio que a coisa é muito pior do que isso...

Lentamente, com todo o cuidado, procurando escolher bem as palavras e criando a cada uma delas mais um pouco de coragem para continuar, Jacob disse para Jeanne o que acontecera...

Quando ele terminou, ficou surpreso ao ver que nenhuma lágrima escorrera de seus olhos.

Bem ao contrário, ela parara de tremer e, com voz firme, perguntou:

— E o que você tinha ido fazer em minha casa?

Por um instante, Jacob se viu tentado a responder que ele lá tinha ido para tratar com Berthelot de sua devolução. Da devolução de Jeanne como se ela não fosse mais do que uma mercadoria qualquer, que se compra e que se vende, que se devolve quando não se está satisfeito.

Porém, ele não teve coragem para tanto.

Sua voz ficou presa, ele não conseguiu pronunciar uma só palavra e Jeanne, com um sorriso assustadoramente frio, disse:

— Como já lhe falei, a única notícia que poderia ser ruim, seria a de que você não me quer mais... Espero que não seja essa e é para ter certeza disso que eu preciso saber o que você foi fazer em minha casa...

Jacob respirou fundo.

Juntando toda a coragem que ainda lhe restava, ele conseguiu balbuciar:

— Queria agradecer a seu pai... Queria dizer para ele que lhe era muito grato por me ter trazido uma mulher tão...

A voz morreu em sua garganta.

Jeanne sorriu.

Parecia feliz, paradoxalmente feliz mesmo após toda aquela desgraça...

Cobriu os lábios de Jacob com um beijo, a língua se insinuando no interior de sua — Venha, querido — disse ela — Não vejo nenhum motivo para esperarmos a noite... Você já está aqui e acho que não devemos perder mais tempo, não é mesmo?

\*\*\*\*\*

Foi muito difícil para Jacob acreditar que Jeanne de fato era inexperiente. A moça parecia conhecer tudo sobre sexo, parecia estar



simplesmente repetindo atitudes e gestos de que já tivesse amplo e vasto conhecimento.

Ela levou Jacob para a cama e, depois de beijá-lo mais uma vez, começou lentamente a desabotoar sua camisa enquanto pedia, com um sorriso malicioso nos lábios, que ele fosse compreensivo.

— Entenda, querido — disse ela em um sussurro — Para mim estará sendo a primeira vez... Por favor, dê-me um voto de confiança e não se decepcione... Pode estar certo de que eu estarei dando o máximo de mim, estarei fazendo o possível e o impossível para satisfazê-lo completamente!

Jacob estava surpreso e assustado.

Não conseguia compreender muito bem como aquela moça, quase uma menina, ainda, conseguia ser tão fria em relação à morte de seus pais.

Concordava que ela poderia não amá-los... Afinal, pelo que pudera entender e pelo que ele chegara a ver na Rue de la Huchette, a vida de Jeanne jamais seria considerada um mar de rosas, um oceano de felicidades... Porém, mesmo assim, tinha sido sua família que se destruíra! Seria de se esperar que ela ao menos derramasse algumas lágrimas... Mesmo que fingidas, mas seria o natural!

E, no entanto, o que estava acontecendo era justamente o contrário. Jeanne parecia estar mais feliz do que nunca, estava ali, agarrando-o, abraçando-o, mostrando que o desejava e parecia mesmo que enlouqueceria se ele não a satisfizesse!

Jacob ainda tentou perguntar para Jeanne se estava mesmo bem disposta, chegou a lhe dizer que detestava fingimentos e hipocrisias especialmente nessas horas... Mas a moça respondeu que jamais estivera tão bem e que o queria...

— Quero-o como nunca quis qualquer coisa em minha vida, Jacob! — exclamou ela — Quero que você me mostre como é ser uma verdadeira mulher, quero que você me ensine o caminho do prazer e da felicidade...

Jacob não discutiu mais...

Na verdade, não o conseguiria.

Jeanne acabou de desabotoar sua roupa e, com movimentos sedutores começou a se livrar do vestido que estava usando.

Soltou primeiramente as alças sobre os ombros, depois, virando-se de costas para Jacob, pediu-lhe que o desabotoasse.

Àquela altura, Jacob já estava excitadíssimo e a visão do corpo nu de Jeanne fez com que, definitivamente, ele perdesse o controle.

Segurando-a pela cintura, enquanto desajeitadamente tentava fazer cair suas calças, ele a beijou.



Beijou-a primeiro na nuca, afastando-lhe os cabelos ruivos e, acariciando suas costas com a língua, foi descendo até chegar às nádegas de Jeanne.

A jovem sentiu medo, no começo... Já ouvira tanto a respeito da dor que as mulheres sentem quando da primeira penetração... Mas, logo em seguida, esse sentimento foi sendo substituído por um arrepio de prazer e ela passou a ansiar pela continuação daqueles carinhos, começou a desejar, de fato, que Jacob a possuísse..

Sim...

Era verdade o que lhe tinham dito...

Jeanne sentiu uma dor lancinante, como se estivesse sendo rasgada ao meio e, depois...

Depois, essa dor foi dando lugar a uma sensação agradável, a uma impressão de leveza que, aos poucos, foi se transformando em ansiedade...

Numa ansiedade que a moça não conseguia explicar, uma busca constante de alguma coisa a mais e que ela não conseguia atingir.

Quando sentiu que Jacob se esvaziava em seu interior, Jeanne percebeu que ela, na verdade, não tinha alcançado o prazer.

Faltara alguma coisa... Faltara talvez muito pouco mas... Faltara. Ela não chegara lá.

Por alguns momentos, experimentou uma imensa frustração, teve a idéia de que não se completara e isso a deixava até com uma certa raiva de si mesma.

Chegou a pensar em comentar com Jacob mas, esperta, achou que valeria muito mais a pena ficar calada, amargar a sua decepção em silêncio.

Sabia, intuitivamente, que homem nenhum gosta de ouvir que não conseguira satisfazer a mulher.

— Se eu soubesse que era tão bom... — murmurou Jeanne, com um sorriso e abraçando Jacob.

— Se soubesse que era tão bom — falou ele, ofegante — já teria experimentado, não é mesmo?

Jeanne beijou-o sobre os lábios e sacudiu negativamente a cabeça, respondendo:

— Não... Eu teria esperado por você... Teria esperado pelo homem de minha vida, Jacob.

Muito séria, acrescentou:

— Nada acontece por acaso, querido... Se eu pude me manter virgem até agora, é por que o Destino sabia muito bem que eu tinha de ser sua, sabia que teria de ser você a me mostrar como o amor é feito, realmente...



Jacob sorriu...

Olhando intensamente para Jeanne, ele perguntou:

— Você jura que não vai me trair?

— Mas é claro que juro! — exclamou ela, com entonação de revolta em sua voz — O

que está pensando que eu sou?!

Jacob não respondeu.

Beijou-a mais uma vez, cheio de paixão e novamente cheio de desejo e disse:

— Seja assim sempre, Jeanne... Seja assim e eu aposto como não vai ter motivos para se arrepender!

## CAPÍTULO III

Jeanne não poderia se queixar. Jacob era delicado, dedicado, trabalhador e, ao contrário do que ela mesma esperava, não media esforços ou despesas para fazê-la feliz. Costumava dizer que um sorriso de Jeanne valia mais do que qualquer dinheiro do mundo e, assim, não vacilava em tirar a carteira para lhe comprar roupas, jóias ou simplesmente um doce que ela mostrasse desejo de comer.

Por sua vez, Jeanne era esperta. Tinha perfeita noção de limite e sabia quando poderia fazer

um beicinho de criança mimada que deseja alguma coisa e quando deveria dizer que não queria nada, que não queria significar despesas para Jacob.

— Estamos numa situação ruim, aqui na França — falava ela — vale mais a pena economizar, querido... Nunca se sabe o que vai acontecer amanhã...

Parecia até que Jeanne era muito mais velha do que seus dezessete anos de idade, aliás, recém-completados.

O óbvio aconteceu: Jacob passou a amar Jeanne e esta aprendeu a gostar de sua companhia, aprendeu a conhecê-lo muito bem e, dessa maneira, os dois tinham uma vida bastante agradável.

Do ponto de vista profissional, Jacob chegou a ficar surpreso quando percebeu que as coisas estavam indo até melhor do que antes, enquanto ele era um homem sozinho. Provavelmente, pelo fato de ter assumido mais responsabilidades, passara a trabalhar mais e a tomar mais cuidado com os negócios, temendo perder dinheiro, receando ser obrigado a fazer Jeanne passar qualquer espécie de necessidade.

Jacob estava consciente de que ela se tornara muitíssimo importante em sua vida. Só a comodidade de ter tudo em casa perfeitamente controlado pela companheira, já era uma maravilha. Porém, ainda mais do que isso, o fato de não mais precisar se sujeitar a humilhações em bordéis e de não ter que correr o risco de ficar doente apenas para satisfazer seus anseios sexuais, já era mais do que motivo para que Jacob respeitasse e quisesse bem àquela moça.

Como se não bastasse, Jeanne estava mostrando que era capaz de ser a mulher dos sonhos de qualquer homem.

E isso, em todos os sentidos.

Ela fazia Jacob se sentir satisfeito sob todos os aspectos, quer domésticos, do ponto de vista da organização do lar, quer sob o aspecto meramente sexual...

Mas, se Jacob estava mais do que satisfeito, o mesmo não se dava com Jeanne.

Era bem verdade que ela não tinha o menor motivo para se queixar. Jacob supria as suas mínimas necessidades materiais e, em nenhum momento deixara de ser atencioso ou deixara de manifestar a paixão e o desejo que sentia por ela.

E era justamente aí que Jeanne não estava feliz...

No campo de batalha em que se transformava a cama do casal praticamente todas as noites, ela estava sendo derrotada. Jacob se esforçava, se desdobrava, bufava e gemia...

Não se poderia dizer que ele era inexperiente, incompetente ou o que quer que fosse. Muito pelo contrário, aliás.

Mas, apesar de todo o esforço de Jacob, Jeanne não conseguia atingir a plenitude do prazer.

Faltava sempre alguma coisa, parecia-lhe faltar vencer mais um ou dois degraus para que pudesse chegar ao êxtase, para que pudesse se sentir realizada e satisfeita.

E Jeanne não queria contar a Jacob esse seu problema.

Com o passar do tempo, ela foi se acostumando, foi achando que era assim mesmo e que as outras mulheres com quem conversava a respeito dessas coisas, mentiam ao descrever as sensações maravilhosas que experimentavam.

Para ela, o ato sexual era agradável, ela sentia uma porção de coisas mas...

Continuava incompleto e, enquanto Jacob virava para o lado e adormecia, cansado e satisfeito, ela ficava rolando na cama, o corpo ardendo de desejo, a alma frustrada e revoltada consigo mesma por não ter atingido o orgasmo.

Era nesses momentos, enquanto Jacob roncava, que ela tentava, de todas as maneiras descobrir, ela mesma, a forma de atingir o prazer.

Marianne, uma sua amiga, dissera-lhe muito confidencialmente — e fora a única a confessar — que só chegava ao orgasmo assim,

trabalhando seu corpo ela mesma...

E Jeanne tentou imitá-la.

Sem qualquer sucesso.

As sensações se repetiam, talvez de uma maneira um pouco mais intensa, mas... Jamais chegava ao clímax.

Por fim, desanimada, aborrecida consigo mesma, ela acabava por dormir e...

Aí sim, em seus sonhos, ela conseguia atingir o orgasmo.

Sonhava que um homem muito bonito e muito forte a agarrava e, apesar de seus esforços para impedi-lo, acabava possuindo-a, acabava fazendo com ela coisas incríveis, indescritíveis...

No começo, Jeanne se opunha mas, depois que ele iniciava os carinhos, ela se abandonava aos seus caprichos e vibrava... Sentia vibrar cada um de seus nervos, sentia as contrações espásticas dos músculos e não foram poucas as vezes que Jacob a acordara, preocupado, dizendo que ela estava gemendo.

Quando despertava, Jeanne sorria e, erguendo os ombros, dizia, para si mesma:

— Bem... Pelo menos assim... Afinal de contas, de uma maneira ou de outra, consigo chegar lá...

E passava o dia inteiro com a imagem do belo e estranho cavalheiro que a visitara durante o sonho e com a lembrança, em seu corpo, de todos os carinhos recebidos...

Uma lembrança que a deixava excitada como se ele ainda estivesse ali, a acariciar seus seios, suas coxas, seu ventre.

\*\*\*\*\*

Enquanto Jeanne e Jacob iam vivendo e progredindo tanto materialmente quanto na estabilidade de seu relacionamento, a França ia de mal a pior.

Aliás, era a Europa que ia mal...

Hitler iniciara sua marcha, avançara sobre a Polônia e prosseguira...

A França, ameaçada... Os presunçosos e esnobes gerais franceses garantindo que jamais os alemães conseguiriam invadir o solo gaulês.

Mas as coisas não se passaram como eles estavam prevendo e os ataques tiveram início, como que preparando o terreno para a invasão germânica.

Na noite do primeiro alarma antiaéreo, Jacob e Jeanne correram com

mais de duas centenas de pessoas, para o número 7 da Rue de la Huchette.

Jamais eles conseguiriam explicar a si mesmos o que estavam fazendo ali, por que diabos tinham voltado para a rua onde a jovem passara tantos anos tão difíceis e tão infelizes de sua vida...

O fato é que eles ali se encontravam e, quando as sirenas começaram a tocar, acompanharam a massa que corria em busca de abrigo no subterrâneo do número 7 que, segundo a Defesa Civil, tinha capacidade para abrigar pouco mais de oitenta pessoas.

Ora, na correria para buscar proteção, mesmo não havendo bombas, mas com as sirenes gritando, com a expressão apavorada das pessoas e o permanente medo da utilização pelos alemães dos terríveis gases venenosos, não havia a menor possibilidade de se controlar o número de pessoas num abrigo.

Assim, no número 7 da Rue de la Huchette, seguramente naquela noite havia mais de duzentas almas, todas desesperadas, quase em pânico, como se estivessem esperando que, de um momento para o outro, a morte ali surgisse e começasse a fazer uso de seu alfanje.

Muito juntos, abraçando-se como se um pudesse proteger o outro e como se um quisesse buscar a segurança que porventura emanasse do outro, Jacob e Jeanne acomodaram-se da melhor maneira possível num canto do abrigo.

Jeanne vivera por dezessete anos ali na Rue de la Huchette e isso fazia com que fosse conhecida...

Aliás, não havia quem não soubesse quem ela era uma vez que sua beleza e, é claro, a atividade de sua mãe bem como a ociosidade de seu pai, marcaram-na como uma habitante diferente da rua.

Diferente para todos e...

Desejada por alguns.

Como, por exemplo, por Claude Jolas, funcionário dos Correios e que, desde sempre, alimentara por Jeanne um desejo dos mais intensos e que se sentira terrivelmente frustrado quando soubera que ela estava vivendo com Jacob.

Com um judeu!

Para Claude, um homem de tendência germanófila, aquilo era um verdadeiro absurdo.

Precisou se controlar quando viu Jeanne, a musa de seus sonhos abraçada a Jacob.

Sua vontade era de ir até onde os dois se encontravam e tirar aquele judeu do abrigo aos pontapés.



Porém, ele se conhecia... Sabia que não poderia jamais ser considerado um homem forte ou mesmo, apenas valente. Era, isso sim, franzino, frágil e bastava olhar para Jacob para ter certeza que acabaria apanhando se tentasse qualquer coisa.

Viu, cheio de revolta, os dois se beijando, viu-os se acariciando e tentando se reconfortar mutuamente...

Aquilo fez com que começasse a tremer de raiva e, lançando um olhar invejoso para o casal, pensou:

— Você ainda será minha, Jeanne... E há de esquecer esse maldito judeu!

\*\*\*\*\*

Naquela época, as opiniões na França a respeito de Hitler, eram as mais diversas. Havia os que afirmassem categoricamente que Hitler queria a paz com os franceses, havia os que diziam que ele não passava de uma raposa traiçoeira e que, com a implantação dessa dúvida não estava fazendo mais que minar a união entre os franceses para, depois, mais facilmente dominar o país.

Com o alarma de março de 1939, alarma este que forçara a mobilização de toda a França para logo em seguida se espalhar a notícia de que mais uma vez a guerra fora evitada — a primeira vez fora em setembro de 1938 — o sentimento de alerta começou a arrefecer e a confiança dos militares aumentou muitíssimo. Dizia-se, nos quartéis e nas guarnições, que Hitler jamais atacaria a França simplesmente por temer o seu potencial bélico.

Mas os alemães não estavam com medo de nada. Muito menos do exército francês.

No dia 14 de junho de 1940, Paris caiu sob as botas e os tanques germânicos.

O desespero foi geral.

Não era apenas o desespero causado por um estado de guerra, por uma derrota militar. Era o desespero provocado pela frustração e pela perplexidade de ver que, afinal de contas, Paris não era baluarte nenhum, não era a cidadela inexpugnável que certos marechais faziam questão de considerar.

Muito pelo contrário, a cidade se mostrou frágil, seu povo provou estar debilitado e, psicologicamente, instável.

Os alemães marcharam pelos Champs Elysées, pelo Bois de



Boulogne, pela L'Etoile, aos lados da Notre Dame e pelo bairro de St. Michel.

Tanques germânicos percorreram a Rue de la Huchette a caminho do velho mercado, andaram pela St. Séverin e pela Rue des Deux Ponts.

Os nazistas estavam ali, em frente às suas casas, dentro de seus cafés, sentados em seus restaurantes, conversando entre si ou com os próprios parisienses...Estavam em todos os lugares, vigiando, perseguindo, humilhando, dominando...

Para Jacob, essa situação era aterrorizante e insuportável.

Ele sabia perfeitamente do risco que estava correndo pelo simples fato de ser judeu e sabia que estava obrigando Jeanne a um risco idêntico, ainda mais que ela, semanas antes da queda de Paris, anunciara que estava grávida.

E, carregar no ventre o filho de um judeu, era o pior que poderia acontecer para uma francesa em regime de ocupação germânica.

— Precisamos fugir, Jeanne — disse Jacob — Não podemos continuar em Paris! Precisamos ir para algum lugar onde você possa estar em segurança!

Jeanne não discutiu. Desde que fora entregue a Jacob por seu pai, ela decidira

que sua vida seria orientada por aquele homem e que não mediria qualquer esforço ou sacrifício para satisfazê-lo. Se ele estava querendo sair de Paris, sua obrigação era, evidentemente, acompanhá-lo. Ainda mais sabendo que ele assim agia em seu próprio benefício.

— Arrume nossas coisas — ordenou Jacob — Eu irei até a loja para apanhar o que nos resta de jóias e dinheiro. Assim que regressar, viajaremos.

Jeanne ficou observando Jacob enquanto ele se afastava pela rua em passos apressados e, de repente, teve um arrepio.

Uma estranha sensação de angústia a invadiu e ela teve a impressão de ser aquela a última vez que o via.

Teve um inexplicável pressentimento de que alguma coisa trágica estava para acontecer e, por muito pouco não saiu correndo atrás dele para lhe dizer que não a abandonasse, que não a deixasse sozinha.

Sacudiu com energia a cabeça, tentando afastar de sua mente esses pensamentos, dizendo para si mesma que não havia nenhum motivo para ter essas idéias.



— Sei que estou fazendo Jacob feliz — murmurou — E sei que ele está mais do que orgulhoso com o fato de eu estar grávida! Ele jamais me abandonaria, ainda mais num momento como este!

E fazendo força para se convencer, acrescentou, em voz alta:  
— Jamais!

\*\*\*\*\*

Enquanto Jeanne arrumava suas coisas e Jacob começava a erguer a pesada porta de aço da loja, a pouco mais de vinte passos de distância, no interior da diminuta agência dos Correios, o estafeta Claude Jolas olhava para o judeu, cheio de raiva.

Ele vira Jacob e Jeanne abraçados no abrigo do número 7 na Rue de la Huchette e desde então, o desejo que havia muito tempo sentia pela moça, ficara ainda mais intenso.

Franziu as sobrancelhas quando percebeu que Jacob, assim que entrara na loja, voltara a baixar a porta pelo lado de dentro, deixando apenas uma pequena fresta aberta.

— Mas que diabos ele está fazendo? — perguntou-se — Se não veio trabalhar hoje, o que é que pode estar buscando ali?

Sem sequer se incomodar com as três ou quatro pessoas que estavam no interior da agência esperando que ele acabasse de despachar a correspondência, deixou seu lugar atrás do balcão e atravessou a rua, aproximando-se da loja de Jacob.

Ouviu ruídos ali dentro, ruídos que ele conhecia muito bem: o som do mecanismo de segredo de um cofre, o barulho mais do que característico de alguém contando moedas...

Imediatamente ele se lembrou do que lhe disseram os alemães com que mantinha estreita ligação: os judeus estavam acabando com a economia francesa, estavam fugindo com jóias e com ouro que deveriam permanecer no país!

Sem perda de tempo, correu para a agência, literalmente expulsou os que ali se encontravam e, depois de baixar a porta, apanhou o telefone e fez uma ligação.

Nem cinco minutos se passaram e quatro homens, dois soldados armados com metralhadoras e dois indivíduos vestidos com sobretudos de couro negro, ergueram com violência a porta de Jacob.

Da agência dos Correios, Jolas sorriu quando o judeu foi arrastado para fora da loja e levado, aos gritos, pela calçada...

Esperou que os agentes da Gestapo desaparecessem na esquina e, fechando em definitivo a porta, correu para a casa de Jacob. Precisava avisar Jeanne pois ela também acabaria sendo presa por estar vivendo com um judeu e isso, Jolas não queria.

Muito pelo contrário, o que ele estava pretendendo era ficar com a moça, era poder usufruir de seu corpo jovem e bonito que, enquanto ela residira na Rue de la Huchette, estivera fora de seu alcance e que, depois, pusera-se inacessível já que estava com Jacob.

Mas, Jolas não foi suficientemente rápido...

Uma moça que trabalhava no bordel de Mariette, Francine, e que conhecia Jeanne desde pequena, vira o que Jolas fizera e, enquanto ele observava a ação dos alemães, correu para a casa do judeu.

— Você precisa fugir! — disse Francine para Jeanne — Não pode ficar mais um momento sequer aqui! Jacob foi preso e dentro de poucos minutos os alemães virão apanhá-la também!

— Mas... — balbuciou Jeanne — E Jacob?

Com as lágrimas escorrendo por seu rosto, completou:

— Não posso abandoná-lo agora! Não posso deixar que o maltratem!

Francine fez uma expressão severa e falou:

— Sinto muito por ser tão rude e realista, Jeanne... Mas você não poderá fazer nada por Jacob. A esta altura, ele já está sendo encaminhado para um campo de prisioneiros e duvido muito que você venha a ter notícias dele.

Empurrando a moça para fora, apanhando apenas duas pequenas malas, acrescentou:

— Claude Jolas, além disso, não tardará a aparecer aqui. Foi ele quem denunciou Jacob e o fez somente por que sempre a desejou! Trate de fugir, Jeanne... Trate de fugir ou, se preferir, aceite a vida que Claude Jolas vai lhe proporcionar... Uma vida que nem mesmo eu aceitaria!

Jeanne ainda parecia indecisa e Francine insistiu:

— Você precisa fugir, minha querida... Não perca tempo, pelo amor de Deus!

Beijando as faces da moça, finalizou:

— E não me diga para onde está indo... Nem sequer mande notícias por um bom tempo! Quanto menos eu souber a seu respeito, melhor será para você e para mim!

— Mas nem sequer sei para onde ir! — exclamou Jeanne, em pânico — Não tenho a menor idéia para onde fugir! Nem tenho dinheiro! Só tenho alguns francos! O dinheiro do pão!

Francine suspirou e da pequena bolsa que trazia na mão, entregou-lhe um maço de notas dizendo:

— Tome, Jeanne... É o que tenho... Espero que isso lhe sirva para alguma coisa. Pelo menos para levá-la o mais longe possível de Paris!

Jeanne hesitou e Francine, pondo-lhe o dinheiro dentro da blusa, falou:

— Fuja, menina... Apenas fuja! Vá para o interior, para qualquer lugar onde exista a possibilidade de refazer a sua vida! Esta guerra, como qualquer outra, não será eterna e, se você tiver a paciência de esperar que ela acabe, ainda terá muita juventude para usar, ainda terá muita chance de encontrar a felicidade!

Com uma expressão entristecida, murmurou:

— Você ainda tem o futuro pela frente, Jeanne... Não é como eu que nada mais tenho a esperar da vida...



## CAPÍTULO IV

A região de Auvergne, no Maciço Central, oferece paisagens magníficas e que se sucedem em distâncias muito curtas, possibilitando uma tal variedade de panoramas que chega a embriagar os que ali vão pela primeira vez.

Era exatamente essa a sensação que tinha Jeanne enquanto ela percorria os estreitos e acidentados caminhos entre Clermont-Ferrand e Riom, mal-acomodada ao lado do motorista de um pequeno caminhão de entregas.

Ela sentia que não poderia ficar na cidade pois Clermont-Ferrand, antiga capital de Auvergne, sempre se esforçara para ocupar uma posição de destaque entre as concentrações urbanas do interior da França e isso fazia com que os alemães se interessassem pela cidade. Jeanne queria distância dos alemães, apesar de saber que isso seria muito difícil num país ocupado por eles.

Depois de desembarcar do trem, de pé, na entrada da estação, segurando suas malas e com a típica aparência de quem se encontrava completamente perdida, Jeanne chamava muito a atenção.

Com pavor, ela percebeu que dois soldados alemães a olhavam com curiosidade e trocavam algumas palavras entre si...

Sentiu que suas pernas tremiam enquanto via que eles avançavam para ela, os rostos pétreos, o olhar inquisitivo...

Teve medo.

Teve medo que Jacob, torturado, tivesse dito que ela estava grávida de um judeu, tivesse dito que ela poderia fugir para Auvergne e, aterrorizada, lembrou-se que, certa vez, ele

comentara que aquela região da França era a que mais o atraía e que, se um dia tivesse de sair de Paris para qualquer lugar, seria justamente para Clermont-Ferrand.

Além do mais, havia Claude Jolas...

Ela o conhecia muito bem, desde quando começara a correr, em brincadeiras com as outras crianças, pela Rue de la Huchette. Assim, Jeanne sabia que Claude era um indivíduo mesquinho, ambicioso, mau, e que poderia muito bem estar achando que ela estivesse com as jóias de Jacob...

Em sua mente cheia de medo e de receios, Jolas aparecia como um indivíduo todo-poderoso que tinha sido capaz de destruir o seu sonho,

que tinha tido a força de mandar prender o seu Jacob e que teria toda a possibilidade de persegui-la até o fim do mundo se isso fosse necessário.

Dessa maneira, nada o impediria de avisar os alemães e a Gestapo de Clermont-Ferrand, da probabilidade de ela estar lá.

A expressão de medo no rosto de Jeanne a estava traindo...

Fazia com que os soldados desconfiassem dela acautelando-se e, prevenidos, destravassem suas armas enquanto se aproximavam da moça.

Atitude, aliás, mais do que natural...

Eles estavam avisados de que haveria resistência, muito embora em focos isolados, e de que os franceses verdadeiramente patrióticos — considerados fanáticos pelos nazistas — Não mediriam esforços para prejudicar a ocupação germânica.

Por isso, aquela moça segurando duas pequenas malas à porta da estação, poderia muito bem estar carregando bombas ou, quem sabe, dinheiro para grupos da Resistência que estariam escondidos nas montanhas da região.

Porém, essa mesma expressão de medo que Jeanne não conseguia disfarçar, também chamou a atenção de Louis Morel, proprietário de um pequeno caminhão e que fazia o transporte de verduras e hortaliças das granjas dos arredores para o mercado municipal.

Vendo que Jeanne estava praticamente paralisada de medo e que aqueles soldados com certeza a iriam incomodar, ele se adiantou para a moça e, passando-lhe o braço pela cintura, falou, em voz alta:

— Marie! Minha filha! Mas que satisfação você deu a seu velho pai! Vir até aqui por causa de meu aniversário! Mas é uma surpresa muito agradável!

E, ao ouvido de Jeanne, com energia, sussurrou:

— Vamos! Abrace-me! Beije-me como se fosse mesmo minha filha!

Jeanne compreendeu imediatamente que aquela seria a sua única chance de não ser interrogada pelos soldados e, abraçando Louis, exclamou:

— Ora, papai! Eu não poderia deixar passar uma data tão importante!

E, já mais senhora de si, completou:

— Afinal, desde sempre estivemos juntos no seu aniversário, não é mesmo?

A cena conseguiu convencer os dois alemães. Já conheciam Louis, sabiam que ele era o tipo do homem inofensivo e, além do mais, sempre lembrava de trazer para eles algumas coisas gostosas das pequenas vilas onde ia buscar suas mercadorias.



Aproximando-se, sorriram para Louis, curvaram a cabeça num cumprimento gentil para Jeanne e o mais velho deles, disse:

— Não sabíamos que é seu aniversário...

Com um risinho maroto, acrescentou:

— Quem sabe não nos convida para um copo de vinho logo mais à noite?

Louis garantiu que não deixaria de chamá-los se estivesse na cidade e, quase empurrando Jeanne, meteu-a dentro de seu caminhão e deu partida ao motor.

Avançando em direção à Place de Jaude, Louis respirou fundo e falou:

— Bem... Desta vez, escapamos...

Com uma risada, acrescentou:

— Agora, preciso encontrar uma outra desculpa para o resto do ano... Afinal, não posso aniversariar mais do que uma vez, não é mesmo?

Jeanne procurou sorrir mas não conseguiu muito mais do que um esgar nervoso que lhe repuxou os lábios.

Olhando de lado para a moça, Louis murmurou:

— Você está fugindo de alguma coisa... Sou capaz de apostar...

Voltando a cabeça para Jeanne, perguntou:

— Tem para onde ir? Ao menos sabe o que vai fazer?

Jeanne balançou negativamente a cabeça e, com um soluço aflito, respondeu:

— Não, senhor... Não tenho a menor idéia do que farei...

Com as lágrimas escorrendo pelo rosto e esforçando-se para poder falar, acrescentou:

— A única coisa que desejo é poder ficar em paz... É encontrar um lugar onde possa ter meu filho sem temer que venham tirá-lo de mim, sem precisar ficar com medo de que me venham prender!

Para Louis, homem experiente e que estava trabalhando para a Resistência, não era preciso dizer mais nada. Aquela moça estava com problemas dos mais sérios e ele seria um canalha se não a ajudasse.

Sorriu, pôs a mão gorda e forte sobre a coxa de Jeanne e falou:

— Pois, nesse caso, fique tranquila, mocinha... Vou levá-la para um lugar onde os alemães jamais irão! Para um lugar tão pequeno e tão sossegado que os boches jamais teriam qualquer interesse ali!

\*\*\*\*\*



Pelo que Jeanne conseguia ver da paisagem, os alemães deveriam ter todo o interesse naquele pedaço de paraíso...

Assim que deixaram para trás a região vulcânica — fala-se de oitenta vulcões em Auvergne mas os habitantes de Clermont-Ferrand dizem que há muitos mais — Jeanne e Louis entraram num vale de vegetação rica, com pequenos lagos muito azuis circundados por morros de encostas mais ou menos abruptas em que as florestas se sucediam.

— O mínimo que você vai conseguir — brincou Louis — será passar uma bela temporada de tratamento em nossas estações termais... Como deve saber, Auvergne é o centro do termalismo na França e isso não vai mudar, mesmo que os boches estejam em nosso território!

As palavras de Louis sobressaltaram Jeanne. Se a região era tão famosa assim por suas estações termais, os alemães certamente haveriam de querer tirar proveito disso e dentro de pouquíssimo tempo estariam ali, dispostos a expulsar os franceses para poderem melhor usufruir das delícias do lugar.

Um pouco sem jeito, tímida, manifestou sua preocupação para Louis e este, com uma risada, falou:

— Não tenha esse medo, menina... Pode ser que os boches venham a ocupar toda esta área... Mas ainda assim, continuo duvidando que a encontrem no lugar para onde a estou levando! E ainda mais na casa em que a deixarei!

Jeanne não pode evitar uma certa preocupação.

Não conhecia aquele homem e, apesar de até aquele instante ele se mostrar correto e dono de uma boa alma, não havia nada que lhe dissesse ser ele sempre assim. Na realidade, o que o impediria de violentá-la numa cabana abandonada no meio da floresta? E o que o impediria de matá-la, depois?

Como se estivesse lendo os pensamentos de Jeanne, Louis falou:

— Não tenha medo, minha pequena... Você estará em segurança... Poderá ter seu filho em paz e a velha Gabrielle ficará muito contente em poder ajudá-la na hora do parto...

Jeanne respirou um pouco mais aliviada. Se ele estava falando assim, se parecia mostrar um tal paternalismo, talvez devesse, realmente, confiar...

Sorriu, consigo mesma, dizendo-se que, na realidade, não poderia fazer outra coisa senão confiar. Ali, sozinha naquele fim de mundo, não poderia contar com ninguém para socorrê-la e, a julgar pela solidão daqueles caminhos, se Louis quisesse tentar alguma coisa contra ela, já



poderia tê-lo feito havia muito tempo, desde que tinham deixado Clermont-Ferrand para trás...

Saindo da estrada principal, Louis tomou um caminho bem mais estreito do que aqueles em que tinham estado até então e, com um sorriso, murmurou, quase inaudível por causa do ruído do motor:

— Daqui para a frente, os alemães não vão passar, minha pequena...

— Não imagino por quê — protestou Jeanne — Os veículos que eles utilizam andam por qualquer estrada... E a paisagem é tão bela... Até mesmo os boches são capazes de se encantar por ela!

Jeanne estava com a razão.

Depois que tinham passado por Riom até entrarem naquele caminho, o panorama fora uma sucessão de quadros dignos dos mais famosos e mais importantes acadêmicos.

De quando em quando, avistavam uma velha construção medieval, outras vezes, um pouco mais ao longe e encarapitado no alto de um morro, um castelo que parecia querer transportar o viajante para a época de Carlos Magno... Mais adiante, um lago, muito azul espelhava os picos das montanhas, cercado por florestas ou por pastarias onde os carneiros pareciam apenas pintas brancas contra o verde.

— É muito bonito... — murmurou Jeanne — Gostaria de estar vendo tudo isso numa outra situação... Numa situação em que não tivesse medo de ter os alemães em meus calcanhares!

Louis voltou a sorrir e falou:

— Já lhe disse que os alemães não virão para cá. Não é preciso ter medo dos boches na casa de Gabrielle...

Virando o rosto para Jeanne, explicou:

— Não é apenas uma questão de localização estratégica, querida... É algo mais... Algo que você só conseguirá compreender depois que conhecer essa mulher!

\*\*\*\*\*

Localizada literalmente no meio da floresta, a pequena cidade de Randan, fez com que Jeanne se imaginasse de repente transportada para as páginas de um livro de contos de Randan surgiu à sua frente logo depois de uma curva no estreito caminho onde dois olmos pareciam cruzar seus grandes galhos formando um portal pouco acima da capota do caminhão.

Jeanne concluiu que por ali, veículos altos não passavam havia mais de dois séculos e essa constatação trouxe um pouco mais de confiança à sua alma.

Como se os boches fossem respeitar a galharia de dois olmos que estivessem atrapalhando a passagem de suas panzers...

Entraram na cidade.

Maravilhada, a moça deixou que seus olhos se enchessem com a imagem daquelas casas pequenas, de telhados pontudos, com jardineiras floridas nas janelas onde se podia ver cortinas caprichosamente bordadas e rendadas.

Ao norte, em uma continuação do caminho por onde chegavam, ficava a rua principal, pouca coisa mais larga que a estrada, com casas feitas em pedra e madeira, cada uma delas com um pequeno e bem cuidado jardim. Havia uma agência dos Correios, o que fez o coração de Jeanne bater um pouco mais apressadamente ao relacionar aquele estabelecimento com a recordação de Claude e de Jacob...

Sacudiu a cabeça para não se deixar entristecer novamente e viu, um pouco mais adiante, uma diminuta loja, um desses pontos comerciais que existem em todos os países do mundo, em suas cidadezinhas de interior, onde se pode encontrar de tudo, desde alfinetes e agulhas, até as mais variadas ferramentas para a agricultura.

A oeste, uma rua com casas mais simples, alongava-se em direção à orla da floresta e, na esquina com a rua principal, um sobrado sem jardim e com as pesadas portas de madeira fechadas, tinha um cartaz avisando que ali era o Posto Policial.

Instintivamente, Jeanne procurou ficar menor do que já era quando o caminhão de Louis passou por ali... Para o lado leste, uma rua um pouco mais larga e com muitos terrenos vagos, levava para a margem do rio Allier onde desembocava em um tapete de margaridas que se estendia por várias centenas de metros ao longo do curso d'água.

Louis seguiu em frente, atravessou a cidade e, quando já tinham passado a última casa da rua principal, entrou à esquerda numa variante mal conservada, em direção à floresta.

— Para onde vamos? — quis saber Jeanne — Pensei que eu fosse ficar na casa de alguém, aqui na cidade...

— Você ficará na casa de alguém — riu Louis — Alguém muito especial cujo nome é Gabrielle... Só que esse lugar é um pouco afastado...

Engrenou uma marcha mais forte para vencer um íngreme tope e completou:

— Teremos de andar um pouco...

— Isso não tem importância — disse Jeanne — Numa paisagem como esta, é um prazer andar a pé!

Louis meneou afirmativamente a cabeça e, depois de alguns momentos de silêncio, murmurou:

— Não se assuste com a velha Gabrielle... Ela tem algumas maneiras estranhas, faz coisas esquisitas... Mas é uma excelente pessoa e, por aqui, todos acreditam que é graças a ela que toda a região estará sempre livre de inimigos... Mesmo que sejam boches!

Jeanne olhou intrigada para o motorista e este, com um sorriso maroto, procurou tranquilizá-la mais uma vez, dizendo:

— Não se preocupe... Verá que Gabrielle será muito mais do que uma mãe para você...

Cerca de quinze minutos mais tarde, Louis parou o caminhão num trecho onde a estrada se alargava.

— Aqui para a frente teremos que ir a pé — informou — Pode deixar que eu a ajudo com as malas...

Isso falando, apanhou as duas malas de Jeanne e, indicando uma trilha que avançava por dentro da floresta, acrescentou:

— Vamos... Serão apenas dois quilômetros.

Riu da expressão que fazia Jeanne e disse:

— Sei o que está pensando... Que eu escolhi o lugar errado para deixar uma moça grávida... Que tudo aqui é muito isolado e que se você passar mal, estará em maus lençóis...

Balançou negativamente a cabeça e finalizou:

— Mas pode estar certa de que eu não poderia ter escolhido melhor... E aposto que não encontrará no mundo inteiro maior segurança do que nas mãos de Gabrielle!

Caminhando à frente de Jeanne por entre as árvores, repetiu:

— Só lhe peço para que não se espante... Para que não se incomode com as esquisitices dessa velha.

— Não vou me incomodar — retrucou Jeanne — Aliás, na minha situação, eu não posso me incomodar com nada, não é verdade? Tenho é que me dar por muito feliz por me ter encontrado! Estou certa de que, se não fosse o senhor, a esta altura, eu já estaria em alguma cela úmida e fria, respondendo a perguntas feitas pelos alemães, perguntas para as quais eu jamais teria qualquer resposta!

Louis ficou muito sério e comentou, baixinho:

— É engraçado... Eu não deveria estar ali... Deveria ter ido à

Rue 11 Novembre, tinha um compromisso lá. Não consigo entender porque diabos fui até à estação, não compreendo como fui me esquecer de ir ao centro da cidade!

Ergueu os ombros e concluiu:

— Não costumo esquecer meus compromissos...

— Graças a Deus! — exclamou Jeanne — Graças a Deus o senhor se esqueceu de ir a essa rua e foi parar ali na estação, como se estivesse à minha espera!

Louis permaneceu em silêncio por todo o resto do trajeto.

Foi quando já estavam chegando à clareira onde se situava a casa de Gabrielle que Louis disse:

— Exatamente... Parecia que eu estava ali \_à espera de alguém... Talvez... à sua espera, mocinha!

\*\*\*\*\*

Jeanne nem sequer prestou atenção às palavras de Louis, tão maravilhada estava com o que via.

A casa, um pequeno bangalô construído de pedras e madeira, com o telhado alto e um pequeno alpendre, tinha as janelas altas, enfeitadas com jardineiras floridas e cortinas. Um bem cuidado jardim circundava a moradia e podia-se ver em seus os menores detalhes, que quem nele habitava tinha como norma de vida o capricho.

O bangalô estava encravado no meio da floresta, ocupando uma clareira de não mais que um quarto de hectare cuja maior superfície era formada por um gramado baixo e muito verde onde se destacavam, aqui e ali, canteiros redondos de flores.

— Mas é muito bonito! — pensou Jeanne, entusiasmada — Parece que estou dentro de um conto de fadas!

Nesse momento, quando ainda faltavam cerca de quinze passos para que Jeanne e Louis chegassem ao pequeno alpendre da casa, a porta da frente se abriu e uma mulher apareceu.

— Fico feliz que tenha gostado de sua nova casa, Jeanne — falou a mulher, com uma voz que soou muito mais melodiosa do que a moça poderia esperar em vista de seu aspecto físico.

Jeanne sentiu seu coração bater mais depressa.

Lembrou-se imediatamente das recomendações de Louis para que não se assustasse com as esquisitices da velha mas...



Na verdade, aquilo já era demais...

De que maneira aquela mulher sabia seu nome?! E como poderia ter adivinhado seus pensamentos?

Para aumentar ainda mais a perplexidade de Jeanne, Gabrielle falou:

— Eu estava à sua espera, minha querida... Tanto assim que até já preparei seu quarto e deixei pronto um chá com biscoitos para nós três tomarmos antes de Louis voltar para a cidade...

A moça arregalou os olhos, tentou dizer alguma coisa mas não conseguiu.

Com um sorriso cheio de carinho, Gabrielle segurou-a pelo braço e disse:

— Venha... Vamos entrar... Não vamos deixar que o chá esfrie! Jeanne, como se fosse um autômato, obedeceu.

Talvez, por vontade própria, ela não tivesse querido passar por aquela porta, muito pelo contrário, provavelmente teria saído em desabalada carreira de volta para a cidade, já então sem se importar se existissem alemães ou marcianos em seu caminho.

Mas, havia alguma coisa que a atraía, que a fazia vencer o medo e que a puxava para dentro da casa.

Jeanne, acompanhando Gabrielle, viu pelo canto dos olhos que Louis, muito cheio de respeito, tirava o boné que estava usando e se mostrava tímido, arredio, como se fosse um grande pecador voltando a uma igreja depois de dezenas e dezenas de anos longe dos confessionários.

Olhando ao seu redor, Jeanne procurou prestar atenção à decoração da sala.

Era um cômodo pequeno, aliás como tudo o mais no bangalô. A parede da direita tinha uma janela e um quadro a óleo representando uma paisagem campestre. Imediatamente em frente à porta de entrada, ficava a lareira, grande demais para o tamanho da sala e, para espanto de Jeanne, em seu interior, apoiado num suporte de ferro fundido, estava um grande caldeirão com mais de vinte litros de capacidade.

Um caldeirão exatamente igual aos que ela se cansara de ver nas gravuras de histórias de bruxas...

Mais uma vez, ela sentiu suas pernas tremerem.

Com uma expressão de bondade no rosto, Gabrielle falou:

— Você está impressionada à toa. Não uso esse caldeirão para preparar filtros malignos ou para fazer encantamentos ruins...



Deu uma risada que soou um tanto quanto esganiçada demais e completou:

— Tampouco costume transformar mocinhas grávidas em coelhas ou em galinhas...

Jeanne forçou um sorriso e, enquanto a velha ia à cozinha buscar a bandeja com o chá, aproveitou para continuar a examinar o ambiente.

Os móveis eram rústicos mas muito confortáveis, estofados em couro e incrivelmente conservados. Não havia qualquer tapete no chão de pedras polidas pelo uso e Jeanne não pode deixar de pensar que, durante o inverno, aquela casa deveria ser muito fria.

Olhando para cima, ela viu que não havia forro, as telhas aparentes estavam enegrecidas pela fuligem. Aquilo, apesar de dar um aspecto de extrema miséria ao bangalô, era pitoresco e romântico e ela pensou que um lugar como aquele deveria ser um maravilhoso ninho de amor.

Gabrielle reapareceu na sala com o chá e, sentando-se diante de Jeanne, falou:

— Você ficará bem aqui comigo, querida... E pode acreditar que ninguém virá incomodá-la.

Ficou subitamente séria e completou:

— E quem aparecer para lhe tirar a paz, acabará muito mal...

\*\*\*\*\*

Jeanne olhou para a mulher.

Não poderia dizer que sua expressão, que seu rosto fosse cruel.

Muito pelo contrário.

Seus olhos, cor de caramelo, eram bondosos, sua boca de lábios encarquilhados pareciam estar sempre sorrindo e seus cabelos, muito brancos, escapando por baixo de um lenço de cor indefinida, emolduravam-lhe o rosto, transmitindo uma impressão de bondade e de delicadeza.

Sim... Era uma velha bonita.

Talvez, quando ainda estivesse na flor da idade, ela tivesse sido uma mulher linda e atraente, uma mulher que os homens desejaram e que, mais tarde, por razões que somente o Destino poderia explicar, acabara sozinha, numa casa no meio da floresta, falando coisas estranhas, cercada por objetos exóticos e adivinhando os pensamentos das pessoas que chegavam até ali.



Gabrielle serviu chá para os três e, dirigindo-se a Louis, falou:  
— Obrigada por ter atendido ao meu pedido... Obrigada por ter trazido Jeanne.

Louis ia abrindo a boca para dizer que ela não lhe havia pedido coisa nenhuma, que nem sequer tinha se encontrado com Gabrielle havia mais de uma semana, porém achou melhor ficar quieto. Para aquela velha, qualquer coisa era perfeitamente possível, por mais absurda que pudesse parecer.

Assim, engoliu o chá, meteu na boca alguns biscoitos e, levantando-se, disse, afobado:

— Tenho de ir... Se precisarem de alguma coisa...

Ia dizer que bastaria chamar mas lembrou-se a tempo que ali, onde Gabrielle vivia, não havia qualquer sistema de comunicação que não fosse o telefone em Randan o que queria dizer uma distância bem respeitável.

Gabrielle sorriu, agradeceu com um sinal de cabeça e murmurou:

— Não se preocupe, Louis... Nós estaremos bem. E, de qual quer maneira, se precisarmos de algo, você saberá imediatamente...

Louis esboçou um sorriso — Não sabia por que sempre ficava tão impressionado com Gabrielle, já deveria estar mais do que acostumado com suas manias — despediu-se de Jeanne e, em passos apressados, voltou para onde deixara o caminhão.

Vendo-o se afastar, Gabrielle murmurou:

— É uma boa alma... Uma excelente pessoa...

E, rindo, acrescentou:

— Mas ainda não consegui se acostumar comigo! Conhece-me desde que nasceu, ajudei-o a vir ao mundo... Mas, mesmo assim, ainda não se habituou com essas banalidades que ele chama de prodígios!

Olhou intensamente para Jeanne e arrematou:

— Mas com você... Com você, as coisas serão diferentes... Você é forte, Jeanne... Muito mais forte do que pode imaginar e, se não tomar muito cuidado...

Jeanne olhou para Gabrielle, cheia de interesse mas a velha nada mais disse a esse respeito.

Limitou-se a sorrir e, servindo mais chá para Jeanne, falou:

— Agora... Depois deste chá, trate de descansar... Amanhã mesmo nós vamos começar...



Jeanne quis perguntar o que é que elas iriam começar mas alguma coisa fez com que, ao invés de dizer qualquer coisa, ela simplesmente bocejasse...

E bocejou mais de vinte vezes até que, solícita, Gabrielle a acompanhou até o quarto, murmurando:

Você está cansada... Vá dormir... Quando despertar estará como nova e muito mais disposta...

\*\*\*\*\*

Jeanne dormiu como uma pedra durante todo o resto do dia e a noite inteira.

Exatamente como Gabrielle dissera, quando acordou, estava bem disposta, sentindo-se como se fosse nova e, o que era mais estranho, com uma agradabilíssima sensação de segurança.

Procurou recordar tudo quanto lhe acontecera nas últimas horas e surpreendeu-se ao perceber que a imagem de Jacob aparecia como que diluída em sua memória, sem a possibilidade de se lembrar exatamente nem mesmo das feições daquele homem. Parecia que Jacob tinha sido apenas um episódio em sua vida... Um degrau vencido, uma página virada de um livro qualquer.

Olhou pela primeira vez o quarto em que se encontrava.

Viu que o aposento tinha sido preparado com muito carinho, que os móveis, rústicos como todos os outros da casa, estavam limpos e bem conservados, viu que Gabrielle tinha deixado a um canto, sobre uma mesa feita de um tronco de árvore, uma bacia e uma grande jarra de água, toalhas limpas sobre o encosto de uma cadeira e suas malas, já desarrumadas, estavam cuidadosamente guardadas sobre o armário.

Sorriu satisfeita por estar sendo tão bem tratada e, levantando-se da cama, caminhou até a janela que já se encontrava aberta, deixando entrar a luz do dia.

Olhou para fora, viu os passarinhos voando pelo jardim, viu as flores, os canteiros de cravínias, as roseiras, algumas margaridas, a grama muito verde convidando a um passeio descalça, sentindo o frescor da manhã sob os pés...

Era tudo muito bonito, muito agradável, havia uma enorme sensação de paz e segurança naquele lugar.



— Nem parece que a França, que a Europa inteira está em guerra — pensou Jeanne.

— Aqui não existe a guerra — falou Gabrielle entrando no quarto e pondo sobre a mesa que se encontrava próxima à janela, uma bandeja com chá, ovos mexidos, biscoitos e um prato de amoras.

Jeanne sorriu, recebeu o beijo de bom-dia que a velha lhe dava e comentou:

— Sempre lendo meus pensamentos... Ainda vou descobrir como consegue fazer isso...

Gabrielle serviu o chá e murmurou:

— Fico contente ao ver que pelo menos isso não a assusta mais... Às vezes chego a me condenar por usar esse meu dom, sabia?

Erguendo os olhos para Jeanne, explicou:

— A maior parte das pessoas não é capaz de compreender essas coisas... Não atingem a profundidade e a importância desses fenômenos, Jeanne...

Jeanne começou a comer os ovos mexidos e Gabrielle prosseguiu:

— Você é diferente... Talvez não chegue a ler pensamentos mas eu sinto que possui um grande poder interior.

Sentando-se na beirada da cama, falou:

— Só precisa saber usá-lo, Jeanne... Saber distinguir a verdadeira felicidade da falsa, perceber que se pode ser feliz com pouca coisa, simplesmente ajudando os outros. Aí sim, os poderes extra-sensoriais que você com certeza possui, estarão sendo bem usados.

Respirou fundo e acrescentou, quase num fio de voz:

— Mas tenho medo... Tenho muito medo de que não consiga...

Ergueu os olhos, fitou Jeanne com intensidade e completou:

— Você ainda está presa às coisas materiais. Muito presa. Se conseguir se libertar de tudo isso, aí sim, terá atingido o ponto mais alto de seus conhecimentos e de seus poderes.

Jeanne franziu as sobrancelhas.

As palavras de Gabrielle a impressionavam e assustavam.

Jamais imaginara possuir qualquer espécie de poder a não ser o de fazer com que Jacob se sentisse realizado como homem. O que, no fundo, sempre fora uma espécie de frustração para Jeanne uma vez que ela não conseguia sentir a mesma realização...

Gabrielle estava pondo à sua frente um horizonte novo, uma nova

visão de si mesma e isso, é claro, só poderia assustá-la.

Depois de engolir o que estava em sua boca, Jeanne reuniu coragem suficiente para perguntar:

— Mas... Quem é você, Gabrielle? Como é que consegue ler meus pensamentos, como é que consegui mandar Louis ir me buscar na estação sem nem mesmo falar com ele, sem nem mesmo saber que eu vinha para cá?

Gabrielle sorriu candidamente e respondeu:

— Eu sempre soube que você viria, Jeanne... Até mais ou menos um ano atrás, não sabia seu nome ou como você poderia ser. Apenas tinha a certeza que apareceria uma jovem que teria poderes suficientemente fortes e bem desenvolvidos para me substituir. Mas, como dizia, há mais ou menos um ano, fiquei sabendo seu nome, como você é e em que situação chegaria aqui...

Jeanne pousou a xícara sobre o pires e, com os olhos arregalados, perguntou:

— Isso quer dizer que você pode prever o futuro?

E, antes que Gabrielle pudesse responder, muito excitada, acrescentou:

— Quero saber se terei um menino ou uma menina... E quero saber se eu serei feliz... Se reencontrarei Jacob, se...

Com um gesto da mão direita, Gabrielle a interrompeu, dizendo:

— Essas suas perguntas podem ser respondidas sem a necessidade de se poder prever o futuro, minha querida...

Sorriu, bondosa e continuou:

— Posso dizer se o bebê que está em sua barriga é homem ou mulher através de processos muito simples de radiestesia... Já a sua segunda pergunta, sobre se vai reencontrar Jacob ou não, posso responder pelo conhecimento dos fatos políticos que estão gerenciando a vida européia na atualidade.

Muito séria, olhou para Jeanne e arrematou:

— Jacob é judeu. Foi preso pela Gestapo e enviado para um campo de prisioneiros. O que é que você acha que vai acontecer com ele?

Pousando a mão sobre o ombro de Jeanne, Gabrielle murmurou:

— Não tenha ilusões, Jeanne... Jacob jamais voltará. E não é preciso ser adivinho para dizer isso. Basta ter bom senso.

Jeanne apertou os lábios e, depois de alguns segundos, disse:

— Mas... Se você é capaz de dizer que a criança que estou esperando



é de determinado sexo, então pode prever o futuro...

— Não — replicou Gabrielle — Não posso prever o futuro. Posso, isso sim, sentir as vibrações emanadas por seu bebê e dizer se é homem ou mulher.

Jeanne baixou os olhos e, tímida, indagou:

— Pode dizer o sexo de meu bebê... agora?

Gabrielle pousou a mão sobre o ventre de Jeanne, ficou assim por quase um minuto e respondeu, com segurança:

— Você está esperando um menino.

E, antes que Jeanne pudesse perguntar como é que ela fazia isso, Gabrielle disse:

— Não duvide de mim... Se quiser, pode até escrever o que eu falei. Escrever você mesma, que eu assinarei embaixo, Jeanne.

Deu uma risada, aquela sua risada esganiçada que chegava a arrepiar a moça, e acrescentou:

— Pode ficar tranquila. É um menino mesmo. E eu não farei como aquele célebre médico que cobrava uma fortuna de suas pacientes dizendo que adivinharia o sexo de seus bebês... Ele dizia um sexo e, na ficha clínica, marcava o oposto. Se na adivinhação ele acertasse, a mãe jamais viria reclamar, não é mesmo? Porém, se ele errasse e a cliente aparecesse para exigir de volta o seu dinheiro, ele lhe mostraria a ficha e diria que ela é que não entendera direito...

Jeanne sorriu e, acariciando a própria barriga, murmurou:

— Um menino... Jacob gostaria de saber disso... Pobre homem...

Ela tinha acabado de tomar o chá e, voltando os olhos de um azul intenso para Gabrielle, falou:

— Ontem, quando vi que adivinhava os pensamentos, que era capaz de comandar à distância as atitudes e a vontade de Louis, quando vi esta casa...

Um pouco sem jeito, completou:

— Achei que era uma feiticeira... Uma bruxa...

Gabrielle riu alto e, balançando a cabeça, disse:

— Não, Jeanne... Não sou uma bruxa...

Levantando-se, apanhou a bandeja e arrematou:

— Sou considerada como uma feiticeira, minha querida... Mas como uma feiticeira branca. Aquela que usa seus poderes apenas para ajudar os outros e jamais para prejudicar quem quer que seja!

\*\*\*\*\*



Jeanne não sabia o que dizer.

Desde pequena, quando ouvia contar histórias de bruxas e de feiticeiras, ela se arrepiava inteira e chegava, às vezes, a perder o sono, tão excitada e amedrontada ficava. Era, pois de esperar que ela estivesse apavorada com o que estava vendo, ouvindo e vivendo ali, com Gabrielle.

Contudo, ela não estava com medo...

Jeanne, para seu próprio espanto, estava aceitando tudo aquilo como se fosse natural, como se fosse uma consequência lógica de estar ali e, na realidade, parecia-lhe já conhecer a velha havia muitos e muitos anos.

Passava pouco de dez horas da manhã quando Gabrielle veio lhe dizer:

— Daqui a pouco vão começar a chegar pessoas. São os que vêm me procurar para que eu trate de suas mazelas, cure suas doenças que, na maior parte das vezes, são doenças da alma e não do corpo. Fique perto de mim e aprenda, Jeanne. Você deve aprender comigo pois está dito que você será, provavelmente a minha substituta.

Jeanne meneou a cabeça em sinal de dúvida e murmurou:

— Não acredito muito nisso, Gabrielle... Nunca vi uma feitiçeira que fosse mãe... E eu serei mãe, não é verdade? Você mesma disse que eu darei à luz um menino!

Gabrielle deu de ombros, falando:

— Eu também nunca vi uma feitiçeira com um bebê no colo... Mas os vapores de Netuno disseram que você viria me substituir... Assim, é minha obrigação ensinar-lhe tudo o que sei.

Com um sorriso, acrescentou:

— Por isso, vamos começar pelo mais elementar: como arrumar as coisas de maneira a facilitar o nosso trabalho.

Puxando Jeanne pela mão, a velha levou-a até a sala e, mostrando-lhe a mesa que ficava à esquerda da lareira, disse:

— A mesa, ou seja, o local onde vamos atender a pessoa que nos procura, é muito importante. É necessário que os objetos de que vamos precisar estejam perfeitamente arrumados, colocados em seus devidos lugares e sempre muito limpos.

Riu e, mostrando uma bola de cristal, falou:

— Você pode imaginar como seria fazer qualquer tipo de adivinhação usando uma bola de cristal embaçada...

Jeanne olhou incrédula para Gabrielle e falou:

— Sempre pensei que essa história de bola de cristal fosse mentira... Sempre achei que fosse um imenso charlatanismo!

— Há os que praticam o charlatanismo, Jeanne — explicou Gabrielle — Mas há também os que fazem as coisas seriamente.

— Mas o que é que você vê na bola de cristal? — quis saber a moça — Não é possível que uma fumacinha apareça aí dentro e que através dessa neblina você consiga enxergar o futuro... Acho que será preciso muito para me fazer acreditar em algo assim!

— E você nem deve acreditar, minha querida! — riu Gabrielle — Não se lê, ou melhor, não se adivinha coisa nenhuma em fumacinhas de bolas de cristal!

Apanhando com delicadeza a bola, uma esfera transparente de cerca de quinze centímetros de diâmetro e pesando quase três quilos, Gabrielle mostrou-a para Jeanne, dizendo:

— Você vai ver imagens aqui dentro. Imagens que são produzidas pelo reflexo da luz que incide sobre a superfície da bola de cristal. Será a interpretação dessas imagens que você vai dizer para as pessoas que a procurarem.

Jeanne podia ser jovem e inexperiente porém, era dona de uma rapidez de raciocínio e de um senso de crítica fora do comum.

Assim, ao ouvir as palavras da velha, ela protestou:

— Mas isso não quer dizer nada! Essas imagens refletidas vão depender da posição de quem as vê! É como se fosse um espelho curvo, nada mais do que isso!

Gabrielle fez um sinal afirmativo com a cabeça e disse:

— Você tem toda a razão, Jeanne... Na verdade, a bola de cristal é perfeitamente dispensável. Pelo menos para nós, as feiticeiras... Nós fazemos as adivinhações graças às nossas capacidades extra-sensoriais, graças a um poder perceptivo que as outras pessoas não possuem.

Tomando fôlego, ela continuou:

— E é justamente por isso, por que essas pessoas que vêm nos procurar não dispõem desse poder de percepção, é que nós usamos a bola de cristal e mais uma porção de outros truques que servem apenas para fazer com que elas vejam, sintam, imaginem que nós sejamos diferentes, que temos um conhecimento diferente e maior do que elas mesmas.

Sorriu, apontou para fora através da janela e disse:

— Mas vamos continuar nossa conversa mais tarde... Já está chegando o primeiro cliente... E, pelo que posso sentir, ele vem trazendo um problema terrível...

\*\*\*\*\*



Jeanne, a pedido de Gabrielle, foi ficar na cozinha, escondida atrás da cortina que servia de divisão com a sala, numa posição em que poderia assistir tudo o que estava se passando sem que a sua presença fosse percebida.

— Esse homem está com um problema muito sério — falou Gabrielle — É melhor que, para ele, você não apareça.

A jovem não discutiu.

De seu esconderijo, ela viu o indivíduo entrar na sala e, muito nervoso, foi sentar à mesa, diante de Gabrielle.

Era jovem ainda, teria seus quarenta anos no máximo, forte e vigoroso, com a barba muito espessa e os olhos tímidos, ariscos, parecendo os olhos de alguém que procura a qualquer preço esconder alguma coisa.

Quando ele entrou na sala, Jeanne se perguntou o que um homem como aquele, cheio de saúde, estava fazendo longe das linhas de combate.

Porém, assim que ele pousou as duas mãos sobre a toalha da mesa, a pedido de Gabrielle, a moça compreendeu: faltavam-lhe três dedos da mão direita, o polegar, o indicador e o médio e esse defeito o invalidava para a guerra.

— Como vai, Bertrand? — perguntou Gabrielle, com carinho.

— Vou bem — respondeu ele, esquivo — Até gostaria de estar na guerra... Mas com esta mão...

Gabrielle fez algumas perguntas a respeito de seus carneiros, de sua horta, de seus cães, que sempre foram seu orgulho.

E perguntou, depois de quase vinte minutos de uma conversa que nada tinha a ver com uma consulta parapsicológica, como ia passando sua mulher:

— E Michelle?

— V-vai b-bem... — gaguejou Bertrand — Muito bem!

A velha sorriu.

Segurando a mão esquerda de Bertrand, ela falou:

— Não sei por que você veio me procurar, Bertrand... Se era para me mentir, se era para querer me enganar... Não precisaria perder todo esse tempo, não precisaria deixar seus afazeres para vir até aqui!

Bertrand corou.

Tentou balbuciar algumas palavras mas sua voz parecia estar presa na garganta.

Mostrando a bola de cristal que estava bem à frente do homem, Gabrielle falou:

— Estou vendo aqui, Bertrand... As coisas estão indo bem, é



verdade. Com sua lavoura, com seus animais... Com você mesmo, até... Só não está indo nada bem o seu casamento com Michelle. E isso por que você não está conseguindo mais...

Bertrand balançou a cabeça afirmativamente e choramingou:

— Não sou mais homem, Gabrielle! Não consigo mais nem a menor ereção! Estou imprestável!

Gabrielle acariciou as costas da mão esquerda de Bertrand e disse:

— Sim... Eu sei. A bola de cristal me disse. E me disse, também que você está com medo de que sua mulher o traia por causa disso.

Deu uma risada e acrescentou:

— Na verdade, está achando que ela o está traindo, não é isso mesmo?

Bertrand não respondeu.

Nem era preciso que o fizesse pois sua fisionomia mostrava bem que Gabrielle acertara em cheio.

— Pois não se preocupe — disse a velha — Em primeiro lugar, a boa Michelle não está enfeitando sua testa com um par de chifres...

— Mas como posso ter certeza? — perguntou o homem, desesperado — Se eu não a satisfaço mais...

Muito séria, Gabrielle mostrou para Bertrand a bola de cristal, dizendo, com energia:

— Se não acredita, veja você mesmo! Veja como a pobre Michelle está quieta em sua casa! Veja sua expressão preocupada, certamente pensando no que poderia estar acontecendo com você que não mais se interessa por ela!

— Mas eu me interessar! — quase gritou Bertrand — Eu me interessar e muito! Mas o problema é que não consigo mais... Não consigo fazer mais nada!

— Pois vai conseguir — replicou Gabrielle.

Assim dizendo, apanhou um lenço que estava sobre seu colo e, com ele, esfregou as mãos e as faces de Bertrand. Em seguida, com a ajuda de uma tesourinha, arrancou um dos botões de sua camisa e cortou um pequeno pedaço da bainha de sua calça. Pregou o botão no pedaço de tecido e embrulhou tudo com o lenço, guardando o volume formado no bolso do paletó de Bertrand.

— Quando sair daqui, vá até o Allier e jogue este pacotinho na água — falou a velha — Sua potência sexual voltará dentro de dez dias. Com severidade em sua voz, completou:

— Mas neste intervalo, ou seja, de hoje a dez dias, fique longe de



sua mulher ou de qualquer outra, entendeu bem?

Bertrand fez um sinal afirmativo com a cabeça e, rápido, como se estivesse com vergonha de si mesmo, tratou de ir embora.

\*\*\*\*\*

Assim que Bertrand deixou a sala, Jeanne se apressou em ir perguntar para Gabrielle como é que ela tinha visto sua esposa na bola de cristal quando ela mesma acabara de dizer que o máximo que se poderia enxergar naquele objeto seriam reflexos do ambiente em que ele se encontrava e como é que o próprio Bertrand conseguira ver a mulher.

— Não vi ninguém na bola — afirmou Gabrielle, com um sorriso — Mas era preciso que Bertrand acreditasse. Assim, mandei-o olhar. E ele, com toda a certeza, enxergou alguma coisa que lhe pareceu ser exatamente aquilo que queria ver, ou seja, sua mulher, Michelle, em casa, bem quietinha e preocupada com a sua saúde.

— Mas... — protestou Jeanne — Nesse caso, você o enganou! Sorriu, um pouco sem jeito e corrigiu:

— Melhor dizendo... Você o induziu a ver o que não existia!

— Você pode considerar assim, se quiser — concordou Gabrielle — Mas a verdade é que ele vai sarar. Dentro de dez dias, quando for procurar a esposa para o amor, ele vai conseguir satisfazê-la e, é claro, vai conseguir se satisfazer também.

— Com isso — murmurou Jeanne — você está querendo dizer que aquele encantamento do botão tem, realmente algum efeito...

Gabrielle riu.

— Sim... É claro que tem... Da mesma maneira que a Liturgia da Missa ou o ritual de qualquer religião...

Sem deixar que Jeanne continuasse a perguntar, ela completou:

— No caso de Bertrand, eu não estou fazendo nada mais além de lhe inculcar um pouco de auto-confiança. Quem vai operar o milagre é ele mesmo!

E, fazendo sinal para que Jeanne voltasse a se esconder, falou:

— Vá se esconder. Está chegando mais um necessitado...

Jeanne olhou pela janela, mas não viu ninguém.

Já ia perguntar como ela sabia da aproximação de uma pessoa, quando uma jovem surgiu na orla da floresta, dirigindo-se para o bangalô.

\*\*\*\*\*



Anne Marie Lebrun era muito bonita. Teria seus trinta anos de idade mas, em hipótese alguma quem a visse diria ter ela mais do que vinte, tal era o frescor de sua pele e o viço de sua juventude.

Porém, ela tinha os olhos tristes, a expressão do rosto de quem está cansada de tudo e de todos, o aspecto geral de quem não está bem dentro de si mesma.

Ela entrou, sentou-se à mesa e mal respondeu ao cumprimento de Gabrielle, deixando ver que estava enfasiada, que achava que nada mais valia a pena.

A velha ficou calada, simplesmente olhando para a moça por quase cinco minutos e, então, falou:

— O que você quer fazer está errado... Pode ter certeza que vai se arrepender amargamente se insistir...

Atrás da cortina, na cozinha, Jeanne franziu as sobrancelhas. Estava começando a achar que Gabrielle não passava de uma impostora, de uma pessoa que tivesse no máximo um certo dom telepático e que, por isso, conseguia adivinhar tão bem os pensamentos das pessoas. No entanto, a maneira segura com que ela falava, a forma como estava, por exemplo, tratando aquela moça, era algo em que Jeanne tinha de pensar.

Enquanto com Bertrand, Gabrielle fora carinhosa, com Anne Marie, ela estava sendo ríspida e o seu tom de voz não deixava entender o menor sinal de amizade.

— Você não tem nada a ver com a minha vida — falou subitamente Anne Marie — Eu já estou cansada de tudo isso!

Marcel não se decide! Cheguei à conclusão que o único caminho a seguir é esse! E você vai me ajudar!

— Não sei para que veio aqui — disse Gabrielle, pondo-se de pé — Sabe muito bem que eu não faço nada contra as pessoas.

— Sim — replicou Anne Marie, ainda sentada e sem dar mostras de que considerava a entrevista finda — E não estou pedindo nada a você. Só quero que me diga se vai dar certo ou não. Só quero que me diga se Lucille vai morrer.

Gabrielle olhou intensamente para a moça e respondeu:

— Não direi nada, Anne Marie. Apenas fique sabendo que você vai se arrepender. E não é preciso ser como eu para dizer isso. As pessoas que desejam o mal para as outras e aquelas que usam as forças espirituais para conseguir prejudicar seus semelhantes, jamais conseguem ser felizes.

Um sorriso maldoso aflorou nos lábios de Anne Marie que, levantando-se, falou:



— O que está me dizendo é uma confirmação... Posso entender assim. Lucille morrerá e eu ficarei com Marcel...

Sem conseguir disfarçar a ansiedade em sua voz, indagou:

— Não é isso o que vai acontecer?

Quase gritando, acrescentou:

— Sei que você, como toda feiticeira branca, não pode mentir...

Por isso, responda! Não estou certa?

Gabrielle suspirou.

De repente, pareceu que ela envelhecera vinte anos, as costas curvando-se para a frente e a voz roufenha, como se estivesse com dificuldade de sair de sua garganta.

— É verdade... — disse ela — Não posso mentir... Mas posso perfeitamente me omitir.

Quase num grasnido, ela completou:

— Descubra você mesma... Só que não se esqueça, Anne Marie...

Você vai se arrependar muito!

Assim dizendo, deixou a moça sozinha na sala.

Anne Marie deu de ombros, soltou uma risada nervosa e, rapidamente, quase em fuga, saiu da casa.

Gabrielle demorou quase meia hora para sair do quarto e, assim que reapareceu Jeanne tinha dúzias de perguntas para lhe fazer.

— Mas o que essa moça queria? — indagou ela — Parece-me que está tentando matar alguém...!

— Não é bem isso — respondeu a velha — Anne Marie está apaixonada por um rapaz casado. Desde sempre ela o desejou mas Marcel casou-se com outra mulher. Anne Marie não se conformou e, depois de tentar de todas as maneiras envenenar essa união, vendo que nada dava certo, achou de recorrer às forças do mal... Foi falar com uma feiticeira negra e esta fez um encantamento que pôs a pobre Lucille tuberculosa.

A velha respirou fundo e prosseguiu:

— Não está no meu alcance ajudá-la, Jeanne. Lucille vai morrer e Anne Marie acabará conseguindo o que deseja. Mas isso vai lhe custar muito caro!

Balançando, desalentada a cabeça, Gabrielle finalizou:

— Não se deve apelar para as forças do mal. Não há como evitar as desgraças que virão depois!

Jeanne olhou intensamente para Gabrielle e comentou:

— Você disse que não é capaz de prever o futuro... Mas, no



entanto, é exatamente isso que está fazendo! Está dizendo o que vai acontecer a essa tuberculosa e o que vai acontecer para Anne Marie!

Sorriu, maliciosa, e acrescentou:

— Se isso não for predizer o futuro...

Gabrielle segurou as mãos de Jeanne e murmurou:

— Qualquer um pode apanhar uma tuberculose, querida... E é uma doença grave, que mata a maior parte das pessoas que a contraem. E basta usar o bom senso para saber que aquele que deseja o mal para alguém está, por sua vez, se pondo vulnerável a esse mesmo mal. O Demônio é capaz de provocar o mal, não é mesmo? Só que, depois, ele vai cobrar a dívida... E sua cobrança normalmente não é nada delicada.

— E o que vai acontecer a Anne Marie? — quis saber Jeanne.

— Isso, não sei — respondeu Gabrielle — Como já lhe falei, não me é dado predizer o futuro muito embora todas as pessoas da região achem que sim.

Sorriu e acrescentou:

— O que eu faço, não é mais do que dar a essas pessoas motivos e maneiras de terem esperanças no futuro. Num futuro que será traçado por elas mesmas.

Sentou-se à mesa e disse:

— Basta pensar um pouco, querida... Se você souber como será o seu futuro, se ele for desagradável, é claro que há de lutar de todas as maneiras para escapar dos momentos difíceis. E isso significaria mudar o Destino, mudar o futuro, o que é impossível pois um futuro que se pode modificar, não é mais um futuro, mas sim uma possibilidade.

Depois de refletir por alguns instantes, Jeanne indagou:

— Mas não há mesmo maneira de se modificar o futuro?

Gabrielle deu de ombros e falou:

— Você ainda é muito jovem, minha querida... Não queira saber demais, antes da hora. Por enquanto, você está muito ansiosa. Acabou de passar por uma experiência ruim, está grávida e só isso faz com que fique muito mais sensível e muito mais angustiada com relação ao futuro, especialmente no que diz respeito ao futuro de seu filho. Mais tarde, quando essa criança já tiver nascido, você estará mais apta a esse tipo de revelação...

Jeanne fez uma expressão de curiosidade e perguntou:

— Mas de que revelações está falando? Por acaso está realmente achando que eu vou me transformar numa feiticeira, que vou substituí-la e passar o resto de meus dias aqui?

Gabrielle não respondeu.



Limitou-se a sorrir e, pela primeira vez, Jeanne julgou ver uma sombra de profunda tristeza em seu sorriso.

Pondo-se de pé, a velha disse:

— Vamos preparar o almoço, Jeanne... No seu estado, é preciso uma boa alimentação.

Caminhando para a cozinha, arrematou:

— Deixe as perguntas para depois... Agora, venha aprender a cozinhar coisas boas com quase nada.



## CAPÍTULO V

As semanas passaram muito mais rapidamente do que Jeanne poderia imaginar num lugar tão sossegado quanto aquele bosque nas cercanias de Randan. Ela esperava que, tanto por causa da gravidez quanto por causa da excessiva paz do local, as horas se escoassem com muita lentidão, maçantes, opressivas e tediosas.

Porém, isso não aconteceu, muito pelo contrário, e Jeanne estava o dia todo fazendo

alguma coisa, trabalhando de alguma maneira e, principalmente, aprendendo algo novo e interessante.

Ela sempre manifestara grande curiosidade a respeito de coisas espirituais e, ali na casa de Gabrielle, estava podendo presenciar e vivenciar fenômenos em que jamais acreditaria se lhe tivessem contado.

Assim, teve oportunidade de ver Gabrielle curar feridas instantaneamente, pode assistir a dezenas de levitações e teve como ajudar a velha no preparo de encantamentos, dos filtros e das poções que ela fazia, utilizando-se de ervas e de outras substâncias estranhas que guardava em dúzias e dúzias de pequenos potes.

Jeanne adorava ver Gabrielle usar o grande caldeirão da lareira para os seus preparados misteriosos. Parecia que ela estava vivendo um conto de fadas e o mais engraçado era ver que aquelas misturas realmente funcionavam.

Gabrielle ria do espanto de Jeanne e explicava:

— Essas ervas e substâncias que eu utilizo não são mais do que remédios. A arnica é boa para inflamações, a infusão de pétalas de rosas misturada com glicerina é um excelente creme de beleza e assim por diante... Por isso você vê as pessoas sararem com as minhas poções. Por exemplo, não há bronquite que resista a um xarope feito com agrião e mel! Pode-se curar uma úlcera na perna com a utilização de banhos feitos com folhas adstringentes...

Está certo — concordou Jeanne — Mas não é somente nisso que as suas poções e filtros funcionam... Você as usa para curar muitas outras coisas e para resolver problemas que não têm nada a ver com doenças propriamente ditas.

Gabrielle riu.

— Você está falando dos filtros de amor, das poções para resolver negócios e coisas assim...

Pousando carinhosamente a mão sobre o antebraço de Jeanne, ela disse, em voz baixa, como se estivesse com medo de que outras pessoas a pudessem escutar:

— Essas poções têm apenas efeito psicológico... Aumentam a confiança de quem as usa e, assim, torna as coisas mais fáceis!

Deu uma risada e completou:

— Acredite que um homem que venha me procurar para que eu lhe faça uma poção que o possibilite encontrar um emprego, se ele não se esforçar, vai continuar desempregado. Não vai surgir um patrão caído do céu para suprir suas necessidades! Ele tem de sair em campo, tem de batalhar para conseguir alguma coisa! Só que, depois de usar o meu filtro ou a minha poção, ele irá à luta com mais vontade, com mais confiança e isso é importantíssimo

para se atingir qualquer objetivo!

Aos poucos, Jeanne foi admitindo que a feitiçaria branca, na realidade, não passava de uma série de artifícios de que faziam uso as feiticeiras para impressionar e suggestionar as pessoas que as procuravam. Não classificaria de charlatanismo mas... No fundo, não estava muito longe de sê-lo, uma vez que as feiticeiras eram obrigadas a lançar mão de gestos cabalísticos, de palavras misteriosas, tudo isso com a intenção de forçar as pessoas a acreditarem nelas e, com isso, adquirirem o mais importante, ou seja, a auto-confiança.

Porém, era evidente que Gabrielle não era apenas um compêndio ambulante de medicina natural... Ela tinha poderes, tinha uma grande capacidade telepática e radiestésica, era capaz

de sentir e de adivinhar coisas impossíveis.

E era essa faceta de Gabrielle que Jeanne queria conhecer melhor, que queria aprender.

— Como é que você faz para ler os pensamentos dos outros? — quis saber.

Gabrielle suspirou e respondeu:

— Uma pessoa como eu é chamada de feitiçeira porque é capaz de realizar coisas e de provocar fenômenos que as mentes das pessoas comuns não conseguem explicar e, por isso, dizem ser sobrenaturais. No entanto, isso não é bem verdade. No fundo, uma feitiçeira não é mais do que uma pessoa sensitiva, capaz de perceber energias invisíveis e insensíveis para as outras.



Impedindo, com um gesto, que Jeanne a interrompesse, Gabrielle prosseguiu:

— No meu caso, por exemplo, sou capaz de perceber, sentir e ver a aura das pessoas. Assim, posso definir-lhes o caráter apenas pela cor e pelo brilho da mesma. É como um invólucro luminoso que contorna a silhueta de uma pessoa quando a observo num lugar menos iluminado ou, então, quando ela se encontra contra a luz. Dessa maneira, uma aura azulada significa uma pessoa de bom caráter enquanto uma outra, com a cor tendendo ao esverdeado, mostra egoísmo e inveja; já uma aura arroxeadada indica uma pessoa de profundos princípios religiosos... As auras que apresentam tons do lilás, são típicas dos que estão apaixonados e que são correspondidos nessa paixão. O que, em resumo, traduz pessoas felizes.

— Mas essa sua explicação não tem nada a ver com a capacidade de adivinhar os pensamentos — protestou Jeanne.

— Como Não?! — fez Gabrielle — A telepatia está diretamente ligada à aura! Principalmente quando existe uma proximidade. Faça com que minha aura interaja com a da outra pessoa e, assim, posso até mesmo dizer que me encontro no interior de seus pensamentos!

— Mas nem sempre há essa proximidade — ponderou Jeanne.

— De fato — admitiu a velha — Quando a pessoa está distante, a telepatia se torna mais fácil se a feiticeira puder dispor de algum objeto que ela use ou tenha usado com muita frequência, ou então de um pedaço de seu corpo.

Jeanne arregalou os olhos, horrorizada, quase gritando:

— Um pedaço do corpo?!

— Sim — confirmou Gabrielle — Uma lasca de unha, uma mecha de cabelos, um dente que lhe tenha sido arrancado...

Jeanne respirou aliviada vendo que a feiticeira não mencionara um braço, uma mão ou, quem sabe, outra parte ainda mais impressionante do corpo humano...

— É por isso que, em muitos encantamentos praticados por nós, principalmente os encantamentos de amor, é necessário que se traga alguma coisa de quem vai ser encantado. Nesses casos, uma concentração psíquica direcionada enquanto estamos segurando um

objeto pertencente a essa pessoa, praticamente faz com que ela escute uma ordem dada por nós. Para ser mais precisa, faz com que seja induzida a agir exatamente como queremos.

Gabrielle sorriu e completou:

— Mas não podemos usar esse dom para tirar proveitos próprios...

Não podemos, por exemplo, tentar um encantamento que nos traga dinheiro, que faça alguém aparecer aqui com uma mala de ouro e deixá-la em nossa porta. Se isso fosse possível, a vida das feitiçeras seria muito fácil!

\*\*\*\*\*

Depois de quatro meses em companhia de Gabrielle, a moça já conseguia fazer muitas coisas que, aos olhos dos leigos, passariam perfeitamente por atos de feitiçaria.

Assim, ela já sabia como efetuar uma porção de curas ditas milagrosas, sabia ler na bola de cristal, sabia distinguir entre problemas físicos e meramente psíquicos e, o que era muito importante segundo Gabrielle, Jeanne sabia preparar muito bem certos filtros de amor e de progresso material.

Porém, as duas aptidões que ela mais queria adquirir, não estavam ao seu alcance.

Jeanne não tinha a capacidade de ler os pensamentos como Gabrielle, e não conseguia ver o futuro.

— Não pense nisso — disse a velha, quando Jeanne comentou com ela sobre o assunto — Já lhe disse que não nos é dado, dentro da feitiçaria branca, adivinhar o futuro. E, quanto a ler pensamentos, quanto à interpenetração de auras... Falta-lhe ainda um pouco de preparo. Tenha calma e paciência que você chegará lá.

Com um acento de tristeza em sua voz, Gabrielle arrematou:

— Só que eu acho que não estarei aqui para vivenciar esse momento tão importante em sua vida...

Jeanne entendeu muito bem o que a velha estava querendo dizer.

E entendeu, também que ela estava, na realidade, fazendo exatamente aquilo que vivia afirmando ser impossível, ou seja, estava lendo o próprio futuro.

A moça não pode esconder uma certa revolta. Gabrielle sabia alguma coisa que não estava querendo lhe transmitir e isso, no mínimo demonstrava falta de confiança em sua pessoa.

— Você não confia em mim... — queixou-se Jeanne fazendo beicinho, numa tentativa de se fazer de criança mimada para conseguir o que estava querendo.

Gabrielle sorriu.

— Há certas coisas que, mesmo dentro da feitiçaria branca, só podem ser transmitidas de uma feitiçera para outra. E você ainda não é



uma feiticeira. Na verdade, nem mesmo sei se será uma de nós...

Jeanne sentiu que corava. No fundo, sabia que Gabrielle estava certa...

Apesar de entusiasmada com o que estava vendo e aprendendo, Jeanne não manifestava nenhuma intenção de se transformar numa feiticeira.

Piscando o olho esquerdo para Jeanne, a velha completou:

— Você não consegue esconder de mim, querida... Você não tem a menor vontade de continuar aqui pelo resto de seus dias, vivendo sem luxo nenhum, levando uma vida que será marcada pela solidão... Você é ambiciosa demais, pensa demais nas coisas do mundo... E, enquanto você tiver esse tipo de pensamento, não poderá ser iniciada nos verdadeiros rituais da feitiçaria!

Com uma careta de despeito, Jeanne argumentou:

— Há alguma coisa errada... Você disse que as feiticeiras brancas não podem mentir e, no entanto, você está mentindo para mim! Diz que não pode ver o futuro mas soube dizer que aquela pobre mulher, Lucille, iria morrer e que sua rival, Anne Marie, haveria de ficar com Marcel! Isso, para mim, e no entender de qualquer pessoa, não é mais do que fazer uma profecia, ou seja, não é mais do que ver o futuro!

— Não, minha querida... É apenas dedução lógica, como já lhe expliquei — replicou a velha — Não estou mentindo quando afirmo ser impossível para uma feiticeira branca, ver o futuro.

Em voz mais baixa, acrescentou, como que falando para si mesma:

— Pelo menos, de uma maneira clara, nítida e confiável. Há muita coisa que me aparece e que me dá a impressão de estar vendo o futuro mas, na realidade, são apenas impressões subjetivas, no máximo, premonições!

— No caso de Lucille...?

— No caso de Lucille — respondeu Gabrielle — o que acontece é uma dedução lógica, quando muito, você pode dizer que é um jogo com as probabilidades...

\*\*\*\*\*

Na semana seguinte, Lucille morreu e quando Jeanne foi à cidade fazer algumas compras, ficou sabendo que Marcel, de fato, já estava vivendo com Anne Marie.

Assim, Gabrielle acertara.

E, para Jeanne, apenas confirmara suas teorias de que a velha estava mentindo e era perfeitamente capaz de prever o futuro.

Isso fez com que crescesse dentro de si a ansiedade por aprender o mais possível com a feiticeira e fez com que Jeanne tomasse a decisão de forçar Gabrielle a lhe ensinar os truques necessários para se tornar uma autêntica pitonisa.

Jeanne sofrera muito com a miséria, passara necessidades terríveis quando pequena, enquanto morava na Rue de la Huchette. E não estava querendo que essa situação de penúria se prolongasse pelo resto de seus dias. Ela estava grávida, iria ter um menino

dentro de mais alguns meses e desejava uma vida melhor, que não fosse isolada numa cabana no meio da floresta, atendendo pessoas que viessem procurá-la com problemas os mais variados, os mais idiotas do mundo.

Não... Ela não desejava esse tipo de vida!

Mesmo porque era muito moça ainda, tinha a vida inteira pela frente, tinha suas ambições e seus desejos... Sonhos de voltar a ser plenamente feliz no meio de outras pessoas, numa cidade grande, onde houvesse... vida!

Naquele dia, encontrou Gabrielle com uma profunda expressão de tristeza.

Imediatamente ela soube — adivinhou — o que estava acontecendo. Gabrielle pressentira à distância seus pensamentos.

Sua suspeita se confirmou quando a velha lhe disse:

— Não pense assim, Jeanne. Uma feiticeira branca não pode usar seus dons extra-sensoriais para auferir lucros. Isso seria a pior coisa que você poderia fazer pois estaria indo contra todos os princípios da verdadeira feitiçaria e contra todos os seus objetivos.

Jeanne não teve o que responder. Gabrielle acertara em cheio e a jovem, só pela expressão de desagrado da velha, já podia adivinhar que ela jamais lhe ensinaria o que estava querendo aprender.

Um pouco mais tarde, menos aborrecida, Gabrielle veio lhe dizer:

— Quando falei que você ficaria em meu lugar, estava apenas contando um sonho que tive, Jeanne. Não posso afirmar que isso seja uma profecia. Sonhei que você estava chegando, que se chamava Jeanne e que estava enfrentando sérias dificuldades mesmo porque estava grávida. Se quiser considerar isso como uma espécie de clarividência, pode considerar. Não discutirei. Mas não foi uma profecia. Para começar, aconteceu enquanto eu estava dormindo e as profecias são feitas com a vidente em plena e perfeita consciência. Por isso, não pense que eu estou escondendo coisas de você. Isso não é verdade.



Erguendo os olhos para Jeanne, acrescentou:

— Além disso, você ficará no meu lugar... Isso pode querer significar tão somente que você ficará aqui, em minha casa, quando eu me for... Não é obrigatório que você se transforme numa feiticeira, como eu!

Essa frase de Gabrielle assustou ainda mais a jovem.

Ficar naquela casa, isolada do mundo... Sem nenhum outro objetivo na vida a não ser esperar o tempo passar...

Não! Jamais!

Jeanne não deixaria que acontecesse! Ficaria ali até ter seu filho e, depois...

Bem...

Depois, ela veria o que poderia fazer.

De uma coisa, porém, ela tinha certeza...

Não ficaria naquele bangalô mais do que o estritamente necessário.

Com um olhar cheio de carinho, Gabrielle murmurou:

— Lembre-se, minha querida... A felicidade é diretamente proporcional àquela que podemos transmitir para os outros...

## CAPÍTULO VI

Gabrielle era uma pessoa absolutamente incapaz de guardar rancor do que quer que fosse e, assim, o incidente com Jeanne passou em menos de vinte e quatro horas e as duas voltaram a conviver como mãe e filha, a feiticeira ensinando para ela tudo quanto lhe fosse permitido saber e nunca mais tocando no assunto que a entristecera.

Foi numa sexta-feira pela manhã que Gabrielle levantou da cama parecendo muito mais excitada e agitada do que o habitual.

— O que aconteceu? — perguntou Jeanne — É seu aniversário, para estar assim tão contente?

Gabrielle sorriu e respondeu:

— Posso ser uma feiticeira, querida... Mas não deixo de ser mulher... E nós, mulheres, não temos motivo algum para nos sentirmos felizes no dia de nosso aniversário! Envelhecer não é das coisas mais agradáveis do mundo para ninguém.

Sentando-se à mesa para o desjejum, ela continuou:

— Minha felicidade, hoje, se deve ao fato de ser noite de lua cheia e, o que é mais importante, é a terceira sexta-feira do mês.

Jeanne continuou a olhar para ela com expressão de quem não estava entendendo onde Gabrielle queria chegar e esta, servindo-se de chá, explicou:

Teremos um coven, esta noite...

A jovem franziu as sobrancelhas e indagou:

— Coven? Mas o que é isso?

— É uma reunião de feiticeiras e de feiticeiros, Jeanne. Um encontro que, na maior parte das vezes, é alegre e festivo. Você vai gostar... Estará lá comigo e poderá ver e aprender muitas coisas interessantes.

Jeanne sentiu uma espécie de arrepio a lhe percorrer o corpo. Na verdade, não parecia muito atraente a idéia de ir a um lugar onde fossem se reunir várias pessoas dotadas de dons extra-sensoriais e capazes de realizar prodígios tais como ler os seus pensamentos...

— Não quero ir — disse Jeanne — Tenho medo...

Gabrielle sorriu, acariciou as costas da mão de Jeanne e murmurou:

— Mas você irá... Será obrigada a ir. E, no fundo, vai tirar um bom proveito desse acontecimento!



Porém, Jeanne fincou pé.

Não quis ir de jeito nenhum, chegou a inventar a desculpa — muito embora tivesse consciência de que não adiantava nada mentir para Gabrielle — de que não estava bem disposta.

— Você prefere ficar — falou a velha — Pois fique... Verá que dentro de poucas horas, você estará lá.

\*\*\*\*\*

Gabrielle foi sozinha ao coven.

Começava a escurecer quando ela se embrenhou na floresta depois de se despedir de Jeanne dizendo-lhe que ainda a veria naquela noite.

Jeanne achou estranha a frase da velha pois era mais do que natural que as duas ainda se encontrassem, uma vez que moravam juntas e que a feiticeira voltaria para casa.

— A menos que ela esteja pensando em dormir na floresta — murmurou Jeanne retomando seus afazeres domésticos — E, se era isso que Gabrielle estava tencionando fazer, aí sim, é que eu tenho motivos muito fortes para não sair de casa! Eu jamais conseguiria dormir no meio do mato, num lugar onde pode haver de tudo, onde corro o risco de ser atacada por lobos ou por outros animais ferozes!

Pela porta aberta, Jeanne ficou observando Gabrielle desaparecer por entre as árvores e, mais uma vez, aquele estranho e desagradável arrepio percorreu sua coluna vertebral.

Pareceu-lhe ouvir no interior de sua alma, alguém que a recriminava por deixar a velha ir sozinha àquela reunião de doidos.

Sacudiu a cabeça afastando de si esses pensamentos e, com um suspiro, voltou a arrumar os objetos cabalísticos de Gabrielle que tinham sido usados durante aquele dia.

Mas Jeanne estava inquieta.

Não conseguia se concentrar no que fazia e, por duas vezes, quase deixou cair no chão a preciosa bola de cristal.

Resolveu desistir de qualquer coisa e, sentando-se numa das poltronas diante da lareira, tentou bordar um pouco.

Espetou-se com a agulha, errou os pontos, desistiu.

Apanhou a cesta de tricot, afinal precisava se apressar um pouco com as roupinhas de seu filho.

Mas nem isso conseguiu fazer.



Estava angustiada, mal dentro de sua própria pele, parecia que, de repente, as paredes da casa a estavam oprimindo, abafando, dizendo-lhe, enfim que não deveria estar ali, mas sim no coven, ao lado de Gabrielle.

Finalmente, cerca de três horas depois que a velha deixara a casa, Jeanne se decidiu.

Apanhou um xale, jogou-o sobre os ombros e saiu, seguindo a mesma direção que Gabrielle tomara ao entrar na floresta.

Foi só quando já estava no meio do mato, na mais total e absoluta escuridão, que ela se deu conta de que não tinha a menor idéia do caminho a seguir.

Olhou ao seu redor.

Absolutamente em vão. Não era capaz de enxergar um palmo diante do nariz e, muito naturalmente, Jeanne sentiu medo.

Percebeu, já entrando em pânico, que não conseguiria voltar para o bangalô e um soluço desesperado sacudiu seu corpo, as lágrimas começando a surgir.

Nesse momento, ouviu nitidamente uma voz que lhe dizia:

— Siga em frente, Jeanne... Sempre em frente... E não tema. Gabrielle está esperando por você.

Assustada, a moça sentiu que, por ela, por sua vontade, não queria seguir. Seu desejo era ficar ali, pregada ao chão, com medo de dar um passo sequer, talvez esperar que o dia chegasse ou que acontecesse o milagre de alguém surgir com uma lanterna e a levasse de volta para casa.

Mas...

Suas pernas criaram vontade própria...

Seus pés começaram a se movimentar cada vez mais depressa e logo ela estava correndo, ainda apavorada mas, ao mesmo tempo, surpresa por não esbarrar num só galho de árvore.

E Jeanne já andara por aquele trecho da floresta à cata de morangos e amoras silvestres. Sabia muito bem o quanto ele era fechado e denso.

Sem se cansar, sem nem ao menos modificar o ritmo respiratório, Jeanne correu por quase quinze minutos.

Quando seus pés decidiram diminuir a marcha, ela se viu na orla de uma clareira em cujo centro tinha sido feita uma grande fogueira.

Ao redor das labaredas, doze vultos se agitavam numa estranha dança e, um pouco mais para trás, um grande caldeirão parecia apenas aguardar a hora de ser colocado sobre as chamas.

Os vultos, vestidos de negro, com uma espécie de capa longa



que lhes chegava quase aos tornozelos, saltavam e corriam ao redor da fogueira, cantando alguma coisa que a moça não conseguia entender, fazendo gestos, baixando e levantando suas cabeças escondidas por capuzes como os dos frades capuchinhos.

Jeanne estacou.

Sabia que queria ir até lá, sabia que deveria se aproximar mas...

Tinha medo.

De repente, a dança parou e um dos vultos, o mais alto deles, virou-se para onde ela se encontrava e disse:

— Aproxime-se, irmã Jeanne... Nós todos estamos esperando por você!

Ele fez um gesto em sua direção e Jeanne, apesar de estar lutando consigo mesma, começou a caminhar na direção da fogueira.

— Venha, irmã — tornou a falar o vulto mais alto, a voz grave, uma voz de homem — Você é a que estava faltando, a décima terceira... Sem a sua presença, nossa reunião não fará qualquer sentido!

Jeanne engoliu em seco.

Nesse momento, Jeanne reconheceu em outro vulto, a sua boa Gabrielle e, de súbito, criou coragem.

Avançou com passo já firme para o centro da clareira e, cobrindo a cabeça com o xale que trouxera, murmurou:

— Se é assim que tem de ser...

Gabrielle segurou sua mão e, olhando para o vulto à sua direita, que parecia ser o Mestre, falou:

— Ainda há forças do mal agindo sobre esta criatura... É preciso expurgá-las! É preciso expulsar o Demônio antes que ele tome conta de Jeanne!

E, em uma voz alta e esganiçada, acrescentou:

— Temos de trabalhar depressa! Recebi hoje um aviso de que ele, o Príncipe do Mal, está prestes a possuir sua alma!

Jeanne estremeceu.

Ela estava consciente, sabia que não queria estremeecer, achava um absurdo ter aquela tremedeira de repente bem como achava impossível que sua mão, num gesto brusco e completamente contra sua vontade, se libertasse da mão de Gabrielle.

Mas foi isso que aconteceu.

Com um safanão ela se afastou e, aterrorizada, ela viu a expressão de desespero nos rostos dos doze participantes da cerimônia.



Ouviu-se um trovão.

Um estranho e longo relâmpago aconteceu, sem no entanto iluminar mais do que as copas das árvores.

Jeanne sentiu que suas pernas não a sustentariam e ela caiu no chão.

Um outro relâmpago, um outro trovão.

Um repentino vendaval muito quente, varreu aquele pedaço da floresta e um cheiro terrível de enxofre se desprendeu de algum lugar que parecia ser as entranhas da Terra.

Jeanne, apesar de ter caído, não desmaiara e, como mantinha os olhos bem abertos e todos os sentidos em alerta, pode assistir àquele estranho fenômeno.

Os doze vultos caíram por terra como se tivessem sido atingidos por um raio e, novamente, um vento quente e fétido soprou, apagando a fogueira.

Uma escuridão opressiva baixou sobre a clareira e Jeanne, sem mais forças para resistir, mergulhou nas reconfortantes e aliviadoras trevas da inconsciência.

\*\*\*\*\*

Ela abriu os olhos sentindo que alguém punha um pano úmido sobre sua testa.

Olhou ao seu redor e viu que estava no bangalô, em sua cama e que era dia.

Bertrand, com expressão preocupada, estava ao seu lado e, dedicado, tratava de esfregar-lhe os pulsos e as mãos, tentando reanimá-la.

Abriu um sorriso sincero ao ver que Jeanne despertava e murmurou:

— Oh... Graças a Deus você acordou! Já estava ficando com medo que não desse tempo de salvá-la!

— O que foi que aconteceu? — indagou a moça — Onde está Gabrielle?

Jeanne fez essa pergunta meramente por fazer. Ela sabia, mesmo sem se lembrar direito do que ocorrera, que Gabrielle não existia mais...

Lentamente, as imagens da tragédia foram se formando em seu cérebro e, antes mesmo que Bertrand respondesse, Jeanne disse:

— Ela morreu... Não pensei que uma feiticeira pudesse morrer dessa maneira...

Bertrand sorriu tristemente e falou:

— Sim... Gabrielle morreu... Houve uma emanção de gás na floresta e ela morreu.

Olhando com intensidade para Jeanne, acrescentou:

— Não sei como é que você conseguiu se salvar... Quando esse gás vulcânico escapa, não há o que lhe resista!

Jeanne sentou-se na cama surpreendendo-se com o fato de estar se sentindo perfeitamente bem e perguntou:

— E os outros? O que aconteceu com todos os outros?

Bertrand franziu as sobrancelhas e indagou, intrigado:

— Outros? Mas que outros?

Por um momento, Jeanne quase falou que havia mais pessoas além de Gabrielle na clareira. Porém, achou melhor esperar um pouco e Bertrand disse:

— Você s estavam sozinhas... Não havia mais ninguém, nem mesmo pegadas.

— Mas havia um caldeirão... — insistiu Jeanne.

— Uma cesta, você quer dizer — retrucou Bertrand — Uma cesta cheia de cogumelos e de frutas silvestres.

Jeanne suspirou.

Tudo ainda estava muito confuso...

Era preciso encontrar as explicações e isso, justamente isso, seria muito difícil, uma vez que Gabrielle deixara de existir.

— O corpo...? — balbuciou Jeanne — Onde está o corpo de Gabrielle?

Bertrand sorriu, compreensivo.

— Ela já foi enterrada, Jeanne... Há dois dias. Faz hoje uma semana que você está dormindo.

A moça arregalou os olhos.

— Não é possível! — exclamou — Uma semana! Como cheguei aqui?

Bertrand respondeu:

— Eu a trouxe. Ouvi a trovoadas, senti o cheiro do gás e achei que você s poderiam estar precisando de ajuda. Fui encontrá-la no meio da floresta, numa clareira. Gabrielle estava morta...

Jeanne preferiu nada dizer.

Pôs-se de pé, surpreendentemente lépida e disse:

— Estou bem... Nem acredito!

— O que pretende fazer? — perguntou Bertrand.

Jeanne ergueu os ombros, dizendo:

— Ainda não sei... Sem Gabrielle... Não tenho a menor idéia do que será de mim daqui para a frente...

Sentia-se confusa, queria refletir um pouco sobre tudo aquilo e, sem jeito, com medo de ofender Bertrand que, afinal, tinha sido tão dedicado, ela murmurou:

— Preciso pensar, Bertrand... Por isso, acho que gostaria de ficar sozinha...

O homem fez um sinal afirmativo com a cabeça e disse, já se dirigindo para a porta:

— Compreendo... Irei para minha casa...

Sorriu, fez um aceno com a mão e arrematou:

— Se precisar de alguma coisa, faça como Gabrielle... Pense em mim!

Jeanne teve vontade de rir.

Ela jamais seria capaz desse tipo de coisa. e, pelo que pudera entender, segundo as palavras do Mestre e da própria Gabrielle, estava prestes a ser possuída pelo Espírito do Mal!

Sentiu um desagradável mal estar e, erguendo os olhos para o teto, falou:

Meu Deus... Não deixe que isso aconteça! Não deixe!



## CAPÍTULO VII

No mês que se seguiu, Jeanne experimentou a solidão.

Ela já a conhecia da Rue de la Huchette mas lá, por mais sozinha que estivesse, sempre havia o movimento de pessoas nas calçadas, havia os gritos dos casais vizinhos brigando

invariavelmente por causa de dinheiro — da falta de dinheiro — e havia, no mínimo, a existência de Paris.

Na Rue de la Huchette, Jeanne podia estar solitária, abandonada por seus pais, sem ninguém para conversar, sem ninguém com quem trocar uma emoção, um sentimento... Mas, apesar disso tudo, ela estava em Paris.

E Paris era, é e sempre será Paris, mesmo com os alemães, com os árabes, ou com os turistas japoneses...

Em Paris não se está sozinho a menos que se queira e Jeanne jamais quis estar sem ninguém...

Já ali, no meio da Floresta de Randan, no bangalô que tinha sido de Gabrielle, ela estava absolutamente só.

Era verdade que sempre aparecia alguém, sempre surgia uma pessoa da cidade que desejava uma consulta, que pretendia um encantamento para ajudá-la a resolver algum problema... Também Louis e Bertrand vinham com frequência trazer-lhe mantimentos, um pedaço de carne, um peixe... Coisas que naquela época, em plena guerra, eram artigos de alto luxo e que eles levavam para Jeanne sem que ela tivesse que pagar um só tostão.

Mas, apesar disso, ela continuava a se sentir a pessoa mais solitária e abandonada do mundo.

Como se não bastasse, ela estava grávida, sua barriga cada vez maior e o bebê, irrequieto, mexendo-se o tempo todo, dando-lhe chutes como se estivesse apressado, como se estivesse querendo vir ao mundo depressa para poder fazer companhia à mãe.

A gravidez era outro ponto de desespero e pânico para Jeanne.

Ela ficava horas a fio imaginando como faria no momento em que as contrações comesçassem e ela tivesse que contar com a ajuda de alguém para dar à luz seu filho.

— Não terei ninguém... — lamentava-se — E não tenho a menor idéia de como poderei fazer tudo sozinha!



Várias vezes pensara que, se tivesse dinheiro, deixaria a Floresta de Randan e iria para Clermont-Ferrand onde, no mínimo, encontraria um médico que a ajudasse.

Mas..

Não era apenas por causa do dinheiro que Jeanne não voltava para Clermont-Ferrand.

Havia, e muito forte, o medo de ser apanhada pelos homens da Gestapo. Afinal, ela jamais poderia ter certeza de que Jacob nada dissersa a respeito de Auvergne.

— Estou amarrada aqui — gemeu — Terei de suportar... Terei de aguentar e, no fim, Gabrielle estava certa, mais uma vez... Ela disse que eu ficaria em seu lugar e é exatamente isso que está acontecendo! Só que... Eu nem sequer sou uma feiticeira!

\*\*\*\*\*

Sem ter o que fazer e ainda muito pouco conhecida pelos moradores da região, Jeanne tinha tempo de sobra para se dedicar à leitura.

Encontrou, entre as coisas de Gabrielle, vários livros sobre feitiçaria e sobre magias e, assim, começou a estudar.

— Não é possível que uma feiticeira, uma pessoa com tanto poder, não consiga fazer alguma coisa no sentido de melhorar a própria vida! — dizia ela enquanto folheava aqueles livros — Deve haver uma maneira, deve haver um método mágico que me permita ter, ao menos, o suficiente para viver num lugar melhor, o suficiente para que eu possa ter meu filho com comodidade!

Contudo, as coisas não eram nada simples.

Os livros de Gabrielle estavam repletos de fórmulas, de símbolos e de sinais que ela não conseguia entender e, o que era pior, os poucos trechos cujo teor conseguia compreender, diziam coisas pouco animadoras.

Falavam das desgraças que caíam sobre os que tentavam explorar a magia como fonte de renda, de maldições que perseguiram os que viam na feitiçaria uma maneira de enriquecimento.

— Tem de ser mentira! — exclamava Jeanne, irritada — Nunca ouvi dizer de feiticeiras ou bruxos que fossem pobres! Deve haver um encantamento sim, mas tão secreto que nem sequer é mencionado na literatura!



À noite, Jeanne sonhava.

No sonho, ela aparecia numa cidade grande, ensolarada, quente e muito bonita. Ela usava roupas leves e coloridas, estava sempre sorridente e os homens se desdobravam para agradá-la. Ela tinha dinheiro, muito dinheiro... E podia fazer compras, podia comer nos melhores restaurantes, podia ir a teatros, dar longos passeios de automóvel...

No sonho, Jeanne vivia a vida que desejava, a vida que pedira para ter.

Mas...

Era um sonho.

Um sonho que ela sabia ser muito difícil de realizar, principalmente estando ali, prisioneira naquela floresta.

Porém, Jeanne era persistente. Quando despertava e via que ainda estava no bangalô e que aquelas ruas ensolaradas e cheias de gente feliz não tinham sido mais do que outro sonho, ela voltava a mergulhar nos livros de Gabrielle, ansiosa por encontrar o caminho de sua libertação.

— Deve haver um meio! — dizia para si mesma — E, quando eu o encontrar... Aí sim, poderei dizer que sou verdadeiramente feliz!

\*\*\*\*\*

Um fim de tarde, quando Jeanne estava mais deprimida com a solidão — nos últimos três dias não aparecera ninguém na floresta e muito menos no bangalô — revirando um velho baú que estava no quarto de Gabrielle, ela encontrou um livro que ainda não tinha visto.

Era uma edição muito antiga, já meio carcomida pelo tempo e pelos carunchos, que tratava sobre um assunto que Gabrielle abominava: Magia Negra.

Muito provavelmente foi a curiosidade que desperta aquilo que é proibido, que fez Jeanne levá-lo para a sala e começar a folheá-lo.

Era preciso muito cuidado no manuseio pois as páginas, úmidas, emboloradas e praticamente apodrecidas, desfaziam-se ao mais suave toque. Assim, bem devagar para não destruir o livro, ela o folheou, detendo-se em alguns trechos mais interessantes e saltando outros sem nem ao menos passar-lhes os olhos em cima.

Não pode deixar de sorrir ao perceber que só se detinha em parágrafos de fato importantes e que os outros eram simplesmente



postos de lado, como se ela possuísse um filtro mental

formidável, um filtro précognitivo que lhe permitisse escolher o que interessava e o que poderia ser desprezado, antes mesmo de começar a ler.

Quando, no dia seguinte, voltou a apanhar esse velho livro para revê-lo, percebeu que quando lia determinados pedaços do mesmo, escutava trovões à distância. Nas primeiras vezes, achou que era uma simples coincidência. Afinal, não fazia qualquer sentido a ocorrência de trovoadas só por que ela estava lendo um trabalho sobre Magia Negra.

Chegou a sair de casa para olhar o céu e, surpresa, constatou que não havia uma só nuvem...

Porém, o ribombar se repetiu várias outras vezes e Jeanne notou que o fenômeno acontecia cada vez que ela lia as palavras Demônio, Satã, Príncipe das Trevas e Inferno.

— Não... — murmurou ela — Isso não pode ser coincidência... Por incrível que possa parecer, deve haver uma correlação com essas palavras...

Para experimentar, disse, em voz alta:

— Satã!

Imediatamente, um trovão fortíssimo ecoou e logo em seguida o mesmo vento quente e fétido que assolara a clareira na noite fatídica da morte de Gabrielle, varreu a o bangalô.

Jeanne empalideceu. Trêmula, ela fechou depressa o livro e foi escondê-lo debaixo do colchão, no quarto de Gabrielle.

— Bom Deus! — exclamou, apavorada.

E, mais uma vez, o trovão ribombou e o vento cheirando a enxofre levantou poeira e folhas secas no jardim.

\*\*\*\*\*

Naquela noite, Jeanne voltou a sonhar.

Estava, desta vez numa grande cidade, dentro de uma loja muito requintada, fazendo compras. Tinha nas mãos um grosso maço de dinheiro e, ao contar as cédulas viu que o dinheiro era muito diferente, não era dinheiro francês. Ao seu lado, havia um homem. Ela sabia que esse homem era seu marido mas, já pelo porte, podia dizer que não se tratava de Jacob. Este era mais baixo, mais truncado e não tinha as maneiras refinadas do cavalheiro que a acompanhava naquela loja.



Fez um esforço sobre-humano para tentar ver o seu rosto mas, foi em vão...

De repente, aparecia Gabrielle e a puxava, afastando-a do marido e, com um gesto raivoso, a velha apanhava todo o seu dinheiro e o atirava numa lareira que, misteriosamente, surgia numa das paredes da loja. O gordo maço de cédulas ardia e, ao mesmo tempo em que ele pegava fogo, Jeanne ouvia um grito aterrador e sentia um horrível cheiro de enxofre...

\*\*\*\*\*

Esses sonhos começaram a incomodar seriamente Jeanne.

Era mais do que evidente que ela gostaria de poder vivê-los na realidade mas, ela sabia muito bem que isso seria completamente impossível. Em primeiro lugar, ela estava na

França, um país em guerra e, o que era pior, um país ocupado. Em segundo, suas possibilidades financeiras eram nulas, ainda mais metida ali, naquela floresta, naquele bangalô. Não havia como fazer dinheiro, não tinha de onde tirá-lo visto que não conseguiria qualquer ocupação em Randan onde os habitantes também estavam reduzidos a um terrível estado de penúria.

O único lugar onde poderia tentar alguma coisa, seria em Clermont-Ferrand mas mesmo ali, os franceses estavam sem dinheiro, não poderiam pagar, por exemplo, uma empregada. E, como se não bastasse, ela estava grávida... Ninguém quer uma mulher grávida para trabalhar.

Jeanne passava o dia inteiro dando voltas à cabeça na tentativa de encontrar uma solução. E, quando chegava a noite, ela estava desesperada, angustiada, sem ter conseguido nem ao menos vislumbrar uma resposta para seu problema.

Que, basicamente, estava reduzido à total impossibilidade de se mexer para onde quer que fosse.

Para cúmulo, ao adormecer, voltava a sonhar...

Nesses momentos, ela se sentia feliz e realizada, sempre cheia de dinheiro, sempre desejada por todos os homens e, o que era melhor do que qualquer outra coisa, sempre com uma imensa facilidade de se locomover, uma deliciosa liberdade para fazer o que bem quisesse.

De manhã, ao despertar, a desilusão.

Continuava no bangalô, continuava rodeada de árvores e de solidão...



Passou a odiar aquele local.

Não cuidava mais da casa, não tinha mais o menor interesse pelo jardim, pelos canteiros de cravínias, de rosas, de margaridas e de gladiólos que tinham sido o orgulho de Gabrielle e que davam ao bangalô uma aparência de casa de bonecas. O mato cresceu tomando conta do gramado e as ervas daninhas dominaram as flores, cobrindo os canteiros e misturando-se num autêntico caos.

Bertrand e Louis, percebendo a pouca hospitalidade de Jeanne, espaçaram mais suas visitas, limitando-se a ir até lá de vez em quando, por uma questão de caridade, para levar-lhe alguns mantimentos e para saber se, por causa da gravidez já bem avançada, Jeanne não estaria precisando de alguma coisa.

Numa de suas últimas idas ao bangalô, Bertrand chegou a comentar a respeito do estado do jardim.

— Não posso mais me abaixar — desculpou-se Jeanne.

Bertrand, solícito, ofereceu-se para limpar tudo aquilo mas Jeanne, com um gesto de enfado, falou:

— Não vale a pena... De qualquer maneira, não pretendo ficar aqui por muito tempo mais. Vou apenas esperar meu filho nascer. Depois...

Bertrand deu de ombros.

Na verdade, para ele era excelente que Jeanne tivesse recusado seu oferecimento. Bertrand não conseguia explicar por que, mas ele não se sentia bem ao lado daquela moça que, embora com aparência tão meiga, irradiava alguma coisa que o deixava arrepiado.

Com Louis acontecia a mesma coisa. O motorista não conseguia ficar perto de Jeanne mais do que cinco minutos e, uma manhã, quando lá chegara para levar-lhe um pouco de carne de coelho, notou que não havia um só passarinho nas árvores ao redor do bangalô.

— Estranho — pensou — Quando Gabrielle era viva, este jardim estava sempre cheio de passarinhos e eles até mesmo entravam dentro da casa!

Esse fato não passou despercebido por Jeanne.

Ela gostava dos passarinhos, ficava às vezes horas a fio olhando para eles, vendo-os fazer seus ninhos e caçar insetos no gramado. Por isso, quando começou a notar a ausência das aves, ficou triste, imaginando logo que até mesmo os animais e as plantas estavam querendo deixá-la sozinha.

— Tenho apenas meu filho — disse ela, com as lágrimas a lavar-lhe o rosto — E ele ainda nem nasceu...

Se o jardim estava abandonado, o interior do bangalô não estava diferente.

Jeanne, desanimada, não mais se incomodava nem mesmo com a limpeza da casa e, dessa maneira, a poeira e a fuligem acumulavam-se sobre os móveis, no chão e nas cortinas deixando tudo com um aspecto feio, com uma cor acinzentada e triste. Teias de aranha multiplicavam-se pelos cantos e formavam desenhos os mais variados, mostrando o desleixo da moça. Batalhões de formigas iam e vinham pelo chão da cozinha, subiam pelas paredes e caminhavam por sobre os móveis em busca de restos de comida, refestelando-se na sujeira que ali reinava.

Até consigo mesma, Jeanne relaxara.

Não se preocupava mais em pentear os cabelos que, sujos, empoeirados, armavam-se como um imenso capacete cor de fogo sobre sua cabeça. Não lavava mais suas roupas, usando-as dias e dias seguidos, chegando a dormir com elas unicamente por preguiça — ou falta de estímulo — de tirá-las na hora de ir para a cama.

Transformara-se numa mulher em decadência.

Moça demais para isso mas...

Era o que estava acontecendo.

Jeanne, sozinha, morria aos poucos enquanto formava uma nova vida em seu ventre.

\*\*\*\*\*

Todo o aspecto de desmazelo exterior refletia bem o que ia pela alma de Jeanne.

Ela não se preocupava com mais nada, não tinha interesse em coisa nenhuma e, desde que aquele estranho trovão e aquele assustador vendaval mal cheiroso surgiram enquanto ela lia o velho livro de Magia Negra de Gabrielle, Jeanne não mais tivera coragem de tirá-lo do lugar onde o escondera.

Ficara suficientemente assustada com o que presenciara na clareira da floresta e, depois, com o que acontecera no bangalô no instante em que pronunciara o nome do Príncipe das Trevas.

Até que, uma tarde, ao olhar para a mesa que Gabrielle costumava usar para atender aqueles que lhe pediam encantamentos e feitiços, ela viu o livro ao lado da bola de cristal.

Arrepiou-se inteira.



Aquilo não podia ser verdade, tinha de ser uma ilusão de ótica!

Afinal, Jeanne ainda se lembrava muito bem de ter guardado a bola de cristal em seu estojo — uma caixa de madeira perfumada e trabalhada à mão por um artesão hindu — e sabia que não tirara o livro de seu esconderijo.

Ressabiada, aproximou-se da mesa e viu que ele estava aberto justamente na página que dizia da conjuração do Demônio...

Como se tivesse medo que seus olhos se escravizassem ao texto e que, lendo-o, ela pudesse acidentalmente conjurar o Príncipe das Trevas, desviou rapidamente o olhar para a bola de cristal.

Perplexa, viu refletida em sua superfície, uma cena que aparecia em quase todos os seus sonhos...

Era ela, Jeanne, que ali estava. Muito bonita, muito bem vestida... Fazendo compras, gastando dinheiro, impressionando os homens que estavam ao seu redor...

Sim...

Era ela...

E, de repente, Jeanne sentiu uma tontura.

Sentou-se depressa para não cair no chão e, voltando a olhar para a bola de cristal, notou que esta crescia, aumentava de tamanho até tomar conta de toda a sala.

Por sua cabeça, imediatamente passou a idéia de que alguma coisa estava errada pois se a bola ficara do tamanho da sala, não deveria haver mais espaço para ela!

Foi nesse momento que ela percebeu...

Estava dentro da bola!

De alguma maneira fantástica, ela tinha entrado lá dentro e...

Tomara o lugar de sua imagem.

Jeanne olhou para suas roupas, olhou para o maço de notas que tinha na mão.

Era aquele mesmo dinheiro diferente que já vira tantas e tantas vezes em seus sonhos. Era a mesma loja, uma loja grande e luxuosa, numa cidade quente e cheia de luz...

Ao seu lado, aquele mesmo homem...

E a mesma impossibilidade de ver seu rosto!

Escutou uma risada... Uma risada horrível, arrepiante, assustadora.

Tudo começou a girar ao seu redor, as prateleiras e mercadorias da loja misturando-se com a decoração da sala do bangalô.



Jeanne, rodando junto com tudo o mais, passou por perto de um balcão de bijuterias. Viu um anel e, involuntariamente, o apanhou.

Tudo rodou mais depressa, as imagens perdendo paulatinamente a nitidez e Jeanne, de súbito, viu-se outra vez na sala da casa de Gabrielle, sentada numa poltrona.

Atônita, notou que estava segurando na mão o anel que apanhara na loja.

Olhou para o objeto, meteu-o no dedo surpresa ao ver que ele servia perfeitamente, parecia ter sido feito sob medida para ela.

Escutou, então um ruído, algo como se um pássaro muito grande estivesse batendo suas asas.

Olhou pela janela, viu que já anoitecera, estava escuro lá fora.

Ela não acendera as lamparinas da sala e, no entanto, havia luz, uma luz avermelhada que Jeanne logo descobriu vir da lareira onde as labaredas parecia ter surgido do nada...

Labaredas que estavam transformando em cinzas um grosso maço de dinheiro...

\*\*\*\*\*

Jeanne passou aquela noite em claro, com medo de dormir.

Se aquilo tinha acontecido com ela acordada, não seria difícil que, se adormecesse, viesse a ser arrastada para o interior da bola de cristal para nunca mais voltar.

Olhava para o anel em seu dedo, tinha muita vontade de tirá-lo, de jogá-lo para longe mas, alguma coisa a impedia de fazê-lo, parecia que alguém estava lhe dizendo que não se desfizesse daquela bijuteria pois ela seria uma espécie de vinculação com forças de ordem muito superior.

Pensou, também em jogar fora, em espatifar a bola de cristal mas...

Jeanne não podia negar que gostara de estar naquela loja...

Mesmo que em uma alucinação. Se quebrasse a bola, possivelmente estaria quebrando a porta de entrada para um mundo fantástico onde ela era a rainha...

Ou, talvez, estivesse mesmo fechando em definitivo uma saída daquele mundo, daquele bangalô que passara a odiar com tanta força.

Sua alma estava dividida.

Ao mesmo tempo em que queria voltar a viver aquela experiência, tinha medo.

Medo do desconhecido.

De repente, em meio a esses pensamentos, lembrou-se que, quando estivera lá, naquele mundo que não saberia dizer se era imaginário ou não, ela não estava grávida.

E, então, veio-lhe a certeza de que aquilo ainda aconteceria... Depois que seu filho viesse ao mundo.

— Mas ele não estava comigo! — exclamou — Ele não estava lá, comigo! Nem sequer pensei em sua existência!



## CAPÍTULO VIII

A noite insone, o nervosismo, a angústia de não se ter visto grávida em seu estranho sonho, o fato de nem sequer ter pensado no filho naquele instante e o desejo quase irracional de poder voltar àquela loja, de poder reprisar os acontecimentos no interior da bola de cristal, misturavam-se na mente de Jeanne e faziam com que ela ficasse ainda mais nervosa e cheia de ansiedade.

Seriam nove horas da manhã quando ela decidiu voltar a ler o livro — o tal livro que surgira misteriosamente sobre a mesa, sem que ela o tivesse apanhado — deixando bem à sua frente a bola de cristal.

Se tivesse sorte, tudo aconteceria novamente só que, desta feita, estaria preparada e daria um jeito de aproveitar e de sentir prazer com a viagem e não medo como na véspera.

Respirou fundo, criou coragem e começou a folhear o livro.

Exatamente como acontecera antes, ela percebeu que era capaz de selecionar o que a pudesse interessar mesmo muito antes de começar a ler. Ela ia diretamente aos parágrafos importantes como se já conhecesse aquela obra a fundo, como se já tivesse lido e relido o livro mais de mil vezes.

Ouviu as trovoadas, chegou, uma vez ou outra a sentir o vento e o mau cheiro que ele trazia mas, esforçando-se para não se deixar impressionar, ela continuou a ler.

Mais ou menos na metade do livro, encontrou o que estava procurando.

Com toda a atenção, leu que era possível, com a ajuda do Príncipe das Trevas, praticar o transporte da alma para outros corpos e até mesmo para outros lugares. Era, porém, necessário que o Demônio assim o quisesse e, para forçá-lo a auxiliar a pessoa interessada nesse fenômeno, era preciso conjurar as forças do mal.

E isso, Jeanne não sabia e nem sequer estava muito disposta a fazer...

O medo ainda era maior do que o desejo.

Havia ali um parágrafo que a ensinava como fazer para chamar Satã em sua ajuda e os olhos da moça pareciam terrivelmente atraídos para aquele texto. Mas, Jeanne lutou consigo mesma, afastou o olhar do



livro e, involuntariamente, voltou-se para a bola de cristal.

A princípio, pensou que ela estivesse empoeirada mas, prestando um pouco mais de atenção, viu que não, a bola não estava suja mas sim embaçada.

Instintivamente, com a ponta do xale que trazia sobre os ombros, Jeanne tentou limpá-la e, ao contrário do que esperava, a bola ficou ainda mais opaca, mostrando apenas um discreto brilho na parte do meio.

Fixou o olhar naquele ponto e viu, maravilhada, que seu rosto se formava como que refletido em um espelho.

Só que seus cabelos estavam penteados, seus olhos estavam bem maquiados e seus lábios, muito finos por natureza, estavam pintados de uma maneira a aumentá-los, a torná-los mais sensuais.

Jeanne parecia muito feliz ali dentro...

— Quero ir para lá! — exclamou, em voz alta — Quero sentir de perto essa felicidade!

Seria a repetição do que acontecera na véspera, algo que ocorrera naturalmente, sem que Jeanne tivesse desejado, sem que ela tivesse pedido que sucedesse.

Mas, naquele momento, ela apenas podia ver o seu rosto sorridente, sua expressão de felicidade e realização.

Não conseguia voltar para o interior da bola, não conseguia se transportar para aquele mundo maravilhoso que parecia existir ali dentro.

Aos poucos, a bola foi ficando mais embaçada e a imagem em seu interior foi se desvanecendo em uma espécie de fumaça acinzentada e, em seu lugar, foi se formando uma outra figura.

Desta vez, era um homem...

Um homem que trazia sobre a cabeça uma espécie de capuz a lhe esconder metade do rosto, permitindo a Jeanne que visse somente uma parte de seu nariz e a boca.

Era uma boca de lábios finos, tão bem feitos que pareciam ter sido desenhados por um pintor muito habilidoso que conseguira pôr em seu desenho um tal realismo que fazia saltar aos olhos toda a sensualidade daquele ser, em apenas um pedaço de rosto.

O homem sorriu...

Ao lado de sua cabeça encapuzada, surgiu-lhe a mão direita fazendo para Jeanne um aceno que mais parecia um convite.

— Mas é o que eu quero! — exclamou a moça, em desespero — Eu quero ir para lá! Deixe-me entrar nessa bola!

Porém, mais uma vez uma espécie de neblina se formou no interior



da bola e a figura desapareceu ao mesmo tempo em que Jeanne ouvia o barulho das árvores açoitadas pelo vento.

Ela permaneceu ali, olhando para a bola e tentando ler mais alguma coisa no livro, por quase duas horas.

Mas, nada mais aconteceu.

A bola, limpíssima, permanecia um autêntico objeto inanimado e, quanto à leitura, Jeanne perdera a capacidade de selecionar precognitivamente, os trechos importantes.

\*\*\*\*\*

Durante todo o resto do dia, Jeanne não se sentiu bem.

Tinha a impressão de estar sempre acompanhada, de haver alguém ao seu lado como que vigiando seus passos e suas atitudes.

Ao mesmo tempo, ansiava para que chegasse a noite para novamente poder sonhar, já que era nesses sonhos que ela tinha ao menos um espectro de felicidade.

Estava com a razão.

Mal encostou a cabeça no travesseiro, adormeceu e...

Sonhou.

No entanto, ela não sonhou com a loja sofisticada que vira anteriormente e tampouco com o homem misterioso que parecia ser o seu marido e que ela não conseguia ver o rosto.

Sonhou, isso sim, com um outro indivíduo.

Um homem de cabelos muito negros, de pele queimada e que sorria para ela.

Era um sorriso atraente embora Jeanne pudesse detectar a existência de muita maldade nele... Um sorriso que encantava e que ao mesmo tempo amedrontava.

O homem a segurava pela mão e só o contato de seus dedos, fazia com que a moça sentisse uma estranha e deliciosa excitação, um desejo quase incontrolável de fazer com que aquele contato se prolongasse e se ampliasse, tomando conta de todo o seu corpo, fazendo com que ela se sentisse transportada para o mundo onírico do êxtase absoluto.

Mas, isso não acontecia...

O estranho homem limitava-se a segurar sua mão e a sorrir fugindo com o corpo quando Jeanne tentava abraçá-lo, em busca de uma aproximação maior.

Ela estava nua e mais uma vez, não estava grávida...

Seu corpo pareceu-lhe mais perfeito e sedutor do que nunca e o homem, quando olhava para ela, não escondia o desejo que sentia.

Mas...

Ele continuava a fugir, ele não permitia que ela se aproximasse mais, não deixava que satisfizesse o ardente desejo que a acometia.

Despertou com o corpo banhado de suor, sentindo dores no ventre, dores que ela não sabia dizer se eram contrações da gravidez ou se eram espasmos de um orgasmo frustrado.

Completamente acordada, sentou-se na cama já com medo de que aquelas dores fossem um sinal do parto que, se acontecesse, estaria muito antecipado.

Foi nesse momento que escutou uma voz masculina a lhe dizer:

— Você pode conseguir, Jeanne... E eu quero que consiga! Basta seguir à risca as recomendações do livro...

A voz silenciou e Jeanne, entre surpresa e assustada, permaneceu imóvel, os olhos fixos na escuridão do quarto, sem coragem de acender uma vela sequer pois temia que a claridade

impedisse que aquele homem voltasse...

Foi só depois de quase uma hora, que ela levantou, apanhou uma lamparina e foi para a sala, em busca do livro e da bola de cristal.

\*\*\*\*\*

O livro estava sobre a mesa da sala, exatamente onde ela o deixara, só que estava aberto numa outra página.

Já a bola de cristal, que ela não tirara de seu lugar, simplesmente desaparecera e, por mais que Jeanne a procurasse, não conseguiu encontrá-la.

Depois de revirar a sala, o quarto de Gabrielle, seu próprio quarto e até mesmo a cozinha, Jeanne desistiu e, sentando-se diante do livro, começou a ler o que estava escrito ali, na página em que misteriosamente ele fora aberto.

À medida que avançava na leitura, Jeanne ia, mesmo sem querer, se convencendo de que, se fizesse tudo aquilo, conseguiria ser transportada para o lugar com que vinha sonhando.

As palavras estavam escritas de uma forma tão clara, de uma maneira tão convincente que Jeanne não podia deixar de lhes dar crédito e de achar que tudo daria certo.

Havia um trecho em que o autor do livro dizia alguma coisa a respeito de um sacrifício. Explicava que o sacrifício tinha por finalidade



agradar o Demônio, dar-lhe prazer e, dessa maneira, propiciar a sua boa-vontade em interferir no Destino de quem o estava conjurando.

Contudo, ele não dizia que espécie de sacrifício seria necessário e só no final do capítulo é que ele deixava entender que seria o próprio Satã quem determinaria o que estava desejando que lhe fosse ofertado.

— Isso quer dizer — murmurou Jeanne — que eu posso conjurá-lo e lhe perguntar, pessoalmente, o que deseja para me ajudar!

Com uma ponta de desespero, ainda excessivamente presa a idéias materialistas, lembrou-se que não possuía nada de seu e que, assim, se o Príncipe das Trevas lhe pedisse algo de valor, jamais teria como satisfazê-lo.

Bocejou e percebeu, quase com surpresa, que estava com sono e que estava muito mais tranquila do que antes, embora tivesse surgido em sua mente aquele novo problema, decorrente da penúria em que estava vivendo.

Aliás, em que sempre vivera, com exceção dos poucos momentos em que tivera Jacob ao seu lado proporcionando-lhe praticamente toda a satisfação que desejava.

Lembrou-se, por um breve instante, de Jacob.

Sentia sua falta, sentia saudades de seus carinhos e de suas palavras doces quando voltava para casa e encontrava tudo bem limpo e arrumado.

— Eu era diferente, naquela época — disse Jeanne, levantando-se e caminhando para o quarto — Mas eu tinha ânimo. Tinha estímulo e um objetivo na vida. Queria conservar Jacob comigo pois sabia que ele era a representação viva de minha felicidade...

Olhou para a sala em desordem e no meio da sujeira de muitas semanas...

— Hoje...

Jeanne ia dizendo que já não tinha mais nenhuma razão para se preocupar com a casa, consigo mesma ou com o que quer que fosse pois não tinha mais qualquer meta para alcançar mas...

Interrompeu-se.

— Mas eu estou errada! — exclamou, em voz alta — Estou completamente errada!

Com animação e sentindo um sopro de esperança em sua alma, ela completou:

— Eu tenho um objetivo, sim! Sair daqui! Ir para aquele lugar maravilhoso que tem aparecido em meus sonhos!

Com determinação, acrescentou:

— E eu hei de realizar esse sonho! Hei de conseguir atingir essa meta! Nem que, para isso, eu tenha de fazer um pacto com o Demônio!

## CAPÍTULO IX

O dia seguinte foi de grande atividade para Jeanne.

Depois de concluir que tinha um objetivo na vida e que tinha no mínimo a obrigação de tentar alcançá-lo, a moça se pôs a trabalhar febrilmente, pesquisando o livro de Magia Negra do começo ao fim, estudando a melhor maneira de conjurar Satã para uma conversa franca com ele.

Para a proposição de um pacto com o Príncipe das Trevas.

Lendo da melhor maneira que podia aquelas páginas umedecidas e quase podres, descobriu que necessitaria de vários objetos e de um ambiente adequado para a cerimônia de conjuração.

Precisaria, por exemplo, de uma faca pontuda ou de uma espada.

Procurou pela casa inteira uma espada pois lembrava-se de ter visto Gabrielle com uma, poucos dias antes de sua morte e só depois que revirara tudo, é que conseguiu encontrá-la, escondida sob o colchão da velha, bem perto de onde deixara o livro.

Estranhou não tê-la visto antes mas, depois de tudo o que estava acontecendo por ali e em sua vida, já muito pouca coisa chegava a impressioná-la.

Além da espada, ela precisaria de sete velas negras.

Isso sim, seria um problema dos maiores pois Jeanne ouvira Gabrielle dizer muitas e muitas vezes que jamais usava velas dessa cor uma vez que a sua feitiçaria era branca e que, no máximo, usava-as cor-de-rosa ou então azuis.

— Negras ou roxas, jamais — dissera Gabrielle — São as cores que Satã prefere e eu não quero absolutamente nada com o Demônio!

Na falta desses objetos, Jeanne achou que o melhor a fazer seria improvisar.

Com um pouco de carvão e bastante paciência, ela fundiu velas brancas e transformou-as em negras. Não estavam perfeitas e Jeanne, na verdade, duvidava muito que elas queimassem até o fim mas...

No livro, não havia qualquer menção quanto à necessidade sequer de acendê-las...

Jeanne precisaria, também de duas braças de corda.



Não havia nenhuma especificação quanto ao tipo de corda que deveria usar e assim, ela rasgou dois lençóis e fabricou o que necessitava.

Como se não bastassem as velas, a corda e a espada, no livro dizia que seria preciso uma camisa de homem manchada de sangue...

— Isso, não há como conseguir! — concluiu Jeanne depois de dar voltas e mais voltas \_à cabeça tentando encontrar uma solução para aquele problema — Não há homem nenhum por aqui e muito menos com a camisa manchada de sangue...

Começou a se achar ridícula perdendo tempo com algo que jamais conseguiria e decidiu que faria a conjuração do Príncipe das Trevas com o que arrumara.

— Se funcionar, melhor — falou para si mesma — E se não der certo, é por que tudo isso não passa de uma grande bobagem, de uma imensa mentira!

Voltou a ler o livro, analisou com todo o cuidado o capítulo que a interessava e viu que ali nada dizia a respeito de ser obrigatório ter em mãos todos os itens solicitados. Segundo o que o autor contava, seria o próprio Príncipe das Trevas a julgar se o que a pessoa levava era bastante ou não.

Para preocupação de Jeanne, ali estava bem claro que Satã poderia simplesmente recusar tudo ou, então, pedir outras coisas e ainda mais complicadas.

Em compensação, o autor afirmava que não havia qualquer limite para o poder de Satã e este, se quisesse, poderia transformar radicalmente a vida de uma pessoa com apenas um gesto ou um estalar de dedos.

E era isso o que Jeanne estava buscando.

Uma transformação total em sua vida, o transporte para um mundo onde ela pudesse ter horizontes, onde pudesse sentir verdadeiramente prazer em estar viva e que fosse completamente diferente do que vira até então...

Mas, de tudo aquilo que lera, o que mais a assustava era ter de ir à clareira, no meio da floresta, à noite.

A mesma clareira onde Gabrielle encontrara a morte...

— Como vou fazer para chegar lá? — perguntou-se — E como vou fazer para dominar o medo?!

\*\*\*\*\*

Quando a hora chegou, hora esta que estava no livro como sendo nove horas da noite, Jeanne arrumou os objetos que havia conseguido

e, com eles numa espécie de trouxa, rumou para a floresta.

Entrou no mato utilizando o mesmo caminho de Gabrielle naquela noite fatídica e, logo depois dos primeiros passos, ainda trôpegos no meio da escuridão, levou o primeiro susto.

Uma luz surgiu à sua frente, uma luz cor de fogo e que brilhava intensamente e que se deslocava, célere, para o centro da floresta.

Alguma coisa disse para Jeanne que não deveria ter medo e que precisaria acompanhar aquela luz se, por acaso, estivesse interessada em levar avante o seu propósito.

Jeanne não titubeou.

Apressada, temendo a todo instante tropeçar e cair, muito embora soubesse que isso não iria acontecer, Jeanne continuou a caminhar, sempre seguindo a estranha luz.

Cerca de meia hora depois, chegou à clareira e, estupefacta, viu que ali, exatamente no lugar onde a fogueira para o coven tinha sido acesa, havia uma espécie de altar.

Não foi preciso que lhe dissessem que deveria arrumar sobre esse altar os objetos que trouxera e, lembrando-se do que lera, apanhou a espada e traçou com ela um círculo no chão, repetindo as palavras que aprendera com a leitura:

— Em nome de Satã, o Príncipe das Trevas, em nome de seu reino, em nome de sua força superior a qualquer outra e em nome de todos aqueles que já pertencem ao Demônio, conjuro todas as forças do Universo e toda a energia cósmica para que, junto comigo, façam vir, das profundezas do Inferno, o seu Rei e Senhor!

Jeanne mal acabara de pronunciar as últimas sílabas, e o chão tremeu.

Tremeu com um ruído surdo, com um barulho que parecia ser uma trovoadas, só que ela não vinha do alto mas sim do chão, das entranhas da Terra...

Mais uma vez, o vento quente e fétido soprou e a moça, apavorada, por pouco não ajoelhou, tremendo de medo.

Porém, ela se dominou e prosseguiu com o ritual.

Abaixando-se, apanhou um punhado de terra, jogou-o para cima e gritou:

— Forças do Universo! Levai a Satã meu pedido! Fazei com que ele me atenda e trazei-o à minha presença!

Nesse momento, as velas negras que Jeanne trouxera e arrumara sobre a mesa, sem que ninguém tocasse nelas, acenderam-se.



A moça arregalou os olhos e, por um breve instante, pensou em fugir dali, em correr para longe daquele lugar e daquelas coisas que estava fazendo.

Mas, Jeanne estava paralisada.

Percebeu que, mesmo que quisesse, não se moveria dali pois suas pernas não a obedeceriam.

O chão estremeceu mais uma vez e a corda, criando vida, começou a se erguer da mesa como se fosse uma cobra encantada por um hindu...

Uma explosão abafada se fez ouvir, um clarão iluminou a mesa e Jeanne viu que um homem se materializava diante de seus olhos. Era o homem que lhe aparecera na bola de cristal e tinha os mesmos lábios finos e maldosos, o mesmo sorriso irônico e carregado de malícia.

Desta vez, porém, Jeanne podia ver seus cabelos, muito negros e a cor de sua pele, de um moreno queimado. Pode ver seus olhos, muito vivos, escuros, rasgados e brilhantes, olhos que pareciam enxergar muito além, que pareciam atravessar a sua alma e penetrar no mais oculto de seus pensamentos.

Sentiu medo, muito medo...

Achou que desmaiaria, seus joelhos balançavam e batiam um contra o outro como se fossem castanholas mas, mesmo assim, mesmo nesse estado de pavor, ela sentia que não deveria se afastar dali, percebia que se quisesse realmente mudar a sua vida, aquela era a única e, possivelmente, a última oportunidade. E Jeanne não a perderia por nada neste mundo.

\*\*\*\*\*

Jeanne lutou contra o medo e venceu.

Aos poucos, a tremeadeira foi passando e ela começou a perceber que readquiriria a auto-confiança e que poderia enfrentar o que estava para vir.

— Você me chamou — disse o homem — E isso me faz muito contente! Já faz algum tempo que desejo falar consigo.

Antes que Jeanne pudesse abrir a boca, ele continuou:

— Você não está vestida adequadamente...

Era um comentário comum, o tipo de comentário que um marido faz para a esposa quando ela se apronta para uma festa e veste algo de que ele não goste. A trivialidade das palavras de Satã deram mais coragem a Jeanne que, prontamente, replicou:

— Não vi nada a respeito de roupas adequadas ou inadequadas para um encontro com você. E, de mais a mais, como é que queria que eu me vestisse, com a barriga deste tamanho?!

Satã ampliou o sorriso e disse:

— Está certo... Mas não será por muito tempo. Você logo estará livre desse transtorno.

Estendeu a mão para a frente e tocou o rosto de Jeanne.

Ela sentiu o calor de sua pele, sentiu uma estranha e quase incontrolável excitação.

Teve medo de que lhe ocorresse o mesmo que no sonho, quando não conseguia se dominar e tentava a todo custo abraçar Satã, tentava ser possuída por ele.

Mas Satã retirou a mão e falou:

— Você conseguirá o que está querendo. Eu a ajudarei.

Olhou para a mesa, viu as velas, a corda que continuava em pé como uma naja enfeitiçada e acrescentou:

— Está faltando a camisa...

— Não tinha como arrumar — tentou se desculpar Jeanne.

— Compreendo... — murmurou Satã — Não tem importância...

Quando chegar o momento certo, você vai arranjar o que está faltando.

Voltou a sorrir, um sorriso tão cativante que Jeanne percebeu que, só por causa disso, ela o acompanharia onde quer que fosse.

— Você sabe que eu vou cobrar pelo que lhe fizer, não sabe?

— indagou Satã.

Sim — respondeu Jeanne com firmeza — Li naquele livro... E li também que você não cobra nada barato...

— Em compensação, o que eu posso lhe oferecer... — disse ele.

— Também sei — retrucou a moça — E estou disposta a pagar...

O que quer que seja.

— Tem certeza? — perguntou o Príncipe das Trevas — Tem certeza que está disposta a me pagar o que eu quiser? E sabe que eu nem mesmo vou avisar o que estou cobrando?

Jeanne refletiu por um instante e respondeu:

— Quero saber o que vai me custar...

Satã riu, sem fazer qualquer comentário.

Jeanne continuou em silêncio e o Príncipe das Trevas, depois de alguns segundos, falou:

— É preciso que você saiba que não há a menor possibilidade



de volta. À medida que for conseguindo o que deseje, deverá ir pagando o que eu lhe pedir e, se quiser desistir, poderá fazê-lo mas... Deverá arcar com as conseqüências de sua desistência.

Jeanne balançou a cabeça afirmativamente e murmurou:

— Está certo... Estou disposta a qualquer coisa para mudar de vida, para ir para aquele lugar que você me mostrou em sonhos. Para que eu venha a ser muito rica e poderosa...

Satã voltou a sorrir.

— Muito bem — disse ele — Dentro de dois dias você vai me trazer a camisa manchada de sangue... Camisa de homem e manchada com o sangue do próprio homem. A partir daí, as coisas começarão a acontecer.

Assim dizendo, ele fez um sinal com a mão esquerda, o indicador e o mínimo esticados e os demais dedos dobrados.

Jeanne reconheceu nesse sinal a Marca do Demônio e não pode deixar de sentir um calafrio de pavor.

Satã murmurou algumas palavras que a moça não conseguiu compreender e a corda, como se fosse uma autêntica serpente, enrolou-se na cintura de Jeanne, queimando-a como se fosse de fogo.

Ela gritou e, logo em seguida, uma trovoadas se ouviu, uma gargalhada ecoou e Jeanne viu Satã ser envolto por grandes labaredas muito vivas que, ao contrário de consumi-lo, pareciam acariciar seu corpo e fazê-lo fechar os olhos de prazer.

Em seguida, ele desapareceu bem como os objetos que estavam sobre a mesa, inclusive a corda que se enrolara em torno do corpo da moça.

Jeanne estranhou o fato de haver luminosidade ali no meio da floresta e só depois de alguns momentos é que percebeu que o dia já chegara, a noite terminara embora, pelo tempo que ela imaginava ter transcorrido, ainda deveria estar escuro.

Sentiu, em sua mão esquerda alguma coisa diferente e, olhando-a, viu que estava usando uma aliança, ao invés do anel de bijuteria que, misteriosamente, trouxera de sua aventura na bola de cristal.

Não era uma aliança de ouro ou de brilhantes, era, isso sim, um simples e grosseiro anel de ferro, largo de cerca de meio centímetro, que estava no seu dedo anular.

Jeanne achou-o anti-estético e, por ela, o teria tirado no mesmo instante. Porém, intuitivamente sabia que isso não poderia fazer.

Teria de usá-lo, era o símbolo do pacto que fizera com Satã...



Lentamente, ela se deixou escorregar até o chão, sentindo uma terrível cansaça, uma vontade imensa de adormecer ali mesmo e deixar o tempo passar... Quem sabe, quando acordasse, já estaria naquele paraíso, naquela terra maravilhosa que o Príncipe das Trevas fizera questão de lhe mostrar.

Para atraí-la...

Sim...

Tinha sido isso mesmo...

Satã dera-lhe aqueles sonhos para que ficasse tentada, para que se visse desejosa de uma vida diferente!

Sorriu consigo mesma...

Talvez estivesse errada ao fazer um pacto com o Demônio... Tudo o que lera a respeito de pessoas que assim fizeram, mostrava que sempre elas acabavam tragicamente, que as coisas iam para trás e que o arrependimento era terrível.

Mas, com ela seria diferente. Ela seria mais esperta e saberia como controlar a ação de Satã...

Tinha certeza disso e, como garantia, ela tinha aquele livro... Um livro que a ensinaria a lidar com as forças do mal, que lhe diria como fazer para dominar e usar Satã.



## CAPÍTULO X

Parecia que Jeanne renascera.

Quando despertou, no meio da clareira, com o sol a lhe bater no rosto, descobriu que sua vida já estava mudando.

Estava bem disposta, cheia de vontade de fazer alguma coisa, achando que encher o tempo era o mais importante até que Satã cumprisse a sua parte no pacto.

Durante algumas horas, depois de voltar ao bangalô, ela ainda tentou adivinhar, de que maneira ele a levaria para fora da França, no meio de uma guerra, com todos os portos bloqueados e sem a menor possibilidade de acesso a qualquer outro país da Europa.

Por mais que se esforçasse, ela não conseguiu sequer fazer uma vaga idéia do que Satã pretendia fazer.

Tinha, apenas, uma certeza: o poder do Príncipe das Trevas era imenso e certamente ele conseguiria realizar mais aquele feito.

Havia, contudo, um problema...

Jeanne não imaginava de que maneira poderia fazer para levar, em dois dias, ou seja, no dia seguinte, uma vez que o pacto tinha sido efetuado na véspera, uma camisa de homem, manchada de sangue, para Satã.

Se fosse algum tempo atrás, ela certamente suporia tratar-se da camisa de Bertrand ou de Louis mas... Já estava fazendo várias semanas que nenhum dos dois aparecia no bangalô...

A menos que Satã levasse qualquer um dos dois até ali...

Contudo, ainda estaria faltando o sangue!

— Será possível que ele quer que eu mate Bertrand ou Louis?!  
— fez ela, incrédula e apavorada.

Passou o resto do dia lendo o velho livro, copiando cuidadosamente as partes que a ajudavam a conhecer melhor o Demônio e, muito satisfeita, descobriu que Satã, com todos os seus poderes, não tem a capacidade de ler os pensamentos. Ele pode fazer até com que outras pessoas, sob seu domínio, venham a desenvolver esse dom... Mas ele, por si só, jamais consegue ler o que vai pelo interior da mente de alguém...

Mesmo que esse alguém seja seu súdito.



— Preciso me habituar a não expressar em voz alta o que me vai pela mente — pensou Jeanne — E isso não será nada fácil pois após ficar tanto tempo sozinha, acabei acostumando a pensar alto!

Mas Jeanne sabia que não pensar alto seria o mais simples. Se tudo o que estivesse naquele livro fosse verdade, lidar com Satã era muito mais complicado e delicado do que qualquer outra coisa...

Principalmente quando se partia do princípio que o objetivo não era outro senão enganá-lo.

— Mas vou conseguir! — pensou a moça — Não serei como todas as suas vítimas! Pagarei esta primeira parte do pacto e, depois... Satã pode fazer o que quiser, mas eu hei de me livrar dele! Não vou deixar que ele me domine completamente!

Com redobrada vontade e interesse, voltou ao livro, voltou às suas pesquisas e, à medida que ia compreendendo melhor o que ali estava escrito, Jeanne ia sorrindo, mais confiante em si mesma, acreditando piamente na realização de seus anseios.

Havia algumas páginas muito estragadas, páginas que ela não conseguia ler. Mas ela não se preocupou com esse detalhe.

— O mais importante está a salvo — pensou — E Satã não conseguirá mais nada comigo! Quero que ele me tire daqui e, depois... Quero que vá para o Inferno!

Riu consigo mesma da frase que tinha feito e, guardando o livro e suas anotações, foi cuidar da cozinha.

Pela primeira vez em muitas semanas, ela estava com fome e, além disso, com disposição para preparar comida.

Arrumou as panelas de que ia precisar e, no instante em que começava a cortar uma cebola, sentiu a primeira contração.

Segurou o ventre com ambas as mãos e, já cheia de medo, sentiu que a barriga se contraía mais uma vez, de uma maneira ainda mais dolorosa do que a anterior.

Sentiu que alguma coisa escorria por entre suas pernas e, lembrando-se do que muitas e muitas vezes ouvira dizer, achou que estava começando a perder água, achou que, de fato, a hora do parto se aproximava.

Cambaleante, sentindo muitas dores, foi para o quarto e deitou-se sobre a cama.

Pareceu-lhe ouvir uma risada mas, como não se repetisse, achou que tinha sido impressão.

As dores continuaram, passaram a se repetir com uma frequência



cada vez maior até que Jeanne, esgotada, exausta, adormeceu.

Despertou já bem depois de meia-noite e, com dificuldade, acendeu uma vela.

Não pode deixar de sentir um arrepio de horror ao ver que acendera uma das velas negras, a oitava que preparara, por engano, por erro de contas...

À luz mortíçã da vela, ela se olhou.

Apavorada, notou que não era água o que estava saindo de dentro de seu corpo, mas sim, sangue...

Um sangue vermelho vivo, quente, abundante...

Instintivamente, ela estendeu a mão para a mesinha de cabeceira, em busca de um pano qualquer para se enxugar.

Foi só depois de tê-lo usado quase como um tampão, que Jeanne notou que usara uma camisinha que fizera, em crochê, para seu filho.

Seu filho homem...

Uma camisa de homem, manchada com o sangue desse mesmo homem...

Sentiu uma contração mais forte e a criança nasceu.

Não chorou, não se mexeu.

Estava morta.

Ela dera à luz um menino morto...

\*\*\*\*\*

O dia já ia alto quando Jeanne conseguiu reunir forças para abrir novamente os olhos.

Viu que estava ainda em seu quarto mas não se encontrava mais sozinha. Louis e uma mulher ali estavam, olhando para ela com expressão de piedade e comiseração.

— Ela despertou — murmurou Louis — Finalmente!

A mulher, que Jeanne jamais tinha visto antes, curvou-se sobre ela e disse:

— Pobrezinha... Deve ter sofrido muito...

— Meu filho... — balbuciou Jeanne — Ele nasceu...

— Sim — confirmou a mulher — Mas nasceu morto, querida...

Respirou fundo e completou:

— Deus não quis que ele viesse para este mundo em guerra, cheio de infelicidade e de desgraças...



Jeanne se esforçou para reprimir as lágrimas, para manter a boca fechada...

Ela, melhor do que ninguém, sabia que essa não era a verdade. Não tinha sido Deus...

Tinha sido, isso sim, Satã.

— A camisinha dele — pediu — Eu a sujei de sangue... Onde está...?

A mulher franziu as sobrancelhas.

— Camisinha? — indagou — Não havia camisinha nenhuma... Você tentou se enxugar com o lençol!

Mais uma vez, Jeanne apertou os lábios para se impedir de dizer o que estava pensando.

Havia uma camisinha, sim... Ela sabia disso muito bem... E sabia, já quando perguntara, que não seria encontrada.

— Vamos levá-la para a cidade, Jeanne — disse Louis — Você precisa de cuidados médicos e aqui... Está muito isolada, muito sozinha!

Esboçou um sorriso e acrescentou:

— Gabrielle deve estar por trás disso, Jeanne... Eu não deveria estar aqui, agora... Saí com minha cunhada para fazer algumas compras e foi no caminho que resolvi vir até sua casa para ver como estava.

Jeanne fechou os olhos e a mulher resmungou:

— Pare de falar, Louis!... Não vê que a pobrezinha está exausta?

Tomando a iniciativa, começou a arrumar algumas coisas dentro de uma maleta e disse:

— Vamos! Ajude-a a se levantar! Temos que levá-la para o hospital o mais depressa possível!

\*\*\*\*\*

A recuperação de Jeanne foi rápida.

Menos de uma semana depois de ter chegado, ela já estava andando pelos corredores do hospital e ajudando as enfermeiras em seus afazeres.

Foi graças a esse trabalho voluntário, que ela conheceu um rapaz que tinha sido ferido por uma patrulha alemã e que estava ali no hospital em tratamento antes de ser transferido para um campo de prisioneiros. Diziam que ele era da Resistência e que os alemães faziam questão que melhorasse para que pudessem interrogá-lo melhor.

Essa expectativa estava pondo o pobre rapaz como louco.

Sabia muito bem que métodos os boches usariam para arrancar-lhe a verdade e sabia que, mesmo que quisesse ser um herói, não resistiria e acabaria contando coisas que prejudicariam enormemente o trabalho da Resistência.

Guy Lafonte, esse era seu nome, queria morrer.

Queria que alguém se compadecesse de seu triste destino e o matasse de alguma maneira.

Porém, além de não encontrar quem o fizesse, ele tinha em seu poder, bem gravadas em sua memória, algumas informações importantíssimas a respeito de aeroportos que os alemães estavam montando na região de Carentan e que precisariam ser transmitidas aos ingleses.

Ali no hospital de Clermont-Ferrand, ele não teria a menor possibilidade de encontrar alguém da Resistência pois, com certeza, os maquis não iriam se arriscar apenas para fazer-lhe uma visita e, o que era pior, ninguém sabia que ele conseguira essas informações.

Foi por acaso que Jeanne veio lhe trazer a bandeja de comida e, quando Guy a viu, compreendeu imediatamente que ela seria a pessoa certa para desempenhar o papel de pombo-correio.

Sem nem mesmo dar tempo para a moça protestar, ele enfiou em sua mão um papel com as informações e um maço de dinheiro, dizendo:

Tome... Vá procurar por Maurice Auvier... Entregue-lhe isso e ele saberá o que fazer!

Como Jeanne permanecesse olhando para ele sem se mover, ele falou:

— Faça-o pela França, mocinha... Pelos filhos que há de ter aqui em sua Pátria!

Jeanne jamais fora muito dada a patriotismos mas, naquele instante, alguma coisa lhe disse que deveria aceitar e deveria fazer exatamente o que Guy estava pedindo...

Assim, naquela mesma noite, enquanto Guy Lafonte se enforcava com o lençol para escapar das torturas dos alemães, Jeanne procurava novamente Louis e lhe pedia que a levasse até o endereço que Guy marcara no pedaço de papel.

Três semanas depois, sem nem mesmo compreender muito bem como, Jeanne estava a bordo de um barco de pesca, a caminho da Inglaterra, escondida entre uma montanha de peixes já meio apodrecidos e fedorentos...

Seis meses mais tarde, ela desembarcava no porto de Santos, no Brasil, um país quente e amistoso, onde havia muitas lojas idênticas àquela que Satã lhe mostrara em sonhos.

## CAPÍTULO XI

Para quem estivera a vida inteira com os horizontes limitados a uma rua do centro de Paris e, depois, acostumada à solidão e paz de uma floresta de Auvergne, a cidade de São Paulo, ainda que naqueles anos trágicos da II Guerra Mundial, era algo deslumbrante e assustador.

Durante a viagem para o Brasil, Jeanne imaginara esta terra como sendo algo selvagem, onde índios seminus andavam soltos pelas ruas e onde era preciso desembarcar de botas de cano alto para evitar as serpentes.

Porém, o que ela viu era totalmente diferente e oposto ao que pensara.

Viu o porto de Santos, movimentado e rico, viu a cidade, já bem maior do que sonhara e, quando chegou finalmente a São Paulo, ficou maravilhada.

Ali sim, ela podia sentir o progresso, podia ver que os horizontes eram tão ilimitados quanto as dimensões gigantescas do país que decidira abraçar como sendo a sua segunda Pátria.

Tinha a certeza de vencer, era impossível que num lugar assim ela não conseguisse alcançar, uma por uma, todas as suas metas.

Principalmente porque estava chegando com algum dinheiro.

Recebera, ainda na Inglaterra uma substancial importância por ter ajudado a Resistência e, no navio que a trouxera ao porto de Santos, Jeanne descobrira que a melhor, mais simples e mais rápida maneira de fazer fortuna não era outra senão exercendo a mais velha das profissões...

A mesma profissão exercida por sua mãe, por Mariette e suas meninas, por uma porção de conhecidas suas na Rue de la Huchette.

Só que ela, mais esperta, sempre seria capaz de agir melhor do que todas as outras, sempre seria capaz de auferir os maiores lucros e, o que era muitíssimo importante, de selecionar muito bem os seus... *clientes*.

Foi exatamente isso o que aconteceu a bordo, quando aquele simpático rapaz começou a olhar demais para ela.

Era um homem com cerca de trinta anos de idade, vigoroso, bonitão, viajante da primeira classe, o que significava ser possuidor de comodidade financeira.

Com certeza, um homem que não mediria despesas para realizar um desejo e que não se deixaria vencer por barreiras materiais para alcançar o prazer.



Jeanne estava na segunda classe mas, por ser jovem, por ser bonita e comunicativa, não teve qualquer problema em frequentar a primeira e foi justamente isso que possibilitou o encontro.

Tomás Camargo viu-a, interessou-se por ela e, depois de algumas trocas de olhares bastante significativos, aproximou-se.

Muito educado, falando um francês fluente e perfeito, ele a convidou para sua mesa e, depois do jantar, ficaram conversando no convés.

Tomás contou que tinha ido à Inglaterra para resolver um negócio muito importante e que significava um ganho de dinheiro simplesmente extraordinário.

— O mundo pode estar em guerra — disse ele — Mas o mundo dos negócios internacionais continua em atividade. Pode ser que haja uma diminuição de valores e de número de transações mas, isso não significa uma paralisação total. Mesmo em guerra, os países continuam a precisar de matéria s primas para suas indústrias e, em determinados casos, a necessidade aumenta de modo assustador.

Sorriu e acrescentou:

— No meu caso, por exemplo, as coisas melhoraram muito depois que a guerra começou.

Jeanne percebeu que poderia tirar um bom proveito de todo aquele otimismo e de toda aquela demonstração de poder econômico.

Começou contando uma história triste, que tinha enviuvado e que resolvera tentar a sorte no Brasil.

— Estou disposta a qualquer coisa — falou ela — Tenho a impressão que uma moça cheia de boa vontade e de desejo de progredir, terá sua chance no Brasil. Pelo menos, é um país novo, onde há possibilidade de trabalho mesmo para quem tenha, como eu, alguma dificuldade com a língua.

— Isso não será dificuldade — replicou Tomás — Muito pelo contrário, você vai ver que é uma imensa vantagem.

Com um sorriso carregado de malícia, explicou:

— As francesas, principalmente as francesas jovens e bonitas, são muito requisitadas para determinada espécie de trabalho...

Jeanne compreendeu muito bem o que ele estava querendo dizer mas, fazendo-se de desentendida, indagou:

— De que trabalho está falando?

Olhando para Tomás com intensa brejeirice, acrescentou:

— Preciso saber de que se trata pois pode ser que eu não tenha a menor aptidão para ele...



Tomás riu.

Segurando o queixo de Jeanne entre o polegar e o indicador, aproximando-se do rosto dela, disse:

— Não se preocupe... Tenho certeza que você é muito mais do que capaz! E tenho certeza que conseguirá vencer com muita facilidade, bastando para isso que olhe para seus futuros... consumidores... da mesma maneira que está me olhando agora!

Jeanne fechou os olhos.

Entreabriu os lábios, úmidos, sedutores.

Era um convite a que Tomás jamais resistiria e, inclinando-se um pouco mais, ele a beijou.

Foi um beijo delicado a princípio mas que, aos poucos, foi se transformando numa erupção de volúpia enquanto Jeanne fazia evoluções com a língua dentro de sua boca.

As mãos do homem começaram a percorrer o corpo de Jeanne, acariciando seus seios, tentando se insinuar por baixo de sua saia, procurando achar e tocar os pontos mais sensíveis do corpo da mulher.

Jeanne recuou, afastou-se um pouco de Tomás e murmurou:

Não, meu querido... Assim, não...

Forçando-o a retirar a mão de sob sua saia, ela acrescentou:

Não costumo distribuir amostras grátis...

Tomás compreendeu.

Com um sorriso, ergueu-se, puxou Jeanne pela mão e, guiando-a para seu camarote, falou:

— Você está certa, mocinha... Há mercadorias que não admitem a distribuição de amostras... E, pelo visto, você é uma excelente vendedora!

\*\*\*\*\*

A madrugada ia alta quando Tomás a despertou, dizendo:

— Acorde, Jeanne... Não convém você ficar aqui até o amanhecer...

Jeanne abriu os olhos e ele, sorrindo, murmurou:

— Você foi formidável, Jeanne. Tenho certeza que, se continuar assim, será capaz de dominar São Paulo... Jamais conheci uma mulher como você!

Jeanne sorriu, levantou-se e, enquanto estava se vestindo, Tomás entregou-lhe um maço de dinheiro, falando:



— Tome. Não sei quanto você costuma cobrar... Mas posso garantir que não vai se queixar dessa quantia.

Jeanne sorriu, beijou-o rapidamente agradecendo a sua generosidade e deixou o camarote de Tomás.

Ele tinha sido o primeiro.

Depois, durante todo o resto da viagem, Jeanne não dormiu uma só noite inteira em sua própria cabina, passando em revista os lençóis de até três cavalheiros diferentes em um só dia: logo depois do almoço, um jovem e rico engenheiro; após o jantar, um próspero homem de negócios e, depois de meia-noite, um político importante e tão corrupto como os que existem hoje em dia...

Por isso, Jeanne estava chegando a São Paulo com dinheiro suficiente para iniciar um negócio que lhe permitisse ganhar a vida.

Havia, porém, um problema.

Jeanne era uma mulher inculta, sem quase nenhuma escolaridade e, embora francesa, era originária de um nível social baixo, insuficiente para o convívio normal na alta sociedade paulista, sabidamente requintada e, por vezes, excessivamente esnobe.

Ela não tinha muita noção de moda, não conhecia nada sobre artes, não tinha preparo suficiente para ser uma conhecedora de pratos finos...

Aos poucos, no correr dos seis primeiros meses em São Paulo, percebeu que as coisas não seriam tão fáceis assim.

Era mais do que claro que poderia recorrer à profissão que exercera no navio e que lhe tinha sido tão bem sugerida por Tomás.

Mas, Jeanne não queria isso.

Não achava que a prostituição a pudesse levar ao cume da sociedade e, além do mais, ela não sentia nenhum prazer com os homens. Muito pelo contrário, sentia uma profunda depressão quando de uma relação sexual pois, além de não chegar ao orgasmo, apenas ficava com o desejo reprimido, com a sensação desagradável de, mais uma vez, ter sido frustrada.

O que ela queria era se impor na alta roda, partilhar de jantares, de festas, de reuniões que tanto podiam ser culturais como fúteis, queria ter amigas, pessoas com quem pudesse passar horas conversando, comentando sobre compras, sobre decoração, sobre seus amantes...

Mas, nada disso lhe era possível.

Jeanne não tinha o acesso que gostaria de ter junto a essas pessoas, era sempre considerada como uma intrusa, como uma penetra nas festas em que ia mesmo que convidada, e muitas vezes, em rodas de conversa, ela era ostensivamente posta de lado, as outras mulheres

falando bem depressa pois sabiam que, dessa maneira, não seriam compreendidas por Jeanne, ainda com muita dificuldade para o idioma.

Restava para ela passar horas e horas fazendo compras, andando pelas lojas, realizando ao menos essa parte de seus sonhos.

Mas era muito pouco...

Jeanne queria mais, muito mais!

Evidentemente, uma mulher jovem e bonita, dona de um corpo escultural, com cabelos cor de fogo e olhos muito azuis, chamava a atenção dos homens.

Estes sim, faziam de tudo para agradá-la, moviam céus e terra para conseguir-lhe os favores de uma noite, para terem o direito de levá-la a restaurantes finos, a lugares onde seus pares os pudessem invejar.

Isso, contudo, não satisfazia a francesa.

Em primeiro lugar, por que ela sabia muito bem quais eram as verdadeiras intenções desses cavalheiros e, quando chegava a hora em que Jeanne deveria retribuir todo aquele interesse e generosidade, as coisas se complicavam.

Ela tinha que fingir o prazer...

Tinha de mostrar para seu parceiro e amante de poucas horas, que ele era um verdadeiro super-homem, que a satisfizera plena e absolutamente, que não poderia mais viver sem ter outra vez seus carinhos...

E, no entanto, não havia chegado a nada, não sentira nada e, ao ficar novamente sozinha, sentia raiva de si mesma, sentia pior do que jamais a frustração de não lhe ser possível sentir prazer.

É claro que esse obstáculo não chegava a ser um empecilho.

Jeanne estava consciente de que aquela era a única maneira de conseguir ao menos ter uma vaga idéia da boa vida que lhe fora mostrada em sonhos. E sabia que deveria aceitar os presentes que lhe ofereciam esses cavalheiros, mesmo que isso lhe cheirasse a prostituição, um pouco menos sórdida do que se recebesse dinheiro como fizera no navio mas...

Jamais deixaria de ser prostituição.

O que a fazia viver permanentemente preocupada.

Ela era desejada e chegava a ser disputada pelos homens mas, isso não seria assim para sempre.

Os anos passariam para ela como passavam para qualquer outra mulher. Ela envelheceria e os homens deixariam de procurá-la, deixariam de lhe dar presentes e, conseqüentemente, de sustentá-la.

Assim, Jeanne precisava encontrar a estabilidade com alguém que a fizesse ficar tranquila com relação ao futuro.

Evidentemente, seria ótimo se conseguisse encontrar um marido, um homem que tivesse meios materiais de mantê-la em um bom nível econômico e social e que pudesse, além disso, satisfazê-la na cama de maneira a não sentir a necessidade de continuar aquela

busca do prazer, de cama em cama, achando que o próximo poderia ser aquele que a transportaria aos píncaros do êxtase, que a faria viver as delícias da verdadeira materialização do amor, que a levaria a se sentir realizada como mulher.

\*\*\*\*\*

Com essa idéia em mente, achou que ser mais exigente e menos promíscua, poderia ser o caminho.

Começou a aceitar convites apenas de homens solteiros ou que fossem declaradamente liberados, que não dessem muita importância à vida matrimonial e que, se fosse o caso, poderiam trocar a família e a estabilidade conjugal por ela.

Achava-se bonita e atraente o bastante para abalar as emoções de qualquer um e, assim, muito mais facilmente conseguiria conquistar alguém cuja vida matrimonial já não estivesse lá grande coisa.

Mas...

Não era tão simples assim.

Os homens solteiros que dispunham de posses suficientes para contentar e satisfazer Jeanne, eram raros e, os que existiam com essas características, não estavam dispostos a partilhar a vida com mulher nenhuma, mesmo que fosse a mais linda da Terra. Não se prenderiam, não perderiam a liberdade para ficar com quem quer que fosse, ainda mais com uma mulher que ele e outros já tinham levado para a cama e que, sabiam muito bem, não teriam que despender muito esforço para uma reprise da aventura.

Os casados que sofriam as conseqüências de um matrimônio pouco feliz, estavam desejosos de se verem livres daquela carga e com certeza não haveriam de querer correr o risco de repetir uma experiência desastrosa.

Dessa maneira, Jeanne estava sendo obrigada a ser não mais que uma amante eventual para cada um daqueles com que dividia suas noites.

Ora...

Com o aumento de suas exigências e com a seleção que passou a fazer, Jeanne conseguiu muito rapidamente notar que sua receita mensal diminuiria consideravelmente e isso, no mínimo, era preocupador...



Pelo que estava vendo, dentro de muito pouco tempo, ela não mais conseguiria freqüentar as lojas de que tanto gostava, não mais poderia tentar comprar suas amizades com presentes caros e, o que era ainda mais assustador, sabia muito bem que, no instante em que entrasse definitivamente em dificuldades financeiras, não encontraria uma só pessoa que lhe estendesse a mão.

Em São Paulo, como em qualquer outro lugar do mundo, os valores bancários de alguém eram tão importantes ou mais do que seu *pedigree* ou seu grau de instrução.

Era, pois, imperativo que Jeanne arrumasse com a maior rapidez possível, uma maneira estável de ter dinheiro.

Mas...

Era aí que estava o problema.

Que poderia fazer, já que não sabia fazer nada a não ser satisfazer os homens e, ainda assim, de uma maneira bastante hipócrita?

Se ao menos tivesse alguém que pudesse aconselhá-la, alguém com quem pudesse se abrir e contar-lhe suas dúvidas, suas angústias...

Mas nem isso, ela tinha.

Não poderia jamais confiar nas outras mulheres, em primeiro lugar por que sabia que elas não eram suas amigas. Em segundo, não poderia dizer para elas que não tinha o menor grau de instrução, que não tinha idéia de coisa nenhuma, nem mesmo de arte culinária!

Quanto aos homens...

Também jamais serviriam como conselheiros pois para eles, para aqueles que se relacionavam com Jeanne, era muitíssimo cômodo que ela continuasse a enfrentar problemas financeiros já que assim, não seria tão exigente, acabaria por se contentar com o que eles quisessem lhe dar e... Isso seria o bastante para mantê-la amarrada à vida de cortesã.

Cheia de angústias, começando a duvidar de si própria e tornando-se pessimista em relação ao futuro, Jeanne via passar o tempo sem que sua vida mostrasse sinais de melhora, sem que se acendesse, de maneira definitiva, uma luz no final do túnel.

Havia dias em que essas crises existenciais e depressivas se mostravam mais fortes. Isso acontecia quando, desde cedo, ao levantar da cama, tudo dava errado. Não conseguia marcar um encontro lucrativo com qualquer de seus clientes, percebia que alguém de suas relações dera uma festa e não a convidara ou, ainda, quando simplesmente sentia que, por mais que fizesse, jamais deixaria de ser uma intrusa e aventureira, no conceito de todos.

Nesses dias, Jeanne ficava de mau humor, sentia-se a mais miserável e abandonada pessoa do mundo, achava-se o exemplo típico da solidão...

Quando, ainda por cima, num dia como esse, um homem a levava para a cama e, mais uma vez ela era obrigada a fingir um intenso e extremo prazer, aí sim, que ficava muito mal e, quando se via sozinha em seu quarto, enfiava o rosto no travesseiro e chorava horas seguidas, tentando lavar, com lágrimas, toda a sua frustração e todo o seu desespero.

Foi numa noite assim, depois de chorar por muito tempo e adormecer de exaustão, que ela sonhou...

\*\*\*\*\*

Sonhou que estava na sala do bangalô de Gabrielle e que fazia muito frio.

Ela acendera a lareira e estava olhando para o fogo, muito triste e desanimada, pensando que seu futuro jamais seria sequer uma sombra daquele que imaginava, daquele que desejava.

— Para viver assim — disse — seria melhor morrer!

Nesse instante, sem que ela fizesse o menor movimento, sem que Jeanne pusesse mais lenha na lareira, o fogo aumentou, as labaredas cresceram e uma luz avermelhada, intensa e muito estranha, iluminou todo o ambiente.

Fascinada pelo brilho das chamas, Jeanne fixou o olhar na lareira e viu que ali se formava o rosto de um homem.

Reconheceu imediatamente aqueles lábios finos, os olhos muito vivos e maldosos...

— Você se esqueceu de mim — disse ele — Esqueceu que eu e somente eu posso lhe dar o prazer que está desejando, que está lhe fazendo falta.

Jeanne ia dizer alguma coisa mas, no sonho, sua voz não saía e, por mais que se esforçasse, não podia emitir o menor som.

— Preste mais atenção ao seu redor, Jeanne... Verá que eu estou presente e que estou sendo desprezado... — continuou ele — E não se esqueça que eu tenho a solução para todos os seus problemas!

## CAPÍTULO XII

Jeanne despertou no meio da noite, trêmula e cheia de raiva.

Aquele sonho trouxera à sua memória cenas que ela fazia questão de esquecer, dores que não desejava recordar e que jamais queria enfrentar outra vez.

Lembrou-se do parto, do sangue em sua cama, do menino morto... Recordou-se, com um ódio extremo, do pacto que fizera com Satã e que julgava terminado uma vez que ele a pusera no Brasil e, como não poderia deixar de ser, cobrara e recebera o seu preço.

Ela lhe entregara o filho e com isso, resgatara a sua liberdade.

Por isso, não se via com a obrigação de lembrar de Satã, muito pelo contrário. Pelo seu próprio bem estar mental, Jeanne queria esquecer tudo quanto passara na França, queria esquecer aquele bangalô de Auvergne e nunca mais lembrar da fisionomia bondosa de Gabrielle ou do olhar torvo de Louis e de Bertrand.

Para ela, tudo aquilo tinha de ser relegado ao esquecimento, tinha que ser apagado de sua memória e, é claro, Satã também não mais deveria esperar o que quer que fosse de sua pessoa.

Ou de sua alma...

O sonho que tivera, porém, mostrava que o Príncipe das Trevas não concordava com a sua opinião e, de alguma maneira, estava influenciando em sua vida para que ela não o deixasse de lado e continuasse eternamente a ser sua escrava e a satisfazer suas vontades.

Sempre tomando muito cuidado para não pensar em voz alta, ela tomou a decisão de não ligar para o que acontecera naquela noite.

Um sonho era apenas um sonho e deveria ser encarado como tal, sem se deixar levar por qualquer tipo de influência.

Tentou adormecer novamente mas não conseguiu.

Passou o resto da noite revirando-se na cama, ansiosa e inquieta, assustada por estar sentindo o mesmo que naquele dia em que, ainda na Floresta de Randan, decidira conjurar o Demônio para que ele viesse ajudá-la a mudar de situação.

Alguma coisa estava lhe dizendo que deveria repetir o feito e era isso o que mais a enraivecia.



— Não! — pensou — Vou resistir... Hei de vencer sozinha, sem ter de dever nada a ninguém, muito menos a Satã!

Porém, quando o dia amanheceu, ela soube logo nas primeiras horas, que seria muito difícil ficar afastada de seu Mestre...

Levantando-se, apanhou o jornal que o entregador deixava todos os dias de manhã na porta de seu apartamento.

Jeanne assinava o jornal não por que estivesse interessada nas notícias políticas, econômicas ou mesmo policiais... O que ela queria ver era a página de notas sociais, onde suas amigas apareciam e onde ela mesma desejava ardentemente figurar. Como uma imensa porção de mulheres fúteis e vazias, Jeanne achava que ter seu nome e sua fotografia nas colunas sociais dos jornais paulistanos, era a consagração, a realização máxima de quem almeja um lugar ao sol na alta roda.

Na alta e fútil sociedade...

Mas, ao abrir o jornal, seus olhos bateram numa notícia da página sobre economia que a fez empalidecer.

Ali dizia-se que o Banco de Crédito e Comércio, fechara suas portas. E que todo o dinheiro que nele estava depositado, encontrava-se bloqueado até segunda ordem.

Era o Banco em que Jeanne deixara seu dinheiro...

Aquela notícia significava que, de repente, ela estava reduzida apenas à exígua importância que tinha dentro de casa e que, no máximo, daria para ela se sustentar, com muita economia, por mais duas ou três semanas.

Era a falência, a ruína, a queda para a sarjeta.

Uma situação que Jeanne não estava preparada para enfrentar de maneira nenhuma.

Desesperada, grudou-se ao telefone para tentar falar com alguém, para tentar entrar em contato com seus clientes banqueiros e homens de negócios que, certamente, conheceriam uma maneira de salvar seu dinheiro, saberiam como agir em um momento desses de maneira a não morrer de fome apesar de ter uma fortuna num Banco.

Uma fortuna que já vinha minguando desde algum tempo e que, de repente, se vira bloqueada.

Mas, para seu horror, não conseguia uma só ligação, um só contato.

Todos os seus conhecidos, certamente enfrentando o mesmo problema, estavam ocupados demais para atendê-la e, assim, Jeanne se viu perdida, órfã de pai e mãe no meio de um caos econômico que poderia significar uma dramática reviravolta em sua vida.



— Estou acabada! — exclamou — Dentro de um mês não terei o que comer, nem sequer terei como pagar o aluguel deste apartamento ou o salário da empregada!

Foi nesse momento que ela se lembrou de Satã.

\*\*\*\*\*

Imediatamente, Jeanne relacionou o sonho que tivera durante a noite com o que acontecera e chegou à conclusão de que tudo aquilo podia muito bem ser obra do Príncipe das Trevas, unicamente para obrigá-la a ir procurá-lo.

Sacudiu a cabeça negativamente e disse, sabendo que, uma vez que ela estava falando em voz alta, Satã poderia ouvi-la:

Não! Não vou procurá-lo! Não quero ser sua escrava e nem mesmo sua discípula!

Assim dizendo, foi para o banheiro tomar uma ducha, imaginando que isso seria um ótimo remédio para o nervosismo que a possuía.

Se Jeanne pensava que depois do banho iria se sentir bem e com disposição para sair à rua e tentar conseguir alguma coisa junto à diretoria do Banco ou, que fosse, através de advogados, estava muito enganada.

Continuou a se sentir muito mal, andando de um lado para o outro pelo apartamento, atrapalhando o serviço da empregada e fazendo com que esta, por sua vez, ficasse preocupada com a sua estabilidade no emprego.

Ouvira a patroa dizer que estava sem dinheiro, ouvira no rádio da cozinha a notícia sobre o Banco e, sem muito esforço concluiu que o melhor que teria a fazer era tratar de ir embora, era aceitar aquele emprego que uma conhecida de Jeanne lhe oferecera às escondidas e...

Pelo menos garantiria o salário do mês.

A patroa, com certeza, ainda tinha algum dinheiro em casa, pelo menos o suficiente para lhe pagar os dias trabalhados e, depois do almoço, ela se faria ao largo, em busca de portos mais seguros e mais garantidos contra essas intempéries financeiras.

Falou para Jeanne suas intenções e chegou a ficar surpresa ao ver que a francesa, muito ao contrário do que esperava, nada disse. Pareceu-lhe até que Jeanne ficara satisfeita com a notícia.

— Sem dúvida — pensou a empregada — a situação deve estar muito ruim... Para uma mulher como Jeanne resolver que é melhor ficar sem empregada... É sinal de que não está podendo pagar nada, mesmo!



O restante do dia foi um acúmulo de reveses assustador.

Perdeu o relógio, um automóvel respingou-lhe água no vestido, discutiu com o zelador do edifício, não conseguiu falar com ninguém e, para culminar, à noitinha, quando ligou para Regina, uma jovem senhora que considerava como sendo sua amiga, teve o desprazer de ouvi-la dizer, ao lhe contar suas desventuras:

— Isso não me espanta... As andorinhas aventureiras sempre acabam do mesmo jeito... Quando chega o inverno, as que não se mudam para climas melhores e mais propícios, acabam sucumbindo de fome e de frio...

— O que está querendo dizer com isso, Regina? — perguntou Jeanne, chocada — Está insinuando que eu seja...

— Uma aventureira? — interrompeu a outra com uma risada — Não, Jeanne... Não estou insinuando. Estou, simplesmente dizendo, afirmando... Você é uma aventureira que não mede esforços para vencer... Isso até seria muito bonito e muito louvável se você fizesse uso de métodos decentes! Mas é justamente o contrário! Você não está se incomodando com nada, não liga para a moral, não se preocupa com a felicidade das outras pessoas, principalmente com a daquelas que você precisa massacrar para poder subir um degrau.

Antes que Jeanne tivesse tempo de contestar, Regina prosseguiu:

— Eu aprendi a conhecê-la, Jeanne... E não pense que sou uma ingênua para não perceber como você se insinuou para o meu marido... Aproveitou que uma tarde, quando eu ainda não imaginava a víbora que se esconde por trás desse seu sorriso e desses seus olhos azuis cheios de falsa meiguice, em que lhe contei que minha vida conjugal não estava indo às mil maravilhas... Aproveitou-se de minha fraqueza e, imediatamente, começou a procurar Roberto em seu trabalho... Como quem não quer nada, como se fosse mera coincidência você aparecer lá à hora do almoço comentando que detesta ser obrigada a almoçar sozinha... Você tentou, Jeanne... Só não conseguiu por que se esqueceu que os casamentos têm crises como qualquer outro relacionamento inter-humano... Mas, no casamento, quanto ele é verdadeiro, existe algo mais. Existe o amor. E é esse amor que faz com que os matrimônios perdurem, vençam dificuldades e obstáculos à felicidade como você!

E, com um tom irônico na voz, ela completou:

— Fico muito feliz sabendo que você está quebrada. Assim, você terá de ir embora de São Paulo ou, então, o que será mais fácil de acontecer, será obrigada a ocupar a sua verdadeira posição na sociedade:

rodando as chaves numa esquina qualquer da Avenida São João!

Assim dizendo, Regina bateu o telefone e deixou Jeanne olhando abismada para o aparelho mudo em suas mãos.

Ela demorou cerca de quinze minutos para se recuperar da surpresa.

Não conseguia entender como Regina ficara sabendo de sua aventura com Roberto, uma aventura que tinha sido muito mais do que secreta e em que ele mesmo tomara tantos cuidados para não ser visto por pessoas conhecidas...

Era bem verdade que a intenção de Jeanne era conquistar o marido de Regina de uma forma definitiva mas, percebera muito rapidamente que seria impossível. Roberto jurara-lhe o mais intenso amor mas... Estava impedido de se separar de Regina mesmo porque o dinheiro de que dispunha para investir em seus negócios vinha da família dela e ele não estava disposto a começar tudo de novo só por causa de um outro amor.

Por sua vez, quando soube que a fortuna de Roberto era muito mais de Regina do que dele próprio, perdera completamente o interesse.

Encontrara-se com ele três vezes e, depois... nunca mais.

— Aquele idiota! — exclamou ela — Com certeza a mulher desconfiou de alguma coisa e, pressionado, acabou contando tudo! Não passa de um imaturo, de um moleque incapaz de arcar com a responsabilidade de seus atos e, no fundo, de um pobretão que vive às custas de Regina!

Com um gesto irado, arrematou:

— E eu não preciso de um pobretão! Muito pelo contrário, preciso de um homem rico, de um homem que tenha como sustentar os meus caprichos!

\*\*\*\*\*

Sozinha em seu apartamento, a noite parecia interminável para Jeanne.

Pela primeira vez desde que chegara ao Brasil, ela sentia o mesmo que quando ainda estava em Auvergne, absolutamente só e sem perspectivas, no bangalô de Gabrielle.

— Não vou suportar tudo outra vez! — gemeu — Não quero passar por tudo aquilo de novo!

Inquieta, andando de um lado para o outro como uma leoa enjaulada, percebeu que enlouqueceria se continuasse ali. Precisava tomar ar, ver outras pessoas, mostrar a si mesma que ainda estava viva e que, afinal de contas, tinha de haver esperança.



Olhou o relógio, constatou que passava pouco de oito horas da noite, portanto, ainda era bem cedo.

Resolveu sair um pouco, caminhar pela rua, sentir o ar da noite. Talvez isso lhe trouxesse alguma idéia, talvez encontrasse uma maneira de resolver a sua situação.

Nessa época, seu apartamento era em Santa Cecília, na rua das Palmeiras e bem em frente à Igreja. Dali, a pé, Jeanne poderia ter seguido para o largo do Arouche onde havia mais movimento ou para a Praça Marechal Deodoro onde algumas sorveterias famosas ficavam sempre cheias de gente.

Mas não...

Por alguma razão que ela mesma não saberia explicar, Jeanne subiu a Frederico Abranches e, depois de caminhar por quase um quarto de hora sem rumo e sem destino, dobrando esquinas e atravessando ruas, parou diante do portão da residência de Pérsio de Arruda, uma casa enorme, com o terreno ocupando quase um quarteirão inteiro da Alameda Barros e a construção, alta e imponente, fazendo Jeanne imaginar a formidável quantia de dinheiro que aquele homem deveria possuir.

— Para alguém assim não há crise — pensou, admirando os entalhes do portão, iluminado por uma lâmpada maior e mais forte que as da rua.

Nesse momento, notou que havia um homem ao seu lado.

Chegou a se assustar pois não notara que ele estivesse ali quando parara diante do portão e nem sequer ouvira passos pela calçada indicando que ele estivesse se aproximando.

O homem se encontrava a menos de dois metros de distância e, como o lugar em que estava fosse mais escuro, Jeanne não conseguia ver suas feições. Podia dizer, apenas, que parecia ser elegante, estava bem vestido e tinha o porte altivo, o porte de um indivíduo fino e bem educado.

Ouviu-o dizer:

— Você poderia ter dez casas iguais a essa, se quisesse...

Mais uma vez, Jeanne se assustou.

O homem tinha falado em francês.

E era impossível que ele soubesse a sua nacionalidade!

Atônita, olhou para ele e, com a voz parecendo presa em sua garganta, indagou:

— Mas como descobriu que eu sou francesa?

— Ora! — respondeu ele com uma risada e chegando mais perto dela — Eu a conheço muito bem!

Com um timbre de reprovação na voz, acrescentou:

— Você é que não conhece mais os amigos...

Jeanne pode, então, ver o seu rosto.

Sentiu um calafrio a lhe percorrer todo o corpo ao reconhecer os olhos cheios de maldade, os lábios finos, a pele morena...

Ele estendeu a mão e tocou o rosto de Jeanne.

Era a mesma mão quente, suave, sensual...

Jeanne sentiu que flutuava, sentiu que aquele toque a excitava de uma tal maneira que, quando deu conta de si, estava abraçada ao homem, dizendo:

— Toque-me mais... Possua-me! Possua-me aqui! Quero ser sua! Sei que com você eu vou conseguir...!

Escutou uma risada.

Era aquela mesma risada, assustadora e ao mesmo tempo inebriante.

— Com que então, você precisa de mim, não é mesmo, Jeanne?

— Sim! — disse ela, aflita — Estou precisando de você!

Tentando agarrar-se a ele, acrescentou:

— Na realidade, acho que sempre precisei de você... Pelo menos para isso!

Satã afastou-a com brutalidade e falou:

— Pois não merece ter o que eu posso lhe dar, Jeanne! Você se esqueceu de mim! Achou que poderia me preterir! Agora...

Jeanne balançou a cabeça negativamente e gemeu:

— Não! Eu não o desprezei! Tampouco o esqueci!

Tentando em vão se aproximar pois a cada passo que dava em sua direção parecia que Satã flutuava para mais longe, ela completou:

— Você sabe que estou em dificuldades... Precisa me ajudar!

Recuperando um pouco de seu controle, disse:

— Já me ajudou uma vez. Recebeu o que quis. Sabe, portanto, que sou boa pagadora. Ajude-me de novo! Peça o que quiser e ajude-me!

Satã ficou em silêncio por alguns instantes.

Não foi mais do que alguns segundos mas para Jeanne pareceram séculos que se escorriam lenta e preguiçosamente, tão ansiosa ela estava.

— Está bem — disse o Príncipe das Trevas — Vou ajudá-la. Mas, para começar, eu devo, lhe dizer que o que você mais quer agora, ou seja, poder sentir prazer com um homem, jamais vai acontecer. Você só sentirá prazer comigo... E eu só lhe darei prazer quando eu quiser.

Olhou para Jeanne e seus olhos pareceram atravessar sua alma quando ele falou:

— Sua situação vai se resolver... Mas antes... é preciso que você me dê a alma de um padre...



Assim dizendo, ele riu outra vez e, fazendo um gesto com as mãos, foi envolto por uma labareda fulgurante antes de desaparecer.

Jeanne voltou para seu apartamento cambaleando como se tivesse bebido um litro de aguardente.

Por alguns momentos, tentou se convencer de que tinha tido uma visão, de que tudo não passara de uma ilusão, de uma brincadeira de mau gosto que sua mente lhe tinha pregado por causa de todos os aborrecimentos do dia.

Porém, ela sentia o anel de ferro em seu dedo, a aliança do pacto com o Demônio e, parecia-lhe que ele estava mais quente, parecia-lhe que o anel estava apertando um pouco seu dedo como que a lembrá-la de que tudo tinha sido real e que ela deveria seguir à risca o que Satã lhe dissera.

Olhou ao seu redor, os móveis que tinha comprado, os objetos, o apartamento de que tanto se orgulhava...

Teve medo de perder aquela comodidade, de não mais poder usufruir de todo aquele conforto.

Apavorou-se com a idéia de que talvez fosse obrigada a mudar para um lugar mais pobre e, com certeza, acabaria tendo de cair na baixa prostituição para poder sobreviver.

Não! — exclamou — Não vou sofrer essa humilhação! Se tudo o que ele quer é a alma de um padre, amanhã mesmo ele a terá!

## CAPÍTULO XIII

Jeanne acordou, na manhã seguinte cheia de disposição, apesar de ter dormido mal, pois perdera uma boa parte da noite tentando encontrar em sua memória o padre mais adequado para lhe roubar a alma...

A resposta lhe veio pela manhã, naquele momento mágico que precede o despertar, quando ainda se está imerso no mundo dos sonhos mas ao mesmo tempo se começa a tomar consciência da realidade.

Jeanne ergueu a cabeça do travesseiro e disse, com um sorriso de satisfação:

— Padre Rafael! Ele é o mais indicado!

Sem perda de tempo, levantou-se, tomou um bom banho e, quando estava se enxugando, a campainha da porta soou.

Intrigada, pois não era nem um pouco habitual ser incomodada no período da manhã, ela foi atender.

Ficou surpresa ao ver Serafina, a empregada que se despedira na véspera.

Se a senhora ainda me aceitar... — falou ela, com humildade.

Jeanne, por um instante, pensou em dizer que não, que já tinha arrumado outra. Achava o cúmulo da deslealdade Serafina ir embora só por que a situação financeira da casa balançara. Porém, ela sabia que não era das tarefas mais fáceis encontrar uma moça de confiança para ficar em seu apartamento e, além do mais, Serafina já conhecia a casa, já sabia de suas manias e...

Era discreta...

Isso era muito importante pois muitas e muitas vezes, Jeanne recebia... visitas... durante a tarde. Visitas que não poderiam ser identificadas, que não poderiam correr o risco de serem denunciadas por uma empregada que as tivesse visto e reconhecido na hora de servir o café.

Está certo — falou a mulher — Pode ficar.

E, com uma expressão maldosa, acrescentou:

— Mas é a última vez que você faz o papel de rato de navio...

Serafina olhou para Jeanne sem entender o que ela estava querendo dizer e esta explicou:

— Os ratos é que se comportam como você, Serafina. Abandonam o navio quando este vai afundar...

---

Serafina riu, foi para a cozinha começar a cuidar de seus afazeres, atrasados de um dia inteiro pois a patroa não tivera ânimo nem mesmo para lavar o coador de café.

Balançando a cabeça aprovadamente, Jeanne pensou:

— De fato... O Príncipe das Trevas está trabalhando a meu favor... Serafina de volta... Daqui a pouco as coisas vão melhorar, vão entrar nos eixos e tudo voltará a ser como antes!

Em voz alta, entrando em seu quarto, ela exclamou:

— Como antes, não! Serão muito melhores!

De frente para o grande espelho em que passava horas a se arrumar, Jeanne deixou cair no chão a toalha que lhe envolvia o corpo.

Sorriu, satisfeita, para a imagem que o espelho lhe devolvia.

Sim...

Ela era muito bonita, muito desejável.

Na verdade, a gravidez não fizera mais do que amadurecer seu corpo e transformá-lo num autêntico monumento ao Belo.

— Ninguém poderá me resistir — disse ela passando as mãos pela curva dos quadris — Nem mesmo um padre, por mais santo que seja e...

Riu, acrescentando:

— Sei muito bem que o Padre Rafael não é propriamente um santo... Já notei muito bem como ele olha para mim, de vez em quando!

\*\*\*\*\*

Vestida, perfumada e fresca como uma alface recém-colhida, Jeanne saiu de casa.

Com passos apressados, atravessou a Rua das Palmeiras e entrou na Igreja de Santa Cecília onde, com certeza, encontraria o padre.

Caminhou pela nave central do templo, olhando para as imagens de santos que havia nos altares laterais e, como sempre acontecia, sentiu um calafrio.

Não gostava de igrejas, não conseguia olhar por muito tempo para um crucifixo ou mesmo para uma imagem de um santo qualquer.

Era engraçado...

Quando ainda na Rue de la Huchette, muitas e muitas vezes, ela fora à Catedral de Notre Dame apenas para ficar lá, sentada num dos muitos bancos, gozando da paz que reinava no interior da igreja.

E, no entanto, não podia mais permanecer no interior de um templo mais do que o estritamente necessário. Muitas vezes, em

casamentos e em outras ocasiões em que era imperativo comparecer a uma Missa, Jeanne tinha de fazer um esforço de abstração muito

grande para se imaginar longe dali, em qualquer outro lugar e cercada por outra espécie de pessoas. Se não fizesse isso, sentia que poderia passar mal, que poderia até desmaiar

Jeanne deu a volta ao altar-mor da igreja sentindo mais forte do que nunca o calafrio, chegando a escutar um desagradável zumbido nos ouvidos e com a impressão de que, se se descuidasse, poderia até cair no chão.

Alcançou a porta da sacristia e, sem bater, entrou.

Padre Rafael ali estava, sentado a uma escrivaninha, passando a limpo algumas anotações.

Ergueu os olhos do trabalho quando percebeu que alguém entrara e, ao ver Jeanne, sorriu.

— Como vai, Jeanne? — perguntou — Veio se confessar?

Ela sacudiu negativamente a cabeça e, sentindo-se tímida e vulnerável, balbuciou:

— Preciso conversar com o senhor, Padre... Mas não se trata de uma confissão...

Padre Rafael pousou a caneta sobre o grande caderno em que estava escrevendo e, fixando em Jeanne seus olhos de um verde acinzentado muito vivos, disse:

— Pois sou todo ouvidos, Jeanne... Você sabe que os problemas de meus paroquianos são também meus problemas. Mesmo que venham de ovelhas meio desgarradas como você que jamais vêm à Missa, embora façam questão de contribuir com gordas somas para as obras de caridade da Paróquia...

Jeanne esboçou um sorriso sem graça.

Aquele homem a incomodava...

Era jovem, teria no máximo trinta e cinco anos de idade, era másculo e bonito, com os cabelos muito louros um pouco mais compridos do que normalmente os padres costumavam usar. Como se não bastasse a sua estampa, era um homem inteligente, sempre com as respostas na ponta da língua e...

Bem...

Padre Rafael possuía um olhar penetrante, quente, cheio de sensualidade e de segundos significados.

Quando ele a olhava, parecia estar despindo suas roupas e entrando em seu corpo, em busca da alma mas, ao mesmo tempo, aproveitando cada infinitésimo de instante desse contato extra-sensorial...

— O que tenho para lhe dizer não pode ser dito aqui, padre — falou Jeanne.



Padre Rafael ergueu as sobrancelhas e indagou, com um sorriso onde não conseguia — ou não queria — esconder a malícia:

— Não pode ser na Igreja? Mas o que será tão grave que não possa ser comentado na Casa do Pai?

Abriu um sorriso e perguntou:

— O que sugere, então?

Jeanne respirou fundo.

Dominando-se, armou o seu melhor sorriso e respondeu:

— Achei que o senhor poderia aceitar um copo de vinho esta noite, em minha casa... Ainda devo ter uma ou duas garrafas de Château Lombard, aquele vinho lionês que é considerado o melhor do mundo pelos que realmente conhecem enologia.

Padre Rafael ficou calado por um breve momento e, depois, balançou a cabeça, dizendo:

— Acho que nunca tomei esse vinho, Jeanne... E vou sentir muito prazer em visitá-la esta noite...

Sorriu e acrescentou:

— Mas faça questão de levar o queijo e o pão...

\*\*\*\*\*

Seriam nove horas da noite quando o padre Rafael chegou à casa de Jeanne.

Estava sorridente e trazia um embrulho com um grande queijo do Reino e uma bengala de pão.

— Desculpe-me por trazer este queijo, Jeanne — falou ele — Gostaria de ter conseguido um pedaço de Émenthal mas foi impossível.

Erguendo os ombros, explicou:

— Você compreende... As coisas estão difíceis, hoje em dia. Minha tentativa de fazê-la lembrar da França com um pedaço de queijo, foi por água abaixo!

Jeanne sorriu e tomando das mãos do padre o pacote, disse:

— Não era preciso se incomodar. Para mim, o importante é a sua presença.

E, falando baixo, ela acrescentou:

— Além do mais, padre... Não tenho muitas saudades da França. É um país velho, mofado, cheio de histórias de assombração. Eu fico toda arrepiada quando me lembro das coisas horríveis que me contavam quando eu era pequena e morava em Paris...



Padre Rafael sentou-se numa ponta do sofá e comentou:

— Eu também sei algumas histórias arrepiantes...

Jeanne olhou para ele com expressão interessada e curiosa.

O padre, com uma risada, indagou:

— Mas você não disse que ficava arrepiada quando escuta esse tipo de coisa? Como é que faz essa cara de quem quer ouvir?

— Não creio que um caso assombroso contado por um padre possa me arrepiar — respondeu ela.

Apanhando a garrafa de vinho e servindo-o, completou:

— De mais a mais, acho que se eu me arrepiar ou se tiver medo, com a sua presença aqui em casa, terei como me acalmar...

Padre Rafael voltou a fitar Jeanne com aqueles olhos penetrantes e ela não pode deixar de sentir um certo mal estar.

Parecia que ele estava sabendo perfeitamente o que Jeanne pretendia e, como o gato que brinca com o rato antes de matá-lo, o padre estava apenas brincando com ela para ver até onde teria coragem de chegar.

Respirando fundo e tomando um gole de vinho, o sacerdote falou:

— Você estava com a razão, Jeanne... Este vinho é realmente formidável... E, quando tomado em companhia de uma bela mulher...

Antes que Jeanne pudesse manifestar o seu espanto por aquela frase, o padre prosseguiu:

— O vinho precisa de alguns requisitos para ser completo. Assim, não se pode saborear um bom vinho sem um acompanhamento e, para que o seu espírito, para que o espírito do vinho seja de fato realçado, é indispensável que nesse acompanhamento haja uma mulher, a obra prima do Criador.

— Não me considero nenhuma obra prima — replicou Jeanne com um trejeito e sentando-se ao lado do padre.

— Mas é — disse ele prontamente — Você é uma mulher linda e é muito estranho que ainda não tenha se casado...

— Sou viúva — murmurou Jeanne — Meu marido morreu nas mãos dos alemães logo no começo da guerra.

— Pois deveria se casar outra vez — ponderou o sacerdote — Uma mulher bonita não deve ficar sozinha. Além de fazer mal à saúde, é um verdadeiro desperdício e Deus condena o desperdício, sabia?

Jeanne riu.

Pousando a mão sobre o antebraço do padre, ela falou:

— Nesse caso, o senhor deve viver em pecado. Também acho que seja um desperdício muito grande um homem tão másculo, bonito e inteligente ficar assim, celibatário...



Padre Rafael ia dizendo que o celibato clerical era uma opção de vida que os padres faziam quando decidiam abraçar o sacerdócio mas, Jeanne não o deixou.

Apressada, temendo que aquele assunto desse início a uma discussão estéril sobre vocações sacerdotais e outras coisas congêneres, ela disse:

— Mas eu não o convidei para ficarmos conversando sobre um tema que só serve para levantar a discórdia...

Ficando subitamente séria, Jeanne falou:

— Estou muito preocupada, padre. Muito preocupada com o meu futuro.

O sacerdote sorriu e replicou:

— Não vejo como você possa estar preocupada, Jeanne... Você é rica, bonita, jovem... Não tem nenhuma razão de se preocupar com o futuro material.

Fitando-a com intensidade, acrescentou:

— A menos que esteja falando de seu futuro espiritual e, nesse caso, talvez eu possa ajudar em alguma coisa...

Jeanne balançou a cabeça negativamente e murmurou:

— Não, padre... Não estou preocupada com o meu futuro espiritual. Não tenho como me preocupar com ele. Mas, em compensação, materialmente, as coisas não andam nem um pouco bem para mim. E isso, no presente, no momento atual. Imagine como vai ficar no futuro, a minha vida, sem ninguém para me ajudar, sem ter uma só pessoa para me apoiar! Sem ter um ombro onde encostar a minha frente em momentos de aflição como os que tenho passado nas últimas horas!

Torcendo as mãos nervosamente, ela disse:

— O senhor sabe que o Banco de Crédito e Comércio fechou... Meu dinheiro estava lá e, agora...

Suspirou doloridamente e concluiu:

— Fiquei sem dinheiro, padre... Completamente sem dinheiro! Não sei, simplesmente, se terei como comer amanhã...

Padre Rafael balançou a cabeça para a frente e para trás, mostrando que compreendia a situação de Jeanne. Depois de refletir alguns momentos, ele murmurou:

— De qualquer maneira, não acredito que você morra de fome... Aliás, pode ter certeza que sempre encontrará alguma coisa na sacristia em que eu estiver!

Jeanne inclinou-se para o padre, encostando a cabeça em seu ombro, aproximando-se mais dele de maneira a fazê-lo sentir suas



formas, especialmente o contorno de seus seios.

Notou instantaneamente que o sacerdote se contraía e, insistindo na proximidade, ela falou:

— Eu sempre soube disso, padre... E não me preocupo por causa de um prato de comida, de um dinheirinho para pagar a conta de luz ou até mesmo para ajudar a pagar o aluguel... Sempre soube que poderia contar com o senhor num momento assim.

Afastou-se um pouco e, olhando de frente para o sacerdote, seu rosto ainda bem perto do dele, Jeanne murmurou:

— Há outras coisas que uma mulher de minha posição precisa ter para não se considerar a mais infeliz pessoa do mundo... Coisas como roupas íntimas finas, coisas como perfumes...

Virou um pouco de lado, mostrando o pescoço perfeito para o padre enquanto dizia:

— Perfumes como este que estou usando... Sinta como é agradável, como é inebriante...

O padre hesitou. Ele estava começando a tremer, estava vermelho como um pimentão e em sua testa começavam a aparecer gotas de suor.

Nervoso, serviu-se de mais um cálice de vinho, tomou-o de um só gole e voltou a enchê-lo, com um suspiro que, para Jeanne, pareceu mais ser um gemido.

Impiedosa, ela continuou:

— Pena que esses perfumes custem tão caro, padre. E pena que eu não possa mais comprar minhas roupas de baixo como vinha fazendo até hoje.

Antes que o padre pudesse reagir, pudesse protestar ou simplesmente se levantar para ir embora, ela abriu a blusa, mostrando-lhe o sutiã, enquanto dizia:

— Veja, padre... Não é bonito? Não é uma pena que eu não possa mais comprar outros assim?

O pobre sacerdote estava petrificado.

Não sabia se fechava os olhos ou se os mantinha abertos, não sabia sequer se conseguiria juntar forças suficientes para se erguer daquele sofá e sair dali em desabalada carreira.

Como se não bastasse, Jeanne soltou a presilha do sutiã, deixando os seios livres, lindos, os mamilos castanhos pontudos, como se quisessem furar os olhos do padre Rafael.

— Ou será que os prefere assim, padre...? Livres... Soltos... Rebeldes e tentadores...?

Era demais para o pobre homem...

Depois de mais de quinze anos de abstinência absoluta, ele pensava que já estivesse imune a esse tipo de tentação... Porém, descobriu da maneira mais dolorosa que o instinto animal não é tão facilmente debelado.

Sentiu aumentar o tremor que já o vinha acometendo, sentiu algo semelhante a um fogo subindo de suas entranhas e querendo explodir de dentro de seu corpo.

Agarrou Jeanne, acariciou seus seios e, alucinado, completamente fora de si, tentou livrá-la do restante das roupas.

Mas Jeanne fugiu.

Com um repelão, afastou-se do padre e, com um sorriso maldoso, disse:

— Não, meu amigo... Não por uma bengala de pão e uma bola de queijo...

Padre Rafael compreendeu o que ela estava querendo dizer.

Envergonhado, revoltado contra si mesmo, ele respirou fundo e, em passos apressados, dirigiu-se para a porta.

Talvez quisesse dizer uma porção de coisas para aquela mulher, talvez até a esbofeteasse mas...

A culpa era muito mais dele mesmo...

Sabia que a provocara, que usara muitas e muitas vezes palavras de duplo sentido quando se dirigira a Jeanne.

Era o seu jeito, o que poderia fazer?!

Ali estava o resultado...

Com certeza, aquela mulher pensara que ele, como pároco, tivesse acesso ao dinheiro da igreja...

Padre Rafael segurou a maçaneta da porta, tentou em vão abri-la... Estava trancada e Jeanne, segurando a chave, falou:

— Pode ir, padre... Mas sei que vai para sua cama pensando no que aconteceu... Pensando no que perdeu...

\*\*\*\*\*

Seria pouco mais de uma hora da madrugada e padre Rafael ainda não tinha ido para a cama.

Chegara à casa paroquial, ajoelhou-se para rezar, para pedir perdão a Deus por ter sucumbido à tentação mas nem mesmo isso conseguiu fazer. Seus pensamentos não se afastavam daquela imagem, não lograva tirar da mente a lembrança do contato de seus lábios com aqueles mamilos túrgidos, com aqueles seios palpitantes, frementes de

desejo, prometendo um prazer indizível...

Um prazer que ele pensava já ter esquecido mas que, de repente, ressurgia em sua memória e em seu corpo tão vívido, tão concreto.

Levantou-se, como um autômato, caminhou até sua escrivaninha e apanhou de uma das gavetas o envelope onde guardava o dinheiro da paróquia.

Segurando com as duas mãos o envelope, atravessou o Largo de Santa Cecília e entrou no prédio de Jeanne.

Da janela da sala, ela presenciou a cena e sorriu.

Mais uma vez, Satã tinha vencido. O padre caíra na armadilha e Jeanne apenas se surpreendia com a facilidade com que isso acontecera.

Abriu a porta para recebê-lo vestida num negligé tão leve que era quase transparente, deixando entrever suas curvas, mostrando toda a sua sensualidade...

— Eu sabia que você iria voltar, Rafael — falou ela, beijando-o — Sabia que não deixaria uma mulher a ver navios...

— Eu a quero — falou o padre — Eu a quero como jamais quis qualquer outra coisa em minha vida...

Jeanne apanhou o envelope e guardou-o numa gaveta de sua mesa de cabeceira, trancando-a em seguida.

Depois, puxando o padre para a cama, ela disse:

— Vamos... Tire essa batina... Acho que não fica bem estar usando roupas para o que vamos fazer agora... E, ainda mais quando são roupas clericais, não acha?

\*\*\*\*\*

Padre Rafael deixou o apartamento de Jeanne um pouco antes do amanhecer.

Ele não se sentia bem...

Sabia o que fizera, sabia que pecara mas, o pior de tudo era ter a certeza de que jamais poderia continuar a viver sem aquela mulher.

Não voltou para a casa paroquial.

Como um sonâmbulo, ele caminhou ao longo da Rua das Palmeiras, atravessou o Largo do Arouche e foi para a Praça da República.

Sentou num banco em frente ao Caetano de Campos, ali se deixou ficar por quase uma hora e, depois, caminhou ao longo da Barão de Itapetininga até o Viaduto do Chá.

Olhou para baixo.

Ergueu a cabeça para o céu e, em seguida, saltou.



## CAPÍTULO XIV

Jeanne não deixou de ficar impressionada com a morte do padre, publicada em todos os jornais, assunto obrigatório em todas as conversas.

Porém, para ela, era apenas a confirmação de que, mais uma vez, havia quitado sua dívida com o Príncipe das Trevas.

— Agora — pensou Jeanne — Só tenho de esperar que ele cumpra a sua parte no pacto...

Não precisou esperar muito.

Naquela mesma tarde, um senhor veio procurá-la com uma pasta de couro na mão, dizendo-lhe que recebera ordens para lhe trazer algumas coisas.

Desconfiada, Jeanne não quis deixá-lo entrar mas o homem, com um sorriso, mostrou suas credenciais e explicou:

— Foi o doutor Tomás Camargo que me enviou aqui.

Jeanne franziu as sobrancelhas e, depois de um esforço de memória, lembrou-se do empresário que tinha sido o seu primeiro *cliente* a bordo do navio que a trouxera para o Brasil.

Abriu um sorriso e afastou-se da porta para que o visitante pudesse entrar, enquanto este dizia:

— O doutor Tomás acaba de ser nomeado pelo Governo como interventor no Banco de Crédito e Comércio. E, como sabia que a senhora tinha conta lá, achou que ficaria contente em ser a primeira a receber a devolução de suas economias...

Baixando a voz, acrescentou:

— A primeira e provavelmente a última... Logo depois de ter assinado a ordem de pagamento, o Governo mandou paralisar todas as operações do banco... Ninguém mais vai receber um só tostão por um bom tempo!

Jeanne olhou maravilhada para as cédulas novas que o homem tirava de dentro da pasta e, depois de contar e conferir tudo, ele disse:

— O doutor Tomás pediu-me para avisá-la que virá esta noite fazer uma visita para a senhora. Pediu-me que lhe dissesse para esperá-lo.

Jeanne fez um sinal afirmativo com a cabeça e falou:

— Pois diga ao senhor Tomás que eu estarei à sua espera... Esta noite ou qualquer outra que ele queira.

Depois que o emissário de Tomás Camargo foi embora, Jeanne sentiu vontade de dançar de alegria.

Parecia mentira o que estava acontecendo! As luzes se acendiam de repente, tudo ficava claro... E ela se enchia de esperanças.

— Realmente — disse Jeanne em voz alta — O Príncipe das Trevas é muito poderoso!

Nesse instante, Jeanne escutou uma risada e no momento seguinte, uma voz lhe disse:

— É muito bom que você saiba disso, Jeanne! Assim, jamais vai tentar me passar para trás! Sabe que se eu quiser...

Dominando o susto e o medo que sempre sentia quando esses fenômenos ocorriam, Jeanne falou:

— Não pretendo passá-lo para trás, Príncipe das Trevas! Mas pode deixar que eu faço questão que você cumpra tudo o que me prometeu. E, por enquanto, apenas recebi o meu dinheiro de volta. Isso não é tudo, não é verdade?

Mais uma vez, Satã riu. Ao mesmo tempo que um horrível cheiro de enxofre invadia a sala, ele falou:

— Não, Jeanne... Isso não é tudo. Você ainda terá, daqui a pouco, provas concretas de meu poder.

Jeanne lembrou, de repente, da conversa que tivera com Regina ao telefone. Mais uma vez, sentiu um ódio mortal por ela e disse:

— Há uma mulher que me magoou... Que me humilhou! E eu quero que você a castigue! Creio que ela merece uma punição para aprender a não se fazer de superior aos outros!

Satã respondeu, a voz muito profunda:

— Você mesma fará isso, Jeanne. Já se esqueceu que tem poderes? Já esqueceu que pode fazer muita coisa com a Magia Negra?

— Mas eu não sei nada sobre isso! — protestou ela — Nem sequer cheguei a ser iniciada como feiticeira!

A voz de Satã soou, severa:

— Você tem um pacto com o Príncipe das Trevas, Jeanne. É mais do que natural que faça alguns... feitiços! E você sabe muito bem como fazê-los... Basta que apanhe aquele livro velho que trouxe do bangalô de Gabrielle!

Assim dizendo, Satã riu mais uma vez e silenciou.

Nesse momento, Serafina surgiu na sala perguntando:

— Com quem a senhora estava falando, dona Jeanne?

Jeanne olhou espantada para a empregada e disse:

— Com ninguém, ora essa! Ficou louca? Está ouvindo vozes?

Serafina fez uma expressão de dúvida e, farejando o ar como um cão sabujo, comentou:

— Mas que cheiro de enxofre... Até parece que um Exu baixou nesta sala!

Jeanne não entendeu muito bem o que a empregada queria dizer com aquilo mas percebeu que o melhor a fazer era mudar rapidamente de assunto e, quase ríspida, disse:

— Terei uma visita importante esta noite, Serafina... Por isso, gostaria que preparasse uns salgadinhos e uma torta de maçãs... Se não me engano era esse doce que Tomás disse preferir.

\*\*\*\*\*

Enquanto esperava a chegada de Tomás Camargo, Jeanne resolveu seguir o conselho de Satã e, apanhando entre seus guardados o velho livro de Gabrielle, abriu-o ao acaso, sem a menor idéia de onde começar a procurar os feitiços que poderia fazer para prejudicar Regina.

Sorriu ao ver que a mão do Príncipe das Trevas estava presente: o livro se abriu exatamente na página certa. Leu o texto com toda a atenção e, com um sorriso maldoso nos lábios, pôs-se em ação.

Trancou-se em seu quarto pois não queria que a empregada aparecesse e a apanhasse com a mão na massa, apanhou uma folha de papel e uma tesoura e recortou um boneco de saias, mentalizando enquanto realizava esse trabalho, o nome e a fisionomia de Regina. Em seguida, acendeu uma vela e aproximou o boneco da chama. Quando ele começou a queimar, ela disse:

— A ele que castiga, a ele que tem o poder, a ele que é o Senhor do Mal, a ele e a todos os seus súditos... Levai a dor para essa maldita!

Precisamente nesse instante, Jeanne escutou um trovão.

Ergueu a cabeça e olhou pela janela, para o dia que terminava, claro, límpido, sem uma só nuvem no céu.

Sorriu.

Sabia que não tinha sido um trovão, mas tão somente o sinal enviado por Satã para lhe dizer que estaria propiciando o castigo para Regina.

Jeanne recolheu as cinzas que restaram do boneco, apagou a vela e atirou tudo pela janela.

Poderia dormir tranquila, aquela noite...

Tinha a certeza de que pela manhã, receberia notícias da mulher. E era mais do que evidente que não seriam notícias das melhores.

Com toda a calma, começou a se despir.

Queria tomar um banho e se perfumar, queria estar linda e

desejável para quando Tomás chegasse.

Jeanne achava que, depois do Príncipe das Trevas, se havia alguém que merecesse um prêmio, um sinal de gratidão, esse alguém tinha de ser Tomás Camargo.

E ela tinha certeza de poder premiá-lo em grande estilo, sabia muito bem que poderia fazê-lo ficar mais do que satisfeito.

\*\*\*\*\*

Já passava de dez horas da noite quando Tomás chegou.

Estava sorridente, parecia extremamente feliz e, depois de beijar Jeanne como somente os apaixonados sabem fazer, ele perguntou:

— E então? Ficou satisfeita com a surpresa?

— Mas é claro, querido — respondeu a mulher — Se você soubesse como eu me afligi desde que o Banco fechou...

Ajudando-o a tirar o paletó, Jeanne completou:

— Mas eu teria ficado tranquila se soubesse que você seria nomeado interventor... Tenho certeza que jamais me deixaria na mão!

Aceitando o drinque que Jeanne preparara para ele, Tomás falou:

— Nem eu mesmo sabia dessa decisão do Governo. Fui apanhado de surpresa com essa nomeação.

Abriu um sorriso, apanhou um salgadinho que Serafina viera servir e murmurou:

— São coisas inexplicáveis, Jeanne... Quando cheguei ao Banco, pela manhã, nem tinha idéia do que deveria fazer. Tudo estava uma confusão infernal, ninguém entendia ninguém, o povo querendo entrar ainda que à força e a Polícia contendo as pessoas à custa de cassetetes.

Tomou um gole da bebida e continuou:

— E eu estava ali dentro, sem jamais ter sido banqueiro, sem ter a menor experiência de administração de uma casa bancária, ainda por cima, uma casa bancária falida.

Sorriu e disse:

— Mais para não ficar sem fazer nada, mais para dar uma satisfação aos funcionários que ali estavam, aflitos e ansiosos, pedi para que me levassem ao arquivo de fichas de correntistas. Abri uma gaveta e a primeira ficha que apanhei, foi justamente a sua...

Ergueu os ombros e arrematou:

— É claro que mandei devolver seu dinheiro. Encontrei a desculpa perfeita, ali na ficha estava escrito que você não tem emprego e é viúva. Não poderia ser mais perfeito!

Jeanne franziu as sobrancelhas, intrigada. Ela se lembrava muito

bem de ter marcado como profissão, “artista plástica” e que assinalara “solteira” como estado civil...

— Mas eu... — começou a dizer.

Nesse momento, olhou para Tomás...

Empalideceu...

Tomás tinha os lábios finos, maldosos... Os olhos, de repente tinham se transformado em duas brasas, quentes, penetrantes...

Ele riu.

— Como eu lhe disse, Jeanne... O Príncipe das Trevas pode qualquer coisa... Até mesmo tomar o lugar de seu amante!

Tocou o braço de Jeanne...

Ela sentiu o calor de sua mão, sentiu um contato que transcendia o simples toque físico.

Jeanne tinha certeza de que Satã a tocava dentro da alma, que não era apenas seu corpo que o sentia, mas todo o seu ser, físico e metafísico, corporal e espiritual.

Foi dominada por uma excitação incontrolável, por um desejo tão violento que ela aceitaria morrer naquele instante apenas para poder se satisfazer...

O Príncipe das Trevas ergueu-a nos braços como se ela fosse uma pluma e, flutuando no ar, sem tocar o chão — e Jeanne podia ter certeza disso pois não sentia os passos que ele dava — levou-a para o quarto.

Lenta e calmamente, ele começou a despi-la. Depois, com um gesto, sem tocar no comutador, ele apagou a luz.

Contudo, o quarto continuava claro, iluminado por uma luz avermelhada que parecia emanar do próprio Satã...

Ele estava nu... Jeanne não o vira se despir, mas ele estava nu.

Era maravilhoso, ela jamais vira um corpo tão perfeito, tão bonito, tão bem proporcionado.

— Não pensei que o Demônio pudesse ser tão belo — murmurou, enquanto sentia suas mãos ardentes deslizarem por seu corpo — Sempre pensei que o Demônio fosse a expressão do horror...!

Com uma risada, Satã replicou:

— Você se esquece que no Gênesis, eu era um anjo chamado Lúcifer... E que era o mais belo dos anjos! Foi por isso que Ele me expulsou do Céu. Por medo e inveja de minha beleza!

Mas Jeanne não estava preocupada com explicações. Ela queria que ele a possuísse, já começava a sentir o prazer, já começava a experimentar as delícias do prazer absoluto e queria chegar ao fim...

Sim...

Dessa vez ela sabia que conseguiria. Com Satã, ela teria a satisfação que lhe era negada com qualquer outro...

## CAPÍTULO XV

Jeanne acordou e viu, ao seu lado, Tomás Camargo dormindo como um anjo.

Sorriu.

Lembrava-se muito bem do momento em que Satã deixara seu corpo, a iluminação avermelhada desaparecendo e o quarto mergulhando na mais perfeita escuridão enquanto Jeanne ainda sentia os espasmos provocados pelo prazer intenso que tivera.

Olhou o relógio sobre a mesinha de cabeceira e constatou que já passava muito de quatro horas da madrugada.

Hesitou entre acordar Tomás ou não.

Ele estava dormindo tão bem, tão relaxado e satisfeito que sentiu pena de interromper-lhe o sono. Com todo o cuidado, levantou-se e foi até a cozinha pois, após tudo o que sentira durante a noite, seus lábios estavam ressequidos e Jeanne estava com muita sede.

Lembrou-se já com saudades e novamente cheia de desejo, das delícias que Satã lhe proporcionara e não pode deixar de pensar que haveria de querer muitas outras noites como aquela.

Tomou quase uma jarra de água e foi para a sala onde se deixou cair no sofá, sentindo as pernas bambas, os joelhos quase se dobrando tal o estado de exaustão em que se encontrava.

Reclinando a cabeça para trás, murmurou:

— Até que Satã não foi muito exigente... O que senti hoje, apenas pela alma de um padre...

Sorriu consigo mesma, pensando:

— Poderia entregar-lhe um convento inteiro...

Olhou para fora, para o Largo de Santa Cecília à luz mortiça da madrugada e perguntou-se:

— E agora? Que eu vou fazer? O que será que Satã reservou para mim?

Nesse momento, ela ouviu a voz do Príncipe das Trevas bem junto ao seu ouvido:

— Você ficará com Tomás... Ele poderá lhe dar tudo o que deseja



e, por sua vez, você ficará devendo alguma coisa para mim. Alguma coisa que eu vou cobrar mais tarde e, então, você ficará sabendo de que se trata...

Satã estava tão perto dela que podia sentir o seu hálito quente no pescoço, causando-lhe nova onda de desejo.

Voltou a cabeça vivamente para ver o Príncipe das Trevas mas...

Não havia ninguém ali.

— Não, Jeanne — disse o Demônio — Por hoje, chega... Para ter mais, você terá de fazer outras coisas, terá de se desincumbir de novas tarefas.

— Mas isso não está certo! — protestou ela — Preciso de você! Sabe muito bem que só em seus braços é que eu consigo...

Satã interrompeu-a, dizendo com energia:

— Terá de aceitar as minhas condições, Jeanne... A menos que queira voltar a ficar sem nada e sem ninguém!

Jeanne balançou a cabeça negativamente e murmurou, com medo:

— Não... Isso Não... Não quero passar outra vez por uma aflição igual!

Satã riu aquela sua gargalhada sarcástica e apavorante.

— Isso não acontecerá, Jeanne — falou — Desde que faça as coisas como eu mandar. E desde que seja uma verdadeira discípula do Príncipe das Trevas!

— Isso, eu já sou, não acha? — protestou Jeanne com irritação — E creio que já provei o suficiente...

Satã ignorou o comentário e disse:

— Quando o dia amanhecer você terá mais uma prova de meu poder. E quando a noite chegar, terá outra. Verá com seus próprios olhos que o poder do Príncipe das Trevas é ilimitado!

Riu, mais uma vez e concluiu:

— Hoje, à meia-noite, você renderá uma homenagem a mim. Irá a um endereço que eu deixarei para você e, uma vez lá, saberá exatamente o que fazer.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes mas Jeanne sabia que não tinha ido embora. Sentia-o ali, bem próximo, tinha consciência de que ele ainda tinha o que dizer.

Estava certa.

O Príncipe das Trevas sussurrou ao seu ouvido:

— Não será muito fácil, Jeanne. Você terá de passar por muitas provas... Mas, quando chegar a ser uma autêntica discípula de Satã, com certeza terá tantos poderes que poderá até dominar o mundo...